BIZZ

ENTREVISTA SLASH
O novo disco do Guns

THUNDERBIRD:
"Tem censura na MTV!"

AS IMAGENS QUE SÓ A BIZZ CONSEGUIU
Robert Plant
Shabba
Aerosmith
Chico Science
Sepultura
Chaka Demus & Pliers

GABRIEL
O PENSADOR CRUCIFICADO

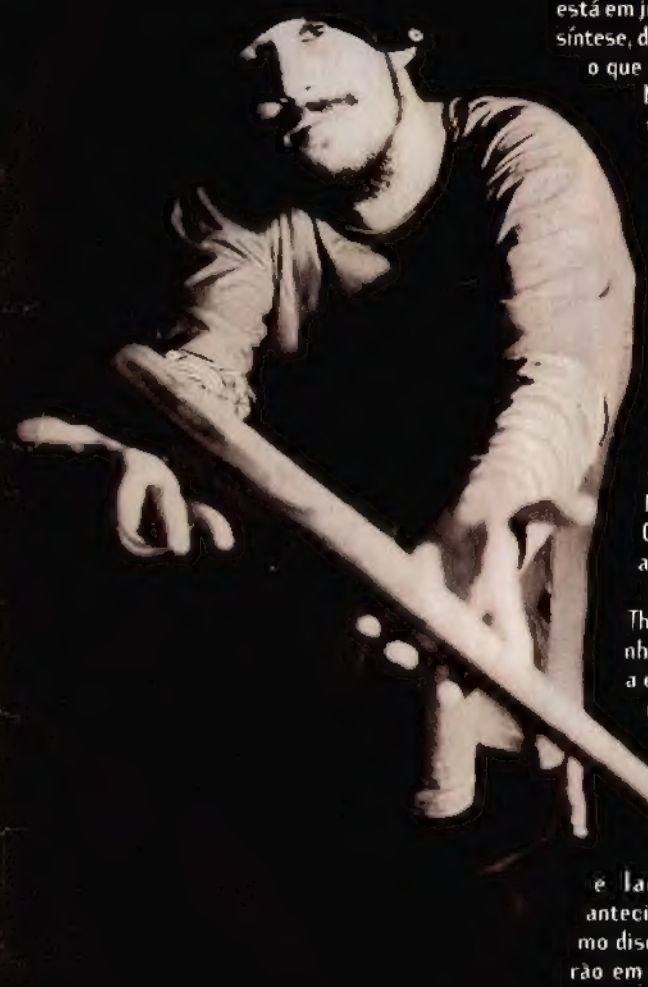
GRÁTIS:
CAPINHAS PARA FITAS

+ LEGIÃO URBANA BAD BRAINS ALICE IN CHAINS RATOS DE PORÃO RAMONES RUSH

ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00103

PUMA
+ JOGGING
+ GYM
+ BIKE
= VENGEANCE
+ PARTY
PUMA
TURN IT ON.

EDITORIAL



Não existe revista especializada, em lugar algum do mundo, escrita em inglês, alemão ou mandarim, capaz de contar tudo que se passa no meio musical. O que está em jogo nas redações, portanto, é a ciência da síntese, da perspectiva: o que entra, o que não entra, o que interessa aos leitores e o que não.

Não é uma questão assim tão administrativa. Por sorte, é bem difícil haver consenso sobre tudo, especialmente no destaque da capa. Desta vez, porém, foi aquele mamão: Gabriel.

Como convém a todo rapper de respeito, o Pensador já chegou meio torto, pivô de uma puta polêmica sobre playboys, lôraburras, brigas de gangues, porrada da polícia, tretas com orelhudos do jiu-jitsu e com a própria irmandade do hip hop. Encostado no paredão, ele encara na lata uma bateria de perguntas incisivas, feitas tantas por brodões quanto por desafetos históricos. Sérgio Martins, em São Paulo, e Cláudio Campos, no Rio, atravessaram a artilharia (e sobreviveram).

Outra fervura rolou na entrevista com Thunderbird e seus Devotos de Nossa Senhora Aparecida. O papo do VJ aloprado com a editora Gabriela Dias acabou crescendo na mão e até descambou para acusações não exatamente polidas sobre a MTV (leia-se Zeca Camargo, atual diretor de programação da emissora e colaborador da BIZZ).

Nessa chuva de cobras
e lagar-
tos, Slash na linha
antecipando o
clima do próxi-
mo disco do Guns;
o Ratos de Po-
rão em estúdio, anun-
ciando o mo-
mento mais importante de
sua carreira;
Layne Staley, do Alice in Chains, comendo suas luvas de couro diante de José Emílio Rondeau, nosso corres-pondente em Los Angeles; e uma cobertura inusitada do festival de festivais que assolou o pizzão verde-amarelo durante o verão.

Pra fazer essa receita dar certo, a BIZZ reúne cabeças – incluindo aí a daquele crítico que você odeia – e sai matando seus dragões, um por mês. Não costuma ter tudo, mas fica bem legal.

OTÁVIO RODRIGUES

BIZZ

Ano 10 - Nº 2 - Edição 103 - Fevereiro, 1994

20
Com o telefone encaixado nas melenas, SLASH, guitarrista do Guns N'Roses, fala sobre Charles Mason e antecipa os climas do próximo disco do grupo

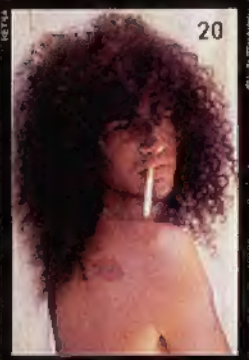
24
Em meio a sessões de estúdio, os RATOS DE PORÃO se preparam pra arrancada no mercado internacional

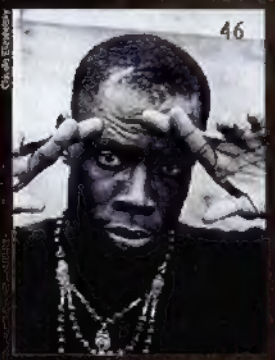
28
Layne Staley recebe a BIZZ em L.A. e diz que as bandas de Seattle estão na cola do ALICE IN CHAINS

32
Com 180 mil cópias vendidas em seu primeiro disco e envolvido na batalha campal da Barra da Tijuca, GABRIEL enfrenta a artilharia dos incomodados

38
De carona no sucesso do Thunderbird, os DEVOTOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA ajoelham no confessionário e contam tudo, sem cortes

46
Um LAMBE-LAMBE de luxo, com imagens exclusivas e especiais das estrelas que tomaram nosso terreiro durante o oba-oba dos festivais de verão





Capa: Sérgio Neto/The Voice

este mês

SHOWBIZZ
6 Hendrix vivo de novo
7 Ramones pelo telefone
8 Os 20 anos do CBGB's, de Nova York
10 *Hip Hop Hurra!*, os refrões novos da Patra
12 *Reggae Times*, Regininha mostra tudo
13 Shabba com Cidade Negra, Gil sem plug
14 *Garagem*, o funk-hardcore do Bad Brains
15 O novo vocalista do Maiden, as meninas do Volkana
16 Paralamas em Londres, os melhores do ano lá fora
17 *Mix*: o resumo do universo musical no mundo

AO VIVO
56 Hollywood Rock, M2000, Cramps no CBGB's

LANÇAMENTOS
62 Legião Urbana
64 Lemonheads, Motörhead, Afghan Whigs
65 Jesus and Mary Chain, Rainer Pappon, Marina
66 The Pogues, Leoni, James
67 Nursery Crimes, Steel Pulse, Iron Maiden
68 *Index*: tudo que está saindo no Brasil
70 Parada, Bolsa, Arquivo Pessoal e Alta Rotação

REPLAY
62 Elvis vira caixa, Ry Cooder e uma bíblia do reggae

ZONA FRANCA
76 Frank Zappa, 10,000 Maniacs, Dean Carter

DISCOTECA BÁSICA
78 *Rocks*, do Aerosmith, por Eduardo Bastos

CARTAS
80 Papos-cabeça, polêmicas, enganos

UM DISCO PARA JIMI HENDRIX

O disco *Stone Free – A Tribute To Jimi Hendrix*, que já está nas lojas, reúne gente boa como **Eric Clapton, The Cure e Living Colour**, além de **Belly, Spin Doctors e P.M. Dawn** (cuja versão de "You Got Me Floating" virou clip na MTV).

Eddie Kramer – produtor do disco e ex-engenheiro de som de Jimi – não poupou elogios aos artistas que participaram: "Eles entraram no espírito. As versões, por mais estranhas que possam parecer, sempre têm algo de Hendrix". Este mês, deve rolar um show em Los Angeles com alguns dos artistas que tocaram no disco-tributo (todo o dinheiro arrecadado irá para instituições de caridade). Kramer confessou para BIZZ que ainda tem mais material e pode soltar um "volume 2". "Temos Eric Clapton com 'Burning Of The Midnight Lamp', além de Seal e Jeff Beck com "The Wind Cries Mary"... Ele disse também que Paul McCartney pode tocar baixo e guitarra em uma das músicas.

10 artistas que também gravaram sucessos de Jimi Hendrix

"Fire" • **Red Hot Chili Peppers**

"Hey Joe" • **Black Uhuru**

"Room Full Of Mirrors" • **Pretenders**

"Burning Of The Midnight Lamp" • **Living Colour**

"Are You Experienced?" • **Devo**

"Little Wing" • **Sting/Skid Row**

"Voodoo Chile" • **Stevie Ray Vaughan**

"Wait Until Tomorrow" • **Caetano & Gil**

"Angel" • **Rod Stewart & The Faces**

"Purple Haze" • **Frank Zappa**

O selvagem Marky fala dos Ramones

Em 93, os Ramones lançaram *Acid Eaters*, um disco de covers dos anos 60 (veja crítica na BIZZ 102), que derrubou (mais uma vez) os papos furados sobre a separação da banda. Em entrevista exclusiva, feita pouco antes do grupo embarcar para a sua turnê 94, o baterista Marky Ramone escancarou os segredos da "família" e garantiu que volta ao Brasil em março ou em abril.

Sobre Acid Eaters

"Eu e Johnny escolhemos a maior parte das músicas gravadas. Minhas prediletas? "Journey To The Center Of The Mind" e "Seven And Seven". Achei que as participações foram bem legais, especialmente a de **Pete Townshend** em "Substitute". **Traci Lords** não é uma grande cantora, mas o dueto dela com Joey em 'Somebody To Love' ficou muito bom."

As fofocas de família

"Dentro da banda, somos como uma grande família e temos jeitos diferentes de se comportar. Eu sou do tipo selvagem e engraçado. **Joey** é o cara quieto, mas **Johnny** também é engraçado. **CJ** é o nosso bebê. Nós inclusive o colocamos para dormir!"

Um tal de Brasil

"Adoramos a nossa passagem pelo seu país. Gostei muito das mulheres que – infelizmente – nunca tive tempo de namorar. Voltaremos em março ou abril, para tocar em um festival de rock."

O segredo da longa vida

"Não vamos nos separar. Estamos há vinte anos na estrada sem copiar ninguém. Influenciamos movimentos como o punk e o grunge. Acho que duramos tanto pois gostamos do que fazemos."

Divulgação

Marky (à esquerda): "os Ramones voltam ao Brasil"

DUAS DÉCADAS DE CBGB's

O CLUBE DE ROCK MAIS FAMOSO DE NOVA YORK FAZ UMA FESTANÇA EM COMEMORAÇÃO AOS SEUS 20 ANOS

Virginia Gutierrez

A fachada do clube

Quem sai do metrô na Bleecker St., no coração do East Village, corre os olhos para o fim da rua, onde ela encontra a Bowery St. Lá está o **CBGB's**, com o seu famoso toldo onde se lê CBGB (sem o "s", que foi adotado depois pelos seus frequentadores), tendo de um lado uma pizzaria e do outro a CBGB's Gallery. No prédio acima funciona um reformatório de mendigos e "sem-teto".

Esta é a paisagem que cerca um símbolo do rock e da música alternativa, em 20 anos de existência. No interior, um longo corredor acompanha o bar que se abre em uma pista em frente ao palco (de apenas um metro de altura). Fora os letreiros de neon anunciando cervejas e algumas velhas poltronas, não há muito o que se dizer sobre a decoração. A não ser pelas paredes, cheias de pichações e cartazes dos shows ao longo dos anos.

"Todo dia, o clube é redecorado", insiste **Hilly Krystal**, proprietário e fundador do CBGB's. A programação é intensa: de segunda à segunda, cerca de sete bandas por noite.

Virginia Gutierrez

O proprietário, Hilly Krystal

A única regra para tocar lá é que os grupos tenham músicas próprias e profissionalismo. Em dezembro passado, o CBGB's celebrou a data com um festival. "Dos artistas que tocaram aqui, procuramos os mais importantes", comentou Krystal.

David Byrne, The Cramps, Living Colour e **Bad Brains** fizeram um show registrado para um álbum duplo ao vivo e um documentário. Krystal, um coroa na faixa dos 50 anos, não podia imaginar que o CBGB's ficaria tão famoso ao alugar o local em dezembro de 73. Queria montar um clube de música country – daí o nome CBGB's (Country, Blue Grass & Blues). "Um dia, membros do grupo **Television** vieram aqui e pediram para tocar. Concordamos e, se fossem bons, iriam retornar. Cobramos um dólar, não veio ninguém e o show foi horrível. Mas eles me convenceram a colocá-los de novo, desta vez com uns amigos de Queens (os **Ramones**), que eram ainda piores", conta Hilly com um sorriso malicioso na boca.

No início de 75, **Patti Smith**, então mais conhecida como poetisa/escritora, formou uma banda de rock e foi tocar no CBGB's, junto ao Television. Depois vieram **Blondie, Talking Heads, Richard Hell And The Voivoids** e outros ícones do punk e da new wave.

Nos anos seguintes, uma nova geração de grupos pisou no palco do CBGB's. The Cramps tocou lá pela primeira vez em 78. Sem contar **The Heartbreakers**, de Johnny Thunders (ex-New York Dolls) e aqueles que vieram na sequência, como a banda negra de hardcore/reggae, Bad Brains, além de uma série de lendárias bandas punk: **Black Flag, Dead Kennedys, Minutemen**...

O Television, primeiro grupo a tocar no CBGB's

Iggy Pop (no centro) e Ramones na casa, em 76

ASSIM NASCEU O PUNK ROCK...

31/Março/74 • O **Television** faz o primeiro show no clube. O grupo tocaria lá em várias datas até junho, inclusive junto a Patti Smith – então só poetisa/escritora.

16/Agosto/74 • Os **Ramones** apresentam-se pela primeira vez no local.

14 e 15/Fevereiro/74 • Acontece a estréia do **Patti Smith Group**.

28/Fevereiro a 02/Março/75 • Despedida dos **New York Dolls**, com abertura do Television, pela última vez com Richard Hell.

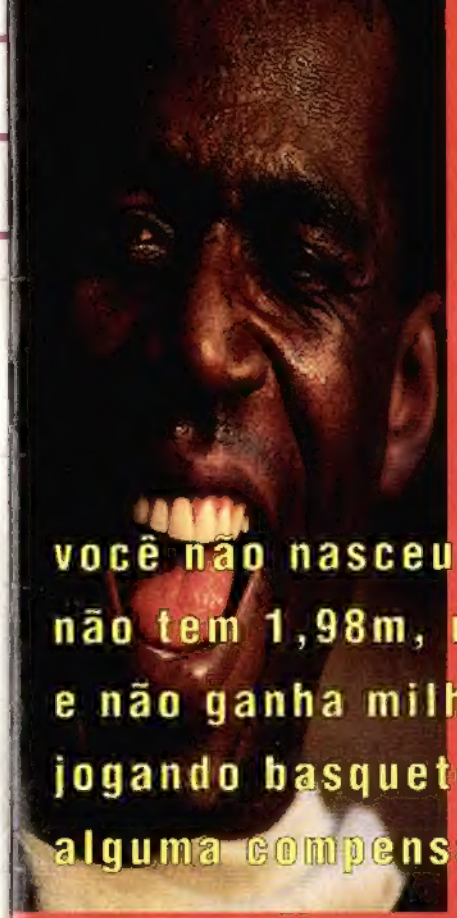
Maio/75 • Os **Talking Heads** fazem sua primeira série de shows.

16/Julho a 02/Agosto/75 • Acontece o *Festival Of Unrecorded Talents*, com a maioria das bandas que se projetou no clube.

14 e 15/Fevereiro/76 • A banda **Blondie** estréia como *headliner*.

23/Julho/76 • **The Heartbreakers**, de Johnny Thunders, faz o seu *début*.

18/Novembro/76 • **Richard Hell And The Voivoids** estréiam na casa.



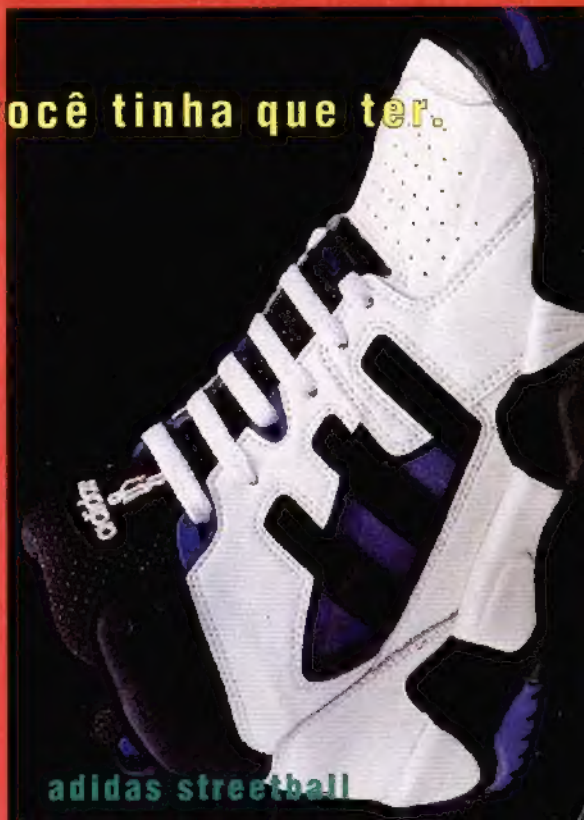
STREETBALL

adidas

você não nasceu no Harlem,
não tem 1,98m, não é famoso
e não ganha milhões de dólares
jogando basquete.
alguma compensação você tinha que ter.

Acaba de chegar dos EUA o tênis Adidas com o design e o acabamento perfeitos para jogar Streetball. Streetball é o basquete de rua que todo cara desconhecido como você joga antes de ficar rico e famoso. Já que você não é um ídolo como o Joe Dumars, nem alto como o Mutombo, nem milionário como o Christian Laettner, pelo menos use um tênis para empatar com o deles. Streetball da Adidas. Um lançamento tão perfeito como os lançamentos dos jogadores americanos.

adidas



adidas streetball

hip hop hurra

PEPEU PRESENTEIA RASTAS

Pioneiro do rap no vinil, **Pepeu** lançou o seu quarto disco, chamado *Rasta*. A bolacha saiu pelo selo Radical, tem letras descontraídas e beats contagiantes. Confira.

Pepeu é não é o Gomes! namora o reggae de leve

RAPPER DESCE PAU NA FAMÍLIA

Demorou, mas saiu. O novo trabalho do rapper **Scholly D**, chamado *Welcome To America*, está aí. Vale a pena ouvir o single "Another Sign", onde uma guitarra mágica passeia pela faixa toda dando um puta suingue. E a letra ainda fala mal da família.

EPMD SOLO

No Pressure é o título do novo álbum de **Erick Sermon**, um ex-integrante da dupla **EPMD**. Produzido pelo próprio, é algo que não pode faltar em sua discoteca. "Stay Real" é o primeiro single e prova que Erick pode muito bem caminhar sozinho.

RAP NO DISTRITO FEDERAL

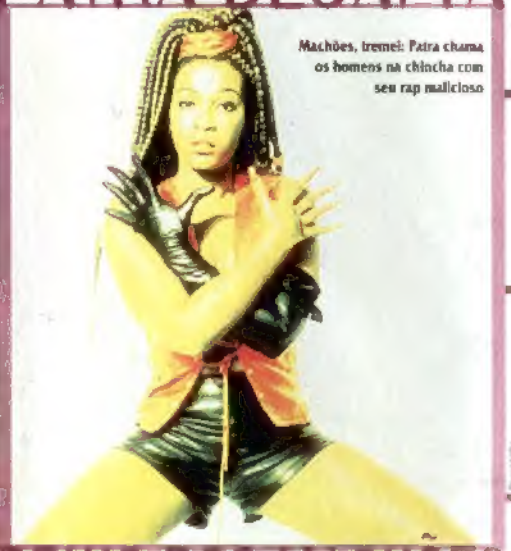
Discover é um selo de rap de Brasília que está antenado com o a politicagem do local. Entre os seus lançamentos estão bandas como **Câmbio Negro** e **Desacato Verbal**. E chegam agora duas outras novidades: **Código Penal** e **Cirurgia Moral**.

VAI À LUTA, YO!

Se você tem a manha de produzir a sua própria demo e se considera verdadeiro e original, mande seu material com foto para um destes selos e aguarde resposta:
Kaskatas: (011)716-5258 • **Radical Phonografics**: (011) 262-6296 • **Zimbabwe**: (011) 267-9510 • **Hot Line**: (011) 223-9020 • **Discover**: (061) 226-5404 • **Paradoxx**: (011) 255-5471

Eduardo Bio

PATRA DESAFIA REINO DOS MACHÕES



Machões, tremei: Patra chama os homens na chincha com seu rap malicioso

No universo machista do ragga muffin, mulher é apenas uma boa companhia na cama. Mas se depender de **Patra**, uma DJ jamaicana de dezenove anos, essas besteiras estão com os dias contados.

Ela encara os machões de frente: "Um homem nunca será o patrão de Patra". Em seu disco de estréia, *Queen Of The Pack* (Sony), Patra aconselha as meninas a fazerem sexo seguro e diz coisas que devem deixar Shabba Ranks de cabelos arrepiados – apesar do Mr. Lovemore ter sido seu parceiro na regravação de "It's A Family Affair", tema de *A Família Adams 2*. Por exemplo, na música "Worker Man", ela manda: "Um homem não vale nada se ele não der duro na cama."

"Shabba morre de rir com as minhas músicas e brinca, dizendo que sou maluca", diz Patra no telefone. Apesar de toda essa sensualidade, a DJ ainda não encontrou ninguém para preencher o seu coração: "Domino os homens, mas ainda estou à procura de um par perfeito."

OUÇA ESSA

"Adoro ser o bandido em filmes. Gosto de matar as pessoas" Ice-T

"Fã-clube porra nenhuma! O Sepultura veio ao Hollywood Rock porque interessava" Francisco Dourado, diretor da Promoter

"É um sonho!" Toni Garrido, do Cidade Negra, ao ver de perto o seu ídolo, Shabba Ranks

"Então acorda" Shabba Ranks respondendo a Toni

"A primeira vez que ouvi Sex Pistols pensei que se tratava de um disco de piadas" Ray Davies, dos Kinks

"Ele era um chato e não fazia nada" Os Engenheiros Do Hawaii, sobre o ex-guitarrista da banda, Augusto Licks

Reggae Times

REGGAE ON BROADWAY

É sério: a vida e a obra de **Bob Marley** podem virar um musical. A família do rei do reggae está tratando do assunto. O único embaço é a escolha de um ator para dar vida ao Bob.

NAS QUEBRADAS DA BAIXADA

A bacia do Macuco, em Santos, é a "Trenchtown praieira". O local pariu há quatro anos o **Arte Cinica**. Escolados em soul e nas porradas do Steel Pulse, o pessoal do grupo põe tudo no liquificador e faz sons originais como o roots reggae "Jaziago". Ou covers inusitadas como "Núcleo Base", do Ira! ou uma versão de "A Little Respect", do Erasure. Fique de olho neles.

Arte Cinica: Santos na rota do reggae

WAILERS ATRÁS DA MULHERADA

O líder Junior Marvin pensa em colocar um trio de vocalistas em sua **Wailers Band** (seria uma nova versão das I-Threes?). No momento, Junior tem outros pepinos para resolver: quer arrumar uma gravadora para lançar *Jah Message*, seu novo disco.

ABRINDO O BAÚ

Bunny Wailer abriu o baú e soltou *The Never Ending Wailers*. No CD, faixas inéditas e participações especiais de Junior Braithwaite (um dos membros originais dos Wailing Wailers) e Andrew Tosh.

FESTA NA TRIBO

Os maranhenses da **Tribo De Jah** batalham o seu segundo disco, cheio de reggaes manhosos para a galera dançar. A versão em CD deve incluir *Regueiros Guerreiros*, primeiro disco deles.

UM VETERANO NO MARANHÃO

A lenda viva do reggae **Eric Donaldson** (cuja música "Cherry Oh Baby" teve uma versão dos Rolling Stones) vai cantar no Maranhão. Donaldson chega a São Luís no dia 5 de março e, além dos shows, dá uma canja no disco do grupo Tribo de Jah. *Sergio Martins*

REGININHA DÁ TUDO O QUE TEM

Amém! Depois da temporada ao lado de Fausto Fawcett, eis que **Regininha Poltergeist** está adotando o sobrenome "Under Gretchen" para se lançar em carreira-solo como cantora: "O estilo é dance music". A loira feita de "pólen, sangue e mel" está enfurnada num estúdio em Botafogo, Rio de Janeiro, trabalhando com o produtor Alexandre Agra.

O lançamento do disco de Regininha está previsto pra março e vem puxado por "Quero Você E Seu Namorado Também", do compositor Alvin L. Regininha, que também vai ser capa de uma revista masculina, bota fé no trabalho e dá o recado: "Quero mostrar tudo de bom que eu tenho". Veremos.

Exclusivo: Regininha revela seus planos

A DECADÊNCIA DA LOIRAÇA

Pobre **Debbie Harry**! A loiraça que fez todo mundo delirar no Blondie, grupo dos mais expressivos dos anos 70, está em baixa como símbolo sexual. Recentemente, Debbie pôs a venda seu sutiã, para arrecadar donativos para uma instituição de caridade. A peça, um dia já cobiçada por todos os fãs tarados, só faturou minguados quatrocentos dólares. Debbie perdeu até para Courtney Love, mulher de Kurt Cobain, do Nirvana, cujas roupas de baixo foram avaliadas em setecentos e cinqüenta dólares. A campeã, para variar, foi Madonna. Suas calcinhas custaram nada menos que dois mil e quinhentos dólares.

Depressar que, um dia, Debbie foi gostosa

Cidade Negra grava com Shabba Ranks

Baixou o santo no jamaicano! Shabba dá uma força ao Cidade Negra

Não é todo mundo que tem essa sorte. Depois de contarem com Jimmy Cliff em seu primeiro álbum, o **Cidade Negra** faz parceria com **Shabba Ranks**. O "rei da cocada preta do raggamuffin" detona uma parceria no novo disco do grupo carioca.

No dia seguinte ao MZ00 do Rio – e horas antes de embarcar de volta para os EUA –, o jamaicano passou pelo estúdio Nas Nuvens. Para uma "platéia", que incluía até mesmo Gabriel O Pensador, o DJ mostrou como se faz na Jamaica: criou uma longa letra de improviso sobre a pulsante base de "Downtown", que conta a passagem do Cidade Negra no Sunsplash, maior festival de reggae do mundo, que rola todo ano na Jamaica.

O que era para ser apenas uma breve intervenção, rendeu também um presente aos brasileiros: a versão integral do toast de Shabba deve sair como faixa-bônus do disco, previsto para maio.

Vestido com o vermelho dos exus, Gilberto Gil soltou os demônios

O ANJO GIL DESLIGADO NA MTV

A gravação do *Gil Unplugged* foi um acontecimento. Nos corredores, o excesso de organização e uma confusa hierarquia de credenciais transformando tudo em comédia ("Nesta fila, agora, quem tem o roxo!" ou "Entra por último: você não tem cara de audiência."). No estúdio, em torno dos cento e cinqüenta convidados espremidos, aquela fetjorada eletrônica à base de câmeras fixas, volantes e até uma grua irriquieta, que de cinco em cinco minutos deslizava rumo ao palco sobre as cabeças da assistência. Finalmente, no centro de um tabladão, Gilberto Gil, a atração maior, mostrando boa parte de seus clássicos em solenes versões acústicas. Vestindo o vermelho dos exus, mas com a alma mais branca que a dos anjos, o parabólico conseguiu fazer voar as quatro horas de gravação. Só esquentou quando pediram a ele para refazer nada menos do que oito (!) músicas. Agora, em março, além de aparecer no Acústico da MTV, esse show para poucos (com o baixista Arthur Maia e o baterista Jorge Gomes, *brother* de Pepeu, debulhando no bandolim), estará disponível em CD e *home vídeo* em todo o mundo.

TEMPERATURA MÁXIMA NO SEU VÍDEO.

Esquente sua telinha com SET ESPECIAL- O MELHOR DO VÍDEO ERÓTICO. Tudo o que acontece nos bastidores das filmagens, entrevistas picantes com atrizes e diretores, além da seleção dos melhores lançamentos do gênero.

JÁ NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Garagem

Garagem pergunta: o que será que entrava o desenvolvimento da cena independente brasileira? Escreva e dê sua opinião: BIZZ, A/C Gabriela Dias, Av. Nações Unidas, 5.777, São Paulo/SP, CEP: 05479-900.

ATRÁS DOS INDEPENDENTES SÓ NÃO VAI QUEM JÁ MORREU

Fuçar os independentes brasileiros é satisfação garantida em 94. Depois da explosão do ano passado, bandas, produtores e fanzineiros estão agitando ainda mais selos, shows, lançamentos e novidades. Algumas cenas são garantidas: **Brasília, Rio de Janeiro, Campinas, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte** e **São Paulo** (só para ficar nas mais conhecidas). Todas já têm uma infra-estrutura razoável de espaços para shows, selos e veículos informativos, algumas bem diversificadas musicalmente.

INDIE NÃO É SÓ ROCK

Alguns exemplos: Brasília vai tanto de podreira, noise e metal quanto de ska (**Maskavo Roots** é o destaque), rap e hip hop (atenção para o **Câmbio Negro**); pop descarado, metal e reggae convivem em Porto Alegre, enquanto funkcore, rap, reggae (um ritmo que anda em alta), noise e decanos do metal (o **Dorsal Atlântica** ainda existe) fazem a cena do Rio.

MATANDO O TEMPO COM MUITA CAFEÍNA

O piracicabano **Killing Chainsaw** está entrando em estúdio para gravar o seu segundo disco. O material está "mais pesado e menos barulhento", segundo Rodrigo (vocal). Inclui uma cover de "Rocket Ride", do Kiss. Nome provável: *Killing Time*. O álbum deve sair pelo selo independente Caffeine, que também promete – para-sabe-lá-Deus-quando – duas coletâneas com trinta nomes de destaque da independência nacional (do Gangrena Gasosa sacaneando o Sepultura com "Araize" até Pavilhão 9 e Second Come). Imperdíveis.

MAIS LANÇAMENTOS

Movimentação no sul: a **Nova Trilha** lançou o CD *Rock Garagem 3* com quinze faixas de oito bandas. Muito hard rock, algum pop e até o reggae do **Produto Nacional** (boa surpresa). Distribuição local (toda a região sul). Também daquelas bandas vem o selo **Free Music**, cuja primeira coletânea de novíssimos (ou nem tanto) traz **Acústicos & Valvulados** (rockabilly), **Borboleta Negra** (funk rock) e **Motivos Óbvios** (reggae). *Gabriela Dias*

ZOEIRA SOB AS BENÇÃOS DE JAH

Divulgação

Bad Brains: dezessete anos de porrada e luta anti-sistema

Pergunte ao Red Hot Chili Peppers e ao Living Colour: quem começou a colocar altas doses de funk no hardcore? Se a resposta deles não for Bad Brains, pode apostar: falteu sinceridade. Os malucos rasta-punks surgiram em 77, em Washington D.C., EUA. Da formação original restaram apenas Dr. Know (guitarra) e Darryl Jennifer (baixo). Direto de Nova York, o vocalista Israel Joseph-I falou com a BIZZ sobre rastafarianismo, as mudanças na banda e de Rise, único disco deles que foi lançado no Brasil.

Como você entrou nos Bad Brains?
Eu cantava em grupos de rock e de reggae e gostava dos Bad Brains há algum tempo. Quando eles estavam à procura de um novo vocalista, um amigo me indicou e acabei entrando para a banda - minha estréia aconteceu agora, em Rise. Acho que também fui ajudado pelas forças de Jah.

Os Bad Brains eram famosos pela barulheira. Por que Rise ficou tão calminho, sem muita inclinação hardcore?
O tempo ajuda a mudar muita coisa, inclusive gostos e influências musicais. Nosso próximo disco vai soar diferente de Rise.

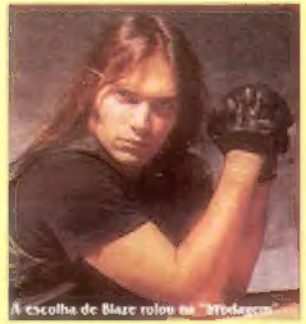
Suas letras falam de não deixar "eles" te dominarem ou "eles" mudarem seu jeito de pensar. Quem são "eles"?
Todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tentam te oprimir. "Eles" podem ser seu irmão, seu amigo ou o seu patrão.

Vocês foram pioneiros na mistura de funk e hardcore. Não estão chateados em serem contratados só agora por uma grande gravadora?
Não posso julgar se demoraram para nos contratar ou não. Na vida há um tempo para tudo e somente Jah pode decidir por nós.

Como rastas incomuns como vocês vêem o dancehall e o ódio aos gays que assola os novos astros do reggae?
Acho dancehall legal, mas pessoalmente prefiro coisas mais roots como Bob Marley e Wailing Souls. Quanto ao homossexualismo, acho que cada um deve decidir o que é melhor pra si. Eu gosto de mulher.

São boas as relações que existem entre os Bad Brains, H.R. e Chuck Mosely, os ex-vocalistas da banda?
Não sei nada sobre Chuck, nem por que ele saiu. H.R. é nosso amigo e gostamos muito do som dele, mais próximo do roots.

IRON MAIDEN MUDOU



A escolha de Blaze rolou no "Moderno"

Enfim, acabou o mistério: **Blaze Bayley**, ex-Wolfsbane, é o novo vocalista à frente do **Iron Maiden**. Blaze foi escolhido entre mais de trezentos candidatos ao posto ocupado por Bruce Dickinson. "A gente era amigo há muito tempo. Quando Bruce saiu, Blaze era a nossa primeira opção. Mas a gente queria ouvir outros cantores para fazermos a escolha certa", foi o que confessou o baixista do grupo, Steve Harris, jogando um pouco de areia na credibilidade do tal "concurso". O Iron Maiden pode mudar um pouco seu som, já que o cantor tem a voz semelhante à de Sammy Haggar, do Van Halen.

Marcos Hermes

O que esse japonês está fazendo no meio de tanta mulher boa?

LINDAS, GOSTOSAS E PESADAS

Todos os anos de estrada e mesmo a presença do baterista Sérgio Facci não foram suficientes: as meninas da banda **Volkana** ainda ouvem aqueles gritos de "gostosas!", vindos dos homens quando elas sobem ao palco. "Eles só param quando a gente começa a tocar", garante a guitarrista Karla. Com uma nova vocalista, a novata Cláudia França, o grupo entra firme nas gravações do seu segundo disco, disposto a terminar de vez com todas as comparações de ordem sexual.

"Banda de mulher chama a atenção pelo visual, mas só esse argumento não vende disco", diz Karla. Hoje, o grupo soa mais lento e pesado, uma mistura de Pantera com Megadeth. *Mind Trips* – o novo disco – sai em março pelo selo Radical, tem uma mãozinha de Frank (guitarra do Kreator) e vem puxado pela versão de "Whole Lotta Love", do Led Zeppelin. Ao mesmo tempo deve pintar a participação delas em uma coletânea indie, onde as garotas detonam "I Love Rock'N'Roll", de Joan Jett.

O "ABBA DOS ANOS 90" NO BRASIL

Divulgação

Conterrâneos do pop sueco: ABBA/Ace Of Base, no melhor estilo "eu sou você amanhã"

O grupo sueco **Ace Of Base** chega ao Brasil em março para entrevistas e shows promocionais.

Motivo da visita? As boas vendas do seu disco *Happy Nation* e o sucesso de "All That She Wants" (se você nunca ouviu esse reggae frouxinho, não esteve no planeta Terra nos últimos meses).

O grupo declarou que seu hit fala de uma mulher que tenta se dar bem na vida amorosa. A música ganhou até uma versão bhangramuffin e está em boa colocação nas paradas americanas.

Detalhe: o Ace Of Base tem em sua formação duas mulheres e dois homens. Trata-se do mesmo esquema usado pelo Abba, um dos fenômenos dos anos 70 e conterrâneo do Ace. O Abba até hoje é considerado cult entre a moçada.

Divulgação

Eis os meninos e suas calças ao contrário. Como será que eles fazem pipi?

KRISS KROSS MUDAM A BOMBA

A "duprinha" de rap **Kriss Kross**, aqueles garotos que usam calças ao contrário, tiveram de mudar a capa de seu disco, "Dos Bomb", no Japão. A dita cuja mostrava o estrago atômico dos americanos na "terrinha". Eles ainda tiveram que trocar o verso da faixa-título, que dizia "caindo como uma bomba de Hiroshima".

PARALAMAS CRUZAM O POETA DO REGGAE

O poeta Linton Kwesi Johnson (que esteve no Brasil mês passado, conforme a BIZZ deu em primeiríssima mão), o maior poeta da história do reggae, fez uma participação especial no novo disco dos Paralamas do Sucesso, que foi gravado em Londres. A música, segundo o próprio Linton, fala das relações entre Brasil e Portugal. "Fiz uns versos contando a história de uma avó que deixa seu neto sofrer", revelou o poeta.

HARRY NILSSON

(★1941 † 1994)

Em 66, na última entrevista dada pelos Beatles nos EUA, quando perguntados sobre qual era a melhor banda americana em atividade, John Lennon respondeu: "Nilsson". Mesmo sendo um excelente cantor, **Harry Nilsson** jamais se apresentou ao vivo, ganhando respeito e fama como compositor, embora seus dois únicos sucessos tenham sido músicas que não escreveu: "Everybody's Talkin' " e "Without You". Ele morreu em 15 de janeiro último, de ataque cardíaco, em Los Angeles.

MELHORES DE 93

As revistas gringas já estão publicando a lista dos "mais-mais" de 93. Confira se o seu artista predileto andou bem das pernas lá fora e mande logo a sua cédula: o resultado dos Melhores do Ano da BIZZ sairá apenas na edição de abril.

BILLBOARD

(mais vendidos nos Estados Unidos)

RETNA

ÁLBUNS

The Bodyguard • Vários
janet. • Janet Jackson
Vs. • Pearl Jam
Breathless • Kenny G.
Music Box • Mariah Carey

SINGLES

Whoomp! • Tag Team
I'd Do Anything For Love • Meat Loaf
I Will Always Love You • W. Houston
Freak Me • Silk
Informer • Snow (foto)

MUSIC WEEK

(mais vendidos na Inglaterra)

ÁLBUNS

Bat Out of Hell II... • Meat Loaf
The Ultimate Collection • Diana Ross
So Far So Good • Bryan Adams (foto)
Everything Changes • Take That
So Close • Dinah Carroll

SINGLES

"Mr. Blobby" • Mr. Blobby
"Babe" • Take That
"Twist N' Shout" • Chaka & Piers
"For Whom The Bells Tolls" • Bee Gees
"It's Allright" • East 17

SPIN (Estados Unidos)

ÁLBUNS

Exile In Guyville • Liz Phair
The Chronic • Dr. Dre
In Utero • Nirvana (foto)
Rid Of Me • PJ Harvey
Human Wheels • John Mellencamp

RETNA

RETNA

MELODY MAKER (Inglaterra)

ÁLBUNS

Tindersticks • Tindersticks
Gentlemen • Afghan Whigs
Star • Belly
Vs. • Pearl Jam
Suede • Suede (foto)

MIX

O balanço da mídia

Músicos delinqüentes

Em sua edição de janeiro, a *Request* fez uma retrospectiva inusitada: *The year of the artist as young thug*, ("O ano do artista como jovem matador". A capa da revista americana traz as sofisticadas caricaturas feitas por Scott Menchin para **Harry Connick Jr.** (preso por porte ilegal de arma de fogo), **Kurt Cobain** (encanado por brigar com a mulher), **Snoop Doggy Dogg** (acusado de cúmplice de assassinato) e **Snow** (preso por agressão).

A barra anda pesada e, se continuar assim, logo estes jovens bandoleiros poderão estar nos ameaçando: "Se você não gostar do meu disco, quebro-lhe as pernas."

Loiras quentes

A matéria de capa da *Raygun* (dez./jan.), cujo ousado *lay out* torna a revista quase ilegível, é uma entrevista por telefone feita por **Deborah Harry** com a banda **L7**. As mocinhas contaram, entre outras, que todas tinham pôsteres da Blondie nas paredes de seus quartos.

Já a guitarrista Donita Sparks confessou que tirou o segundo lugar num concurso de sósias de Debby. A conversa, cheia de confete, girou sobre onde comprar lingerie, arrumar namorados e música.

Oh, não... lá vem aquela barulheira outra vez!

De tempos em tempos estoura na imprensa a notícia de que os **Beatles** vão se reunir de novo (impossível esquecer da velha piada, de que bastariam três halas para que essa tão esperada reunião acontecesse lá no céu com diamantes).

O motivo para a atual especulação é a iminente gravação de uma canção para um documentário da BBC TV, em dez episódios. Entre outros, o *Jornal do Brasil* de 19 de janeiro trouxe uma reportagem sobre o assunto, enquanto a *Guitar World* de fevereiro anunciou o ressurgimento da beatlemania em chamada de capa. Dentro, entrevistas com Macca e Harrison, além de transcrições de "Help" e "Paperback Writer" para guitarra e baixo. Os Quatro Fabulosos fizeram ainda a capa da *CD Review* em fevereiro, que falou de gravações inéditas da banda.

Independência ou Marte!

Como agora a palavra de ordem na mídia parece ser "rock alternativo", as gravadoras criaram selos especiais para acolher a enxurrada de novas bandas que assola o país.

Em sua edição de 13 de janeiro, a *Folha de S. Paulo* abordou o assunto na capa da *Ilustrada*. Enquanto isso, o *Jornal do Brasil* do mesmo dia veio com o destaque: "Faça você mesmo seu disco em casa", refletindo a revolução tecnológica que está em curso nos domínios da produção fonográfica doméstica.

Festivais, estouros e bandeiras

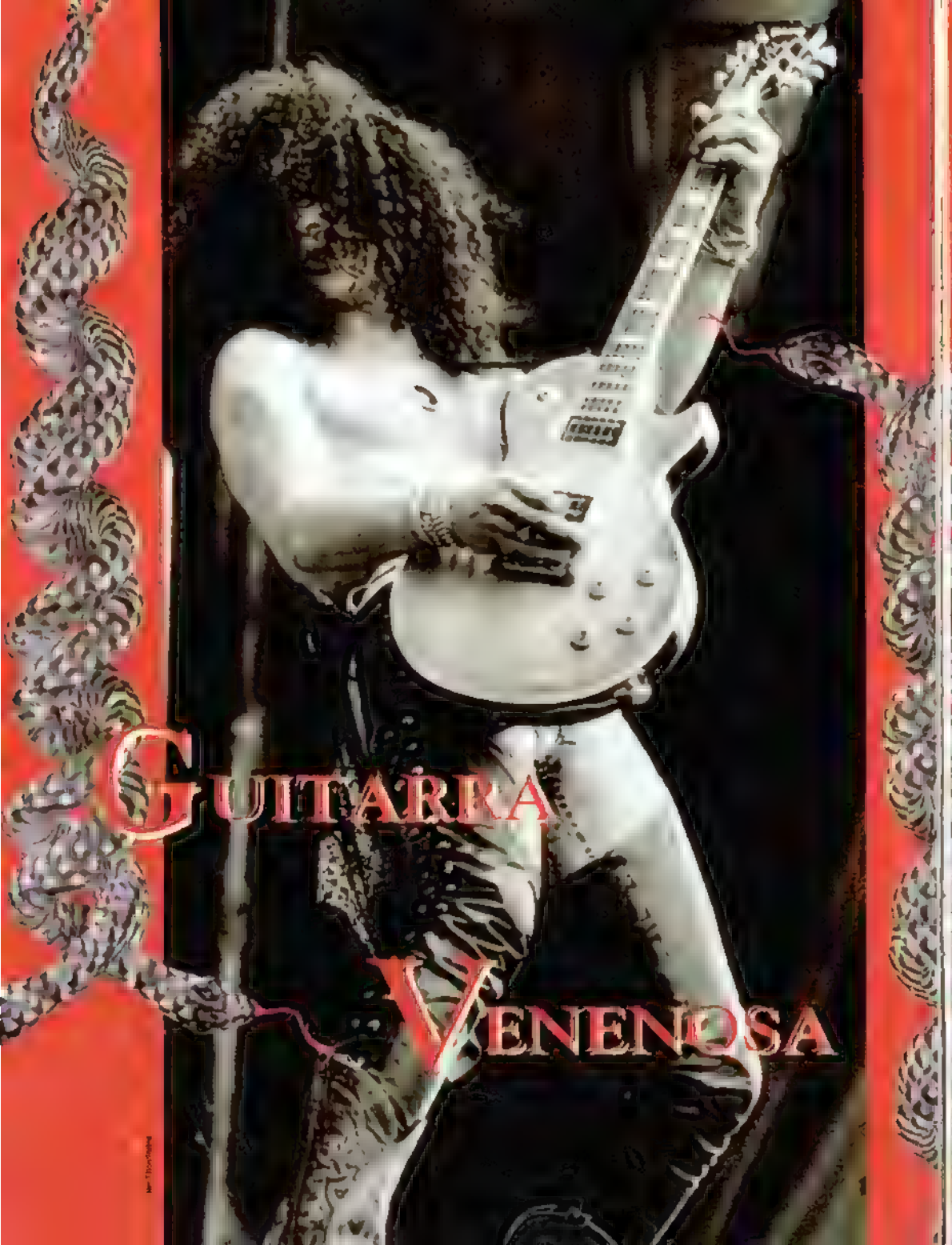
Foram páginas e páginas de cobertura para os dois festivais que aconteceram recentemente: o **M2000** e o **Hollywood Rock**. Apesar de ser uma das "trocentas" aberturas para o Inner Circle no M2000,

Gabriel, autointitulado **O Pensador**, acabou se consagrando. A melhor manchete foi a de *O Globo*, de 17 de janeiro ("A cova rasa do Sepultura"), sobre a suposta cuspida que o gordo **Max Cavalera** deu na bandeira brasileira. **Lu Gomes**

Caipirinha com GUARANÁ

ANTARCTICA Guaraná

ESTE É O SABOR.



GUITARRA VENENOSA

O guitarrista e uma de suas quarenta "amiguinhas"

***The Spaghetti Incident?* soa como um disco mais descompromissado do Guns N'Roses. Como foram as gravações?**
Eu diria que é um disco mais divertido, onde procuramos não levar as coisas muito a sério. Quatro músicas do álbum foram gravadas enquanto fazíamos *Use Your Illusion*. O resto foi produzido nos intervalos da turnê.

E quanto ao escândalo que foi provocado pela música "Look At Your Game, Girl", que seria de Charles Manson?
Acho que essa polêmica rolou mais em Los Angeles (*onde, em 69, a atriz Sharon Tate foi barbaramente assassinada por um grupo de fanáticos liderados por Manson*). A princípio eu não queria que a música entrasse no disco. Só concordei porque o dinheiro arrecadado em direitos autorais irá para as vítimas do massacre. Ela está no disco, só que escondida, pois não consta dos créditos. Quando acabar a última música, espere alguns segundos, que logo em seguida começa a tocar "Look At Your Game, Girl".

Por que você acha que Axl Rose escolheu esta música?
Deve ser por causa da letra. Tem algo de místico nela e demonstra o que Axl estava sentindo no momento. Pessoalmente, acho que a música é de Dennis Wilson, baterista dos Beach Boys. Ele era muito amigo de Charles Manson naquela época.

O que uma figura como Charles Manson representa para você?
Manson é um psicopata e seu rosto expressa bem as maldades que ele fez. Ele representa tudo que existe de ruim no mundo.

***The Spaghetti Incident?* tem apenas covers. Vocês pretendem lançar algum disco com músicas próprias em 94?**
Devemos lançar um novo disco em julho. Eu tenho um estúdio na minha casa, onde estou trabalhando em algumas músicas. Nelas, toco baixo e todas as guitarras. Matt (*Sorum, o baterista do Guns N'Roses*) também está me dando uma mãozinha. Tenho cerca de dez composições prontas para o Axl colocar as letras e serem mostradas ao resto do grupo.

Dá para adiantar alguma coisa sobre isso?
Ainda não tenho muitos detalhes. Eu nem coloquei nome nas músicas que escrevi. Mas acho que será um trabalho mais "selvagem" e pesado do que *Use Your Illusion*, que foi um disco superproduzido e cheio de problemas. Steven Adler e Izzy Stradlin (*respectivamente, ex-baterista e guitarrista do Guns N'Roses*) saíram da banda e havia músicas demais. O novo disco terá uma sonoridade mais próxima a de *The Spaghetti Incident?* e faremos, no máximo, 15 músicas.

Três dos integrantes do Guns N'Roses lançarão seus álbuns-solo recentemente: Izzy Stradlin, Duff McKagan e Gilby Clarke. O que você achou deles?
Toquei no disco de Duff, mas ainda não tive a chance de escutá-lo. O de Gilby Clarke é maravilhoso. Está em fase final de mixagem, e deve sair nos próximos meses. Eu também toquei nesse trabalho, assim como Black Francis, ex-guitarrista dos Pixies. Quanto ao do Izzy, não escutei.

Você nunca teve vontade de lançar um disco só seu?
Não preciso. A minha banda é o Guns N'Roses e nela eu realizo todos os meus desejos. O máximo que faço é dar canjas nos discos de outras pessoas. Mas isso tem mais a ver com a minha vontade de tocar.

Falando em participações, como foi tocar em *Stone Free*, o disco em homenagem a Jimi Hendrix?
Foi muito legal, porque Hendrix foi um dos guitarristas que mais me influenciou. Em *Stone Free* eu toquei "I Don't Live Today" ao lado de Paul Rodgers (ex-Bad Company), Buddy Miles e Billy Cox (*baterista e baixista da Band Of Gypsies, que acompanhava Hendrix*), que também considero como meus ídolos. A minha música favorita de Hendrix é "Machine Gun", mas escolhemos "I Don't Live Today" porque era mais fácil de tocar.

Depois de tocar em *Stone Free* você chegou a reencontrar Billy Cox e Buddy Miles?
Sim. Fiz uma *jam* com Buddy e Billy uma semana antes do Natal. Buddy Guy subiu ao palco para tocar com a gente. Pode ser que role um concerto em homenagem a Hendrix. Se tiver, pode apostar que estarei lá.

Muitas pessoas o consideram um grande guitarrista. O que você acha disso?
Não me vejo como um *guitar hero* ou coisa parecida. Gosto apenas de aperfeiçoar o meu trabalho. Minhas maiores influências, além de Hendrix, são Jeff Beck, Pete Townshend e Jimmy Page.

Vocês já estiveram duas vezes no Brasil. Pensam em voltar a tocar por aqui?
Queremos voltar a tocar aí ainda este ano. As apresentações no Brasil e na Argentina estão entre as melhores de toda a turnê de *Use Your Illusion*. Eu também estou meio cansado de tocar sempre nos mesmos lugares dos Estados Unidos. Aí na América Latina, as pessoas te recebem bem, rola uma vibração legal nos shows. Por enquanto, vamos ver o que vai acontecer nas gravações.

Mudando de assunto, como anda a sua coleção de cobras?
Bem, obrigado. Tenho 40 cobras, entre venenosas ou não. Algumas delas foram dadas a mim como presente. Outras fui eu mesmo que comprei.

Você é casado? Como é a relação amorosa de um astro de rock?
(*rindo*) Sou casado há quase dois anos. Acho que sou uma pessoa meio difícil de se aguentar, mas a gente costuma se dar muito bem.

CHARLES MANSON
Guru da barbárie

Em 9 de agosto de 69, um sábado, as ruas de Beverly Hills amanheceram com as sirenes se dirigindo em massa para a Benedict Canyon. Assassinato múltiplo na Cielo Drive. VIPs envolvidos.

O mundo ficaria chocado com a chacina de dois homens e duas mulheres, em uma mansão alugada pelo cineasta Roman Polanski. Entre as vítimas, estava a mulher de Polanski, Sharon Tate. Atriz promissora, 26 anos, linda, grávida de oito meses. Ela foi esfaqueada e enforcada. Os assassinos escreveram com seu sangue nas paredes. A criança ainda sobreviveu por algumas horas dentro da barriga da mãe.

Logo, os autores do crime estavam presos. O líder era uma espécie de guru e comandante de um pequeno exército de matadores hippies. Baixinho, carismático, cheio de truques, ex-presidiário e criador de mais uma seita de alucinados apocalípticos, Charles Manson tornou-se um dos ícones mais poderosos deste século. A humanidade, que já conhecia o estereótipo do hippie "paz-e-amor", passou a ter em sua consciência a face enlouquecida de Manson, que usava drogas e sexo aos montes como um instrumento de manipulação de sua tribo de fanáticos, The Family, "a Família".

Mas afinal, qual era o motivo de Manson para planejar o assassinato em massa da aristocracia do *show business* americano?

Pouca gente sabe, mas ele agia movido por vingança. Se julgava um grande artista do rock, injustiçado pela indústria do disco. Acompanhado de sua corte, ele mostrou suas músicas para muita gente do ramo e a opinião geral era a de que Manson não era de todo ruim como músico. Mas o jeito prepotente e agressivo do guru fechou as portas para ele.

Manson mandou matar quem estivesse na mansão onde morava Polanski, porque o seu proprietário era um rico executivo de uma gravadora que o havia rejeitado de forma humilhante naquela mesma casa. A bela Sharon Tate foi morta quase por sorteio. E Charles tinha amigos poderosos em Los Angeles, a quem oferecia os melhores alucinógenos da praça e "garotas-nipongas-que-topam-qualquer-coisa". Um desses amigos era Dennis Wilson, dos Beach Boys, que simpatizou com o som de Manson. Logo, Charles e sua gente se instalaram na mansão de Wilson, na Sunset Boulevard. Por longos meses, Dennis se transformou num virtual prisioneiro da "Família", que dilapidou sua mansão e quase o levou à falência.

Os crimes de Manson estão encharcados de mitologia pop. Admirador fanático dos Beatles, passava horas e mais horas ouvindo seus discos em busca de pistas e símbolos ocultos. Ele fundamentou todos os seus atos criminosos na suas interpretações pessoais das músicas do grupo. Quando saiu o *Álbum Branco*, Manson gastou uma fortuna (em cartões de crédito roubados) ligando para Londres e deixando recados como "Diga ao Paul e ao John que eu entendi tudo!". No evangelho do *Álbum Branco*, segundo Manson, os brancos eram os "Piggies" e a revolução negra era descrita em "Blackbird". "Revolution Number 9" virou "Revelation Nº 9" e serviu como ligação entre a confusa ideologia adotada pela sua "Família" com o apocalipse do Novo Testamento. "Helter Skelter" era a senha para o início da grande conspiração, que faria de um hippie de um metro e cinqüenta e oito centímetros de altura, o líder da humanidade. O nome desta última foi o que os assassinos escreveram em sangue nas paredes de suas vítimas.

Charles Manson está há 23 anos cumprindo pena de prisão perpétua e seu mito só parece aumentar. Tornou-se um símbolo impregnado em nossas consciências, uma personificação do mal absoluto, o perigo explosivo de um ego sem controle. E ainda significou mais: a deterioração de um sonho, o lado mais feio da cultura rock, a mesma que produziu Donovan, Família Do-Ré-Mi e que hoje embala nazistas carecas sedentos de sangue. Charles Manson provoca repulsa à nossa parte civilizada e construtiva. Mas é também um símbolo poderoso e libertador de forças pengosas em gente de miolo mole como Axl Rose. *Dagomir Marquezi*

AXL FAZ A BAIXARIA E PEDE DESCULPAS

The Spaghetti Incident? seria apenas encarado como mais um disco do Guns N'Roses se entre as suas músicas não houvesse uma chamada "Look At Your Game, Girl". A canção foi escrita por Charles Manson, também um dos assassinos mais frios de que se tem notícia. O responsável pela escolha da música, como não poderia deixar de ser, foi o vocalista Axl Rose. Após a polêmica que foi provocada pela música, ele fez questão de divulgar uma carta meio na base do "me desculpem", onde explica a razão de ter colocado "Look At Your Game, Girl". Axl justifica a escolha da canção porque achou a letra "interessante".

Na opinião de Axl, os culpados pela repercussão do caso, mais uma vez, foram os "malvados da mídia": "Eles usam isso pra faturar em cima da gente. Caso a música não fosse gravada por nós, não fariam tanto barulho. Eles precisam de 'malvados' para associar ao nome de Manson e assim garantirem os seus lucros", choraminga.

A camiseta "Charlie Don't Surf", na qual a ilustração é o rosto de Charles Manson, foi usada por Axl durante vários shows da turnê da banda. Só que o vocalista se justifica, dizendo que queria apenas mostrar "que não somos a mesma pessoa. Manson é doente. Ele é o malvado, não eu". *S.M.*

No Plaza Eldorado você não encontra só os CD's que estão no hit-parade. No Plaza Eldorado você encontra rock, pop, samba, jazz, blues, MPB, funk, rap, reggae, heavy, soul, thrash, clássico, country, dance, bip-bop e tudo o mais. Plaza Eldorado. Área de laser.

PLAZA
eldorado

• REBOUÇAS - Shopping Center Eldorado - Av. Rebouças, 3970 • PAMPLONA - Rua Pamplona, 1704

Os Ratos fazem a festa

Os Ratos De Porão enfim voltaram a gravar, com produção de Alex Newport, do Fudge Tunnel. Entre paçocas e ataques de perfecionismo, Robert Halfoun acompanhou toda a maratona de estúdio e descobriu a nova cara da banda

Há dois anos sem lançar nada, os Ratos De Porão estavam prestes a viver um dos momentos mais importantes de sua carreira: a gravação de *Just Another Crime And The Massacre Land*, que será lançado na primeira semana de março no Brasil – e mais tarde no mercado internacional

Pra garantir um puta resultado, a gravadora Roadrunner não regulou grana Pegou dois produtores: Lee Jackson (Jack), o cara responsável por toda a fase de pré-produção, e o gringo Alex Newport, o guitarrista do Fudge Tunnel, sogro de Max (do Sepultura) e parceiro dele no projeto paralelo Nailbomb.

CONTATOS IMEDIATOS

A gravação foi dividida em duas partes: a primeira, no estúdio Be Bop, em São Paulo, e mixagem em Phoenix nos Estados Unidos. Cheguei no Be Bop na hora marcada: nem Alex, nem João Gordo haviam dado as caras. Comecei a bater bola com o Jack, que me disse que eles deviam estar em uma feira de bugigangas para gringos (pedras coloridas, artesanato, etc)

Nesse meio tempo, os caras chegaram com as tais bugigangas na mão. Alex ia fuçando em tudo, discutindo equalizações e comentando que estavam atrasados. Ele veio ao Brasil a fim de dar uma cara própria ao som da banda. Para isso, mexia em timbres de guitarra e bateria, escolhia tipos de encordoamento, posição de microfones e mais uma porrada de coisas

PAÇOCA E VIDEO MACUMBA

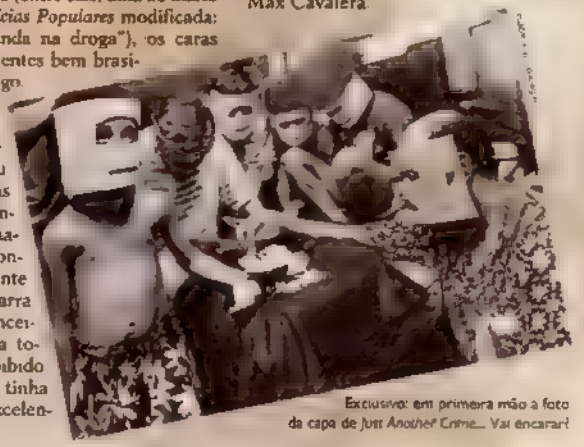
Apesar das olheiras e do clima de trabalho pesado, o ambiente era ótimo: além das fotos sacanas coladas nas paredes do estúdio (entre elas, uma do diário paulista *Notícias Populares* modificada: "Alex se afunda na droga"), os caras levavam presentes bem brasileiros pro gringo. O mais estranho foi uma paçoca, que ele relutou em comer, mas acabou adorando. Era a maneira de descontrair o ambiente quando a barra pesava O conceito "bom" era totalmente proibido por lá. Tudo tinha que estar excelente. Em "Video Macumba" – faixa feita pra Mike Patton (vocalista do Faith No More, que havia mandado ao Gordo, um video com sexo animal e grotesco) o baterista Boca chegou a gravar vinte vezes , usando seis peles de caixa Esse período era como uma espécie de lavagem cerebral. Dez horas direto no estúdio, muita pressão, um encordoamento por dia, pizza e as saladas do Alex (que não come carne, nem toma refrigerante), mais a filosofia punk de "ser honesto consigo mesmo e não se render ao sistema" davam o tom da gravação

SEM BRODAGEM

O bicho pegou em Phoenix, onde só o Alex e o Gordo foram mixar o disco. O fato de estarem perto dos amigos do Sepultura não gerou um clima de folga ou de brodagem. Foi uma semana que ficaram enfurnados no estúdio Shatton (o mesmo onde foi produzido o Nailbomb), para chegar num resultado absolutamente furioso e inesperado.

O grupo está de cara nova, muito mais punk, sujo e agressivo. Tudo bem, você já viu esse filme... Mas desta vez, eles vêm com uma tremenda cara de gringo, incluindo sacanagens como a música do Ultra Seven cantada em japonês, "Quando Ci Vuole" em italiano, "Breaking All The Rules" do Peter Frampton, "Suposicollor" e as furiosíssimas "Money", "Diet Paranoia", "Bad Trip", "Crack", "The Right Side" e "All Real Enemies".

"Os Ratos De Porão estão punks como na época dos primeiros discos Só que agora com maior cuidado na produção. Se arrumarem uma boa turnê fora do Brasil – pode ser até com o Sepultura"!! – estão prontos para conquistar o mercado internacional", diz Max Cavalera.



Exclusivo: em primeira mão a foto da capa de *Just Another Crime*... Vai encarar!

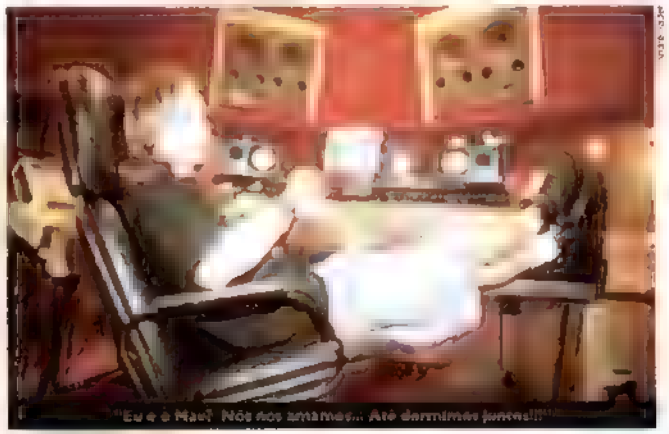
MOLEQUE CABEÇA

Afinal, quem é Alex Newport?

Se há um protótipo de punk contemporâneo ou "politicamente correto", Alex Newport é um deles. Não tem nada a ver com a imagem de periferia que rola por aí. O cara tem 23 anos, é casado (com a filha de Glória, esposa do Max), se veste direito, usa cabelos compridos e tem consciência política/ecológica/social. E melhor: faz algo a respeito. Não come carne, fala baixo e compassadamente e é metódico o suficiente – no limite de ser quase pentelho.

Praticamente autodidata quanto aos estúdios de gravação, ele aprendeu tudo na marra. É inacreditável como conhece a matéria. É um perfeccionista incorrigível.

É inglês, apesar de morar nos Estados Unidos desde moleque. Condena o posicionamento "eu-sou-foda" comum aos americanos, que considera "mais convencidos do que realmente podem ser".



"Eu e o Max? Nós nos amamos... Até dormimos juntos!!!"

Como foi o seu envolvimento com os Ratos?
O Max, que é um grande fã da banda, me mostrou vasto material deles. Quando comecei a produzir para a Roadrunner, me ofereceram bandas como Pestilence, Annihilator e Cannibal Corpse. Eu disse: "Não, prefiro umas bandas. Quando uma legal começar a gravar, vocês me ligam". Aí, pintaram os Ratos.

Existe algum problema em especial com o death metal?
É muito chato, sem originalidade... uma babaquice. A maioria das bandas faz aquela baboseira para ganhar grana e comer umas meninhas. Definitivamente, não vou produzir bandas que eu não gosto. Isso faz parte do meu próprio estilo de vida.

Falando sobre o Nailbomb, em quase todas as músicas do disco, vocês usam samplers e muito equipamento eletrônico. É metal industrial. Você acha que essa postura é a grande saída para o death metal?
Sim, são elementos que se combinam e até agora trazem bastante originalidade e personalidade ao som dos grupos. É incrível o que um arranjo com samplers pode fazer com uma música.

Você planejou alguma coisa eletrônica para os Ratos?
Muito pouco. Talvez apenas alguns efeitos nos vocais, porque acaba dando um toque todo especial nas músicas. No resto, os efeitos de estúdio, não tem a ver com o som da banda.

O thrash metal está mesmo no fim?
Sinceramente, espero que sim. Gosto de bandas como Slayer e Megadeth mas o estilo já deu o que tinha que dar.

Você é o genro do Max. Como é essa relação?
Nós dormimos juntos..., a gente se ama (risos). Falando sério, embora ele seja um pouco mais velho, nos aturamos como grandes amigos. Mas querendo ou não ele é meu sogro (*Nos EUA, o relacionamento entre genros e sogros é bastante diferente. O nome explica: "step father", ou seja, "pai-reserva"*)

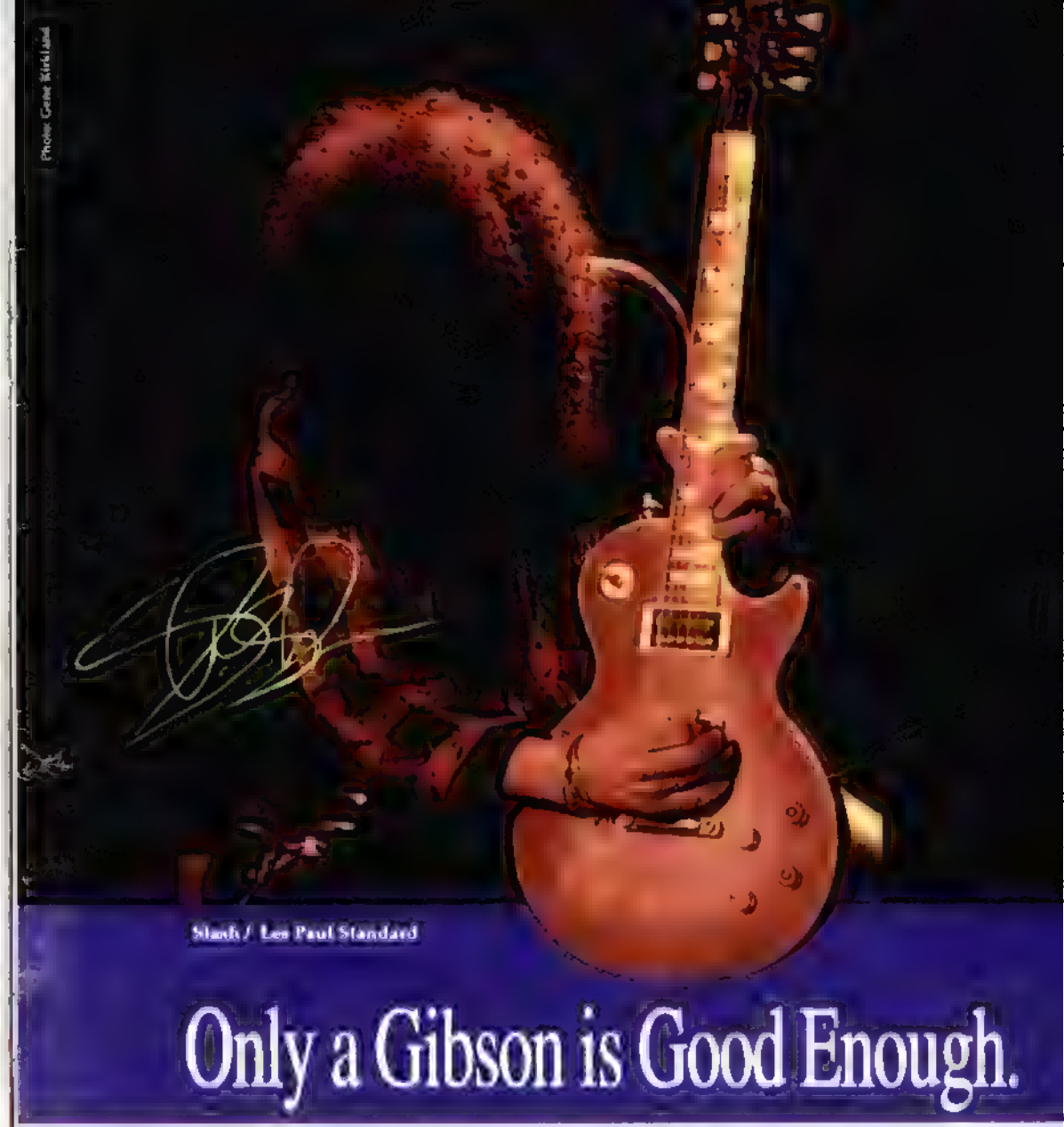
Que recado você poderia mandar para as bandas brasileiras que ainda estão na garagem?
Sejam honestos com o som de vocês e, conseqüentemente, com vocês mesmos. Coloquem o que sentem na música. Só aí saberão se têm talento ou não – e isso é o público que vai dizer. E daí, se não conseguirem gravar um disco?

CABRA CEGA

"Fernandinho Viadinho" • **Garotos Podres** "Punk rock legítimo e bastante interessante. Só que para fazer sucesso nos EUA, precisavam cantar em inglês. Americano se acha melhor que os outros e não aceita o que vem em outra língua"
"Recicle Yourself" • **Dorsal Atlântica** "O instrumental parece ser bem legal, as palhetadas me chamam bastante a atenção. O vocal é fraco e no contexto geral o som não me diz nada demais".
"Emotional Catastrophe" • **Dr. Sin** (*Balança a cabeça fazendo sinal de negativo e pede para tirar a fita*)
"Blood, Pus And Gastric Juice" (versão tecno house) • **Pungent Stench** "Gosto disso. Essa mistura de acid house com metal é demais. Mais bandas deviam fazer esse tipo de som"
"Voodoo Chile" • **Jimi Hendrix** (*Abre um tremendo sorriso e emite com perfeição os riffs de guitarra*) "Esse é imortal, sua voz é horrível mas ninguém toca como ele".
"W/Brasil" • **Jorge Ben Jor** "Música pop brasileira? A levada da guitarra é diferente. É samba? Rock? Não compraria, mas é interessante"

NAILBOMB: O PROJETO PARALELO DE MAX E ALEX

Inteiramente gravado e idealizado em Phoenix, *Point Blank* é nitroglicerina pura. Na melhor tendência da nova porradaria mundial, o CD é quase todo eletrônico, com seis das doze músicas com bateria programada (Igor é o baterista no resto do disco). Lotado de samplers e recursos high-tec, destacam-se "World Of Shit", "Vai Tomar No Cu", "Religious Cancer" e "24 Hours Bullshit" essa com Dino Cesaris, guitarrista do Fear Factory. Sai no Brasil e nos Estados Unidos em março.



I.P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
SEMPRE À FRENTE DE NOSSO TEMPO

DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
COMPRE EM ATÉ
5 VEZES
1 ANO DE GARANTIA
Rua Teodoro Sampaio, 770
Tels.: (011) 282 5653 / 881-1515
Fax: (011) 64-3430 - CEP 05406-000
Pinheiros - São Paulo - SP

Gibson USA
Metto

Calmaria em meio à TEMPESTADE

Mais pra lá do que pra cá, o vocalista Layne Staley tenta explicar a leveza de Jar Of Flies, novo disco do Alice In Chains

No *lobby* do hotel Shutters On The Beach, em Santa Monica (Califórnia), Layne Staley arranca com os dentes um pedaço de uma das luvas de couro negro que está usando, revelando mais ainda os dedos magros e amarelados de nicotina. Dá um trago no cigarro e mastiga o couro. Os olhos são invisíveis, cobertos por óculos escuros intransponíveis. Enquanto fala, ele enrosca a barba nos dedos, ou coça ocasionalmente uma das duas feridas logo abaixo dos cantos da boca. Ou então faz a luva diminuir mais alguns centímetros. No pescoço, manchas amareladas, realçadas pela palidez opaca da pele do vocalista do Alice In Chains. E a entrevista nem começou.

TORTURA E PÂNICO

"Ele não está cooperando muito", alertara uma representante da gravadora, um tanto preocupada com as respostas lacônicas de Layne em entrevistas. Ele deveria estar dando detalhes sobre *Jar Of Flies*, o EP variado, semi-acústico, sofisticado (tem cordas em uma das faixas), ultra relax (vide a brincalhona "Swing On This") que o seu grupo está lançando – e que marca a estréia do novo baixista, Mike Inez (que tocava na banda de Ozzy Osbourne), como músico co-autor e parte integrante do grupo. "Pode ser que a entrevista seja como uma tortura para ele." Pelo tom da voz, ela ensaia um pré-ataque de pânico. "Se houver algum problema, fale comigo que escalamos outra entrevista com mais alguém da banda."

O aspecto de Layne traz à lembrança os relatos do romance do vocalista com a heroína – relacionamento que, garantem empresários e assistentes em geral, estaria no passado. Junte a tudo isso as palavras cataclismáticas que precedem a chegada dele ao *lobby* e uma entrevista fracassada parece inevitável.

Para alívio geral, nem tanto à água nem tanto ao vinho. Layne não é articulado como o guitarrista Jerry Cantrell. Nem tão arrumado: ocasionalmente dá a impressão de ter adormecido entre o fim de uma resposta e o começo da pergunta seguinte. Mas quando não pedem a ele a ingrata tarefa de destrinchar as letras que escreve, o resto é relativamente fácil.

NOVOS CAMINHOS

A começar pela mudança ocasionada pela entrada de Inez na banda. "Na verdade, o lance todo é criado a partir da combinação de nós quatro", diz Layne. "Era a um ponto assim que a gente estava tentando chegar esse tempo todo.

Mas não me refiro ao aspecto musical da questão: *Jar Of Flies* não é um bom exemplo de como soará o próximo álbum do Alice in Chains. O disco novo será mais pesado e parecido com *Dirt*." Ele arranca com os dentes mais um pedaço de luva e começa a mastigar o couro. "Estou falando da forma que a banda usa para compor. Agora, quando começamos a fazer uma canção, o clima é mais leve, mais relax. Antes tudo era um esforço. Com Mike Inez não há esforço algum. Além disso, tê-lo como co-autor das canções tira um monte de peso das minhas costas e das do Jerry."

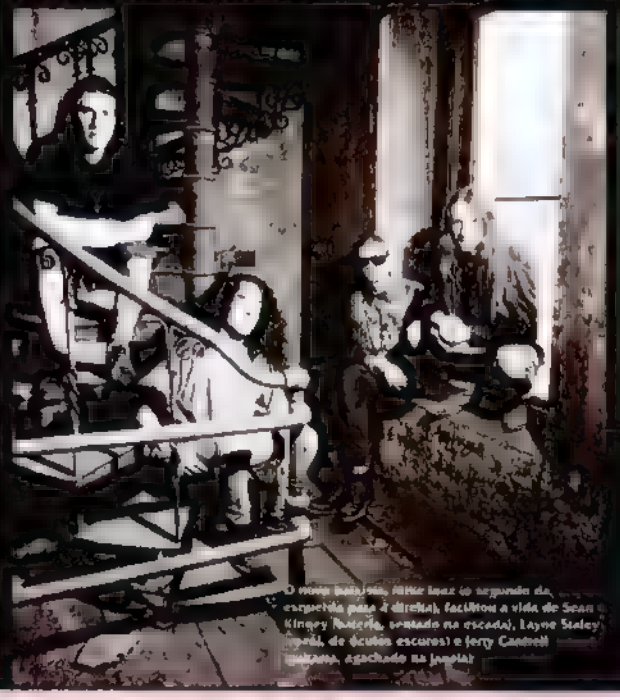
FALEM MAL MAS FALEM DA GENTE

E por que lançar um álbum, depois um EP, depois um álbum, depois um EP – algo que parece estar acontecendo com regularidade desde *Sap*? "É um padrão que pretendemos manter", diz Staley, tomando mais um gole de café preto. "Quando um grupo pára de excursionar e o álbum passa a vender menos, surge uma nova banda pela qual as pessoas se interessam e aquela outra é meio que esquecida. Dessa maneira, lançamos um disco que vendeu muito bem (*Dirt*), fizemos boas turnês, e agora estamos no meio de uma calmaria. Agora é hora de lançar *Jar Of Flies*. A garotada parou de falar muito sobre a gente porque já ouviu o álbum, não o toca mais em casa ou no carro. Então damos *Jar Of Flies* e eles percebem que ainda estamos por aí. Tem gente que vai gostar, tem gente que não. Mas, assim, o Alice In Chains volta à boca do povo. Pode ser que alguns voltem a querer tocar *Dirt* ou *Facelift*. O que importa é que não vão nos esquecer."

AZEITONAS E VIOLÕES

Em termos criativos, existe algum atrativo especial em trabalhar dentro de um espaço específico e limitado, bem menor que o de um CD normal? Seria mais satisfatório para o artista ter um espaço mais compacto para trabalhar? "Sim", responde Layne, desviando-se da questão criativa para – de novo – falar de marketing. "Lançar sete canções antes do álbum que planejamos é um pouco como dar um aperitivo antes da refeição principal. Depois daremos aos fãs catorze músicas." Para divulgar *Jar Of Flies*, a banda planeja fazer oito shows apenas – todos eles acústicos, a exemplo da participação do grupo em uma apresentação beneficente em Los Angeles, dias antes da entrevista.

"As bandas novas de Seattle estão querendo fazer o mesmo que fizemos. E não está dando certo, claro"



O novo baixista, Mike Inez (o segundo da esquerda para a direita), facilitou a vida de Sean Kinney (bateria, sentado na escada), Layne Staley (vocal, de óculos escuros) e Jerry Cantrell (guitarra, agachado na janela)

"É, isso pode acontecer", admite Staley. "Vamos tocar só músicas desse disco e *(do EP anterior) Sap*. Tocar *sets* acústicos em shows normais é algo que sempre quisemos fazer. Mas somos muito preguiçosos. Para que a gente chegue a fazer alguma coisa é preciso que nos obriguem. Dar esses shows acústicos nos dará coragem para que, na hora de excursionar de verdade, incorporemos isso também."

TESTE DE QI

E quanto ao sucesso? Será que ele modificou a banda? "Quando éramos garotos, não nos interessávamos pela escola e nem todos nós fomos bem nela. Não tínhamos o menor interesse em nos dedicar. Mas fui excepcionalmente bem em meu teste vocacional. Meu QI era bem mais alto que o normal e ainda assim eu estava sendo reprovado em quase todas as matérias, pois estava de saco cheio. Para nós, o sucesso foi como voltar à escola: dar entrevistas, ter que responder perguntas sobre você mesmo – o que é mais difícil ainda, porque acho que a pessoa está sempre aprendendo a respeito de si mesma. São perguntas que você não consegue responder, pois não pensou sobre o assunto ou porque nem achou uma resposta ainda. E, se você não responde a nada, aquilo é interpretado ofensivamente, como uma 'atitude'. E não é. É que você não sabe a resposta mesmo."

ADEUS SEATTLE

Passada a tempestade que esfregou Seattle, grunge e as camisas de flanela xadrez na cara de todos os seres vivos do planeta Terra em 92/93 – e passados os poucos anos que colocaram o Alice In Chains em uma instantânea posição de veteranos –, Layne detecta uma nefasta tendência à clonagem em sua cidade adotada. Não há nada lá que o comova ou interesse. "As bandas novas de Seattle, mais jovens que nós, são uma garotada que quer fazer a mesma coisa que nós fizemos. E não está dando certo, claro." *José Emílio Rondeau*

joão barone / paralamas

percussão e tecnologia

marcelo bonfá

HABRO MUSIC - DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

MAPEX®

P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS

Rua Teodoro Sampaio, 770
Tels.: (011) 282-5653 / 881-1515
Fax: (011) 64-3430 - CEP 05406-000
Pinheiros - São Paulo - SP

Playtech

Rua Santa Ifigênia, 250 - SP - Fone: (011) 229-1739
Disk Grátis: (0800) 161722
ESTACIONAMENTO GRATIS R. TIMBIRAS, 239 (por 1 hora)

GABRIEL

MÁRTIR DO RAP OU
FILHINHO DE PAPAI?
PROVOCADOR OU
PROFETA DA PERIFERIA?
PEGO PRA CRISTO NA ONDA
DE FESTIVAIS DO VERÃO,

A CRUZ E O CREDO DO PENSADOR

GABRIEL
ENFRENTA SUAS
PRIMEIRAS PEDRAS
AO SE TRANSFORMAR
NA MAIS EXPLOSIVA
REVELAÇÃO DA
MÚSICA BRASILEIRA
DOS ÚLTIMOS ANOS

Reportagem: Cláudio Campos e Sérgio Martins Fotos: Sérgio Nedal

"Eu sei que sou meio chato para tirar foto. As pessoas sempre querem passar aquela imagem estereotipada do rapper, com aqueles gestos forçados..." Foi assim que Gabriel, o Pensador pôs de lado a nossa idéia inicial para a capa – ele posando com luvas de boxe – e sugeriu outra bem mais legal e inesperada: "A luva de boxe significaria que eu sou um cara agressivo. Boxe é esporte e eu não faço rap pelo esporte. Já que o pessoal fica brincando e dizendo que eu pareço muito com Jesus Cristo, ."

Fazer tanto sucesso tão rápido não é nada fácil para quem tem apenas 19 anos. Ainda mais se você enfrenta uma batelada de comentários maldosos e uma certa desconfiança da Imprensa por ser um garoto branco da classe média fazendo rap. Mas Gabriel sabe bem o que quer. Amparado pelas mais de 150 mil cópias vendidas do disco de estréia e a maciça execução (rádio e MTV) de suas músicas – coisa que não acontecia há muito tempo com um iniciante – ele agora prefere é saber o que seu público anda pensando.

"Não conseguem criticar o trabalho, então tentam criticar a minha pessoa de algum modo. Antes eu ficava meio preocupado com isso, mas depois eu parei pra pensar: o Ice-T abrange um público grande lá fora, fez o Body Count *(a banda de heavy metal do rapper)* nessa intenção, foi chamado de vendido. Vejo que estou me identificando com o meu ídolo, então eu cago na cabeça dos que estão me criticando."

Gabriel fala o que pensa. E como ele fala! As palavras saem aos borbotões, justificando o apelido de Pensador. "Esse nome surgiu logo nas minhas primeiras letras. Não me lembro racionalmente como foi, mas veio bem porque combina comigo. Ultimamente não tenho gostado muito dessa característica de pensar demais porque tá me dando insônia. Eu fico até puto! Às vezes eu deixo de me divertir pra ficar pensando, analisando, tirando conclusões."

E que conclusões que Gabriel tira do fato das suas músicas de maior sucesso (pelo menos até agora) serem sátiras à alienação da juventude (o que não é exatamente a tônica do discurso da maioria dos rappers)?

"Eu e a gravadora mesmo acreditávamos de início no sucesso de 'Abalando'. Eu tava preocupado se ia tocar ou não, porque o objetivo que eu tinha, de atingir o grande público, não podia ser alcançado sem tocar no rádio. Quando as outras músicas foram ficando prontas a gente achou que 'Playboy' ou 'Lôraburra' podiam ser músicas de trabalho. Pra mim não teve nenhum problema: se a música está no meu disco é porque eu gosto. Mas mesmo quando a gente fazia show curto, nunca deixei 'Lavagem Cerebral' de fora, eu sempre soube que era a minha melhor letra."

Mas a primeira composição foi mesmo "Retrato De Um Playboy", aquela que acabou tornando o Pensador numa unanimidade entre a galera, como ficou comprovado no recente e turbulento festival M2000.

O primeiro show do rapper foi há três anos, para uma turma de playboys e lôraburras "Sou Gabriel, o Pensador e vocês ainda vão ouvir falar muito desse nome"

E por uma curiosa coincidência foi também num palco armado na areia que Gabriel apresentou ao mundo seu ponto de vista. Isso foi há três anos, num luau na praia de Ipanema, tendo como platéia tipos que seriam seus alvos no futuro: "Tinha só lôraburras e playboys típicos. Já havia alguns meses que estava doido pra entrar no palco, aí fui lá pra trás e fiquei insistindo com o cara da organização. Fiquei um tempão ali esperando e fui cantar a letra do playboy só de raiva, sem acompanhamento nenhum". Arrogância de adolescente ou premonição, foi assim que ele iniciou sua improvisada apresentação para um público atônito. Agarrou o microfone e mandou: "Essa letra tem muito a ver com essa rapaziada. Sou Gabriel, O Pensador e vocês ainda vão ouvir falar muito nesse nome". Mal sabiam eles o quanto era verdade.

O primo rico e o primo pobre do rap nacional

Santana Samba, reduto do black way of life paulista. A BIZZ junta Gabriel e Thaíde, um dos maiores nomes da ladainha em São Paulo, e vira cúmplice de uma discussão sobre movimento hip hop, louras, sexo e a violência dos funkeiros.

THAÍDE Essa pergunta eu faço pelos Racionais MC's: quando você vai dar show pra galera do rap de São Paulo?
GABRIEL Estou esperando propostas de baile. Faço shows para todo tipo de público, mas tocar pra galera não depende só de mim. A gente toca em todos os lugares, como acontece lá fora. Em shows do Ice-T, o público não é só do gueto. Mas quando tem gente do movimento assistindo, fico mais contente.
Você atinge um público diferente da rapaziada do rap: os que ouvem a Jovem Pan, vêem a MTV e saem para pedalar de manhã. Qual é sua posição em relação a isso?
Eu estava preocupado em saber quem era meu público. Mas no show do M2000 tive a prova de que não é a burguesada. Os playboys do Rio, que a gente critica, tacaram coisas no meu show. Quem me defendeu não foi a burguesada- porra nenhuma. O público de funk é quem foi me defender. Aí é que rolou o pânico: os "índios", que estavam do meu lado, atacaram os "mocinhos". Em São Paulo, só de saber que eu toco em um programa de rap, já me deixa satisfeito. No Rio, "Lavagem Cerebral" toca em rádios de funk. A linguagem não tem cor.
As pessoas sempre me perguntam: "O que aconteceu com o Gabriel?". Eu digo que você apareceu, te ofereceram um contrato e que agora está numa multinacional. Mas não sei contar a tua história e a rapaziada te vê como um cabeça da burguesada.
Acho burrice me achar o cabeça dos playboys, porque estou justamente criticando esse tipo de jovem. Todo mundo me ouve, inclusive eles. Os otários podem me achar que eu sou cabeça dos playboys, mas o público do gueto sabe que estou falando o que eles pensam.
Mas tem o lance de você vir aqui, bater em São Paulo e se mostrar pra galera. Aos poucos eles vão te conhecer e se entender.

"Se Zezé Di Camargo e Luciano vendem um milhão de cópias, quero vender bem mais"

Gabriel e seus dois companheiros de militância no rap: o DJ Frias (de bigode) e o rapper Tito

Vim aqui algumas vezes, toquei com o Gaspa, dos Filhos Do Gueto.
É verdade que você se hospedou no mesmo hotel que Chuck D, do Public Enemy, na época do show deles no Brasil?
Vim aqui com o Gaspa, mas foi o programa do Amaury Jr. que me pagou. Rolou até a passagem de avião. Botei o Gaspa na aba, fizemos a reportagem, mas ela foi censurada e não foi ao ar. Na época do show em vim de ônibus com o Yuri *(parceiro do Gabriel nos raps)* e nem tinha onde dormir.
O que você gosta de rap paulista?
Gosto de Thaíde, dos Racionais. Certas coisas você nem precisa ouvir para saber que é merda. NDee Naldinho, por exemplo. Soube que ele criticou a galera que dançava break, dizendo que os caras compravam tênis da moda com o dinheiro deles. E nós aqui, falando do cara, ajudando a promover ele.
Você tem medo de ser rejeitado pelos rappers de São Paulo?
Eu tinha preocupação no início, mas agora não penso nisso. Quem quiser rejeitar meu trabalho, tem o direito. Mas o público não me rejeita, só aqueles que querem pegar o meu lugar. Só vou ficar sentido se for passado pra trás por um amigo meu.
E o papo que você cobra seus shows em dólar, está rolando mesmo?
Lógico, meu trabalho é profissional. Ter a oportunidade de ganhar dinheiro fazendo o que eu gosto é a melhor coisa do mundo. Se tivesse de pagar para fazer rap eu pagava, mas se puder ganhar dinheiro é bem melhor. Quero ganhar dinheiro com isso.
Existem grupos de rap que preferem continuar em gravadoras independentes. O que você acha dessa escolha?
Existia um receio de achar que a gravadora grande é bicho-papão. Já fizeram muita sacanagem de desvirtuar o trabalho pra ganhar grana.

O negócio da Sony é vender bem. Se não alterou o meu trabalho, tudo bem. Se o *Zezé* Di Camargo e Luciano vendem milhões de cópias, quero vender mais. **Em independentes, o rapper vira herói de duas maneiras: se vende muito e dá dinheiro ou se vende pouco e não dá trabalho. Se tivesse dinheiro, bancava novos artistas de rap. Mas hoje ganho o suficiente para viver. Agora, se um dia, tiver uma casa com piscina, dou uma festa para minha rapaziada.**

"Nós rappers temos de saber o que estamos escrevendo porque a música influencia muita gente"

Foto: Adalberto Pierin

Feita a sabatina, Thaíde avisa a galera que o Pensador é gente boa

O Ice-T faz isso. Nos shows ao vivo, ele costuma jogar dinheiro pra rapaziada. É uma forma de dizer que dá pra viver fazendo rap. Pessoalmente acho uma injustiça que um cara como você, Thaíde, não consiga um contrato decente numa gravadora grande. Enquanto isso tem muita gente faturando milhões.

O rap é uma música muito forte. Hoje em São Paulo trocamos a violência pela inteligência. Sou de uma época que pintava morte nos bailes toda noite. O hip hop acabou com isso.

Mas esse papo de rap violento faz parte do atraso das pessoas. Existe o rap politizado, com mensagens que você não encontra nos livros, tipo Boogie Down Productions, Public Enemy. Os únicos que deturpam um pouco são os que fazem *gangsta rap* pra ganhar dinheiro. Isso influencia gente como crianças. A gente tem que saber o que está escrevendo. Falar: "cheire cocaína que é igual a sucrilhos", como o Lobão fez. Muita criança vai pedir isso pra mãe. Vão falar "mãe, compra cocaína pra mim que de sucrilhos eu já enjoei". Comprar cocaína e misturar com leite deve ser foda!

E o lance da violência que rola no Rio? Aqui nos bailes, você consegue ir tranquilo. Ninguém toma tiro ou facada, como acontece nos bailes da galera.

YURI Mas tem dono de equipe de funk que incita a violência. Os caras vêm e falam: "Gente, o funk é baile de paz". Botam a "Ave Maria" na parada. No baile, eles incitam a violência. Teve um show que o cara falou: "A cantora não veio. Pra compensar a grana de vocês, rola uma hora de pau grátis."

Existe o papo que você namorou a Maria Paula. É verdade mesmo? Você está namorando?

Não tem nada a ver. Também não estou namorando. Tem umas meninas que eu saio, outras é só sexo. .

UM RAP INÉDITO

Com lápis e papel na mão, Claudio Campos fez o Pensador funcionar na base do stop-and-go e escreveu, linha por linha, a letra autobiográfica de um rap inédito. Leia e pense

"Não Foi Você"

Chegou a nossa vez, que há muito tempo vem sendo esperada
E as embalistas vão poder surgir do nada
Pra ir na onda ou é só pra criticar
Como eu já falei, eu vou é delecar
E pros que tentam me julgar como se fossem os tais
Onde vocês tavam uns cinco anos atrás
O hip hop existe há mais de 15 anos
E só os rappers de verdade sabem o que passamos
No Rio de Janeiro principalmente
O rap sério sempre foi rejeitado completamente
E nós os rappers do Rio nos contentávamos
Quando deixavam a gente entrar nos intervalos dos blocos afro
Nos shows do movimento negro
Mas fora esta a recompensa era o desprezo
Confundidos com funkeiros, discriminados
Preconceito contra o rap porque é som de preto revoltado
Então eu e o Grupo do Filhos do Gueto
Resolvemos viajar com nosso som de preto
Uma pastinha lotada com várias letras de rap
E "Tô Feliz Matei O Presidente" no cassete
E em Sampa pedimos pra entrar no movimento, na São Bento, nos Jovens, em qualquer lugar
E não me esqueço do orgulho que eu senti de
Cantar no ABC no mesmo palco que o Thaíde
Uns desprezavam mas outros respeitaram
E um aproveitador me fez uma proposta indecente
Mas também fiz alguns amigos que me deram o aviso: certos
Contratos assinar é prejuízo!
E quer saber qual foi a minha atitude consciente
Foi recusar aquela gravadora independente
Mas já na grande não me abalei por ser novato
Abri o olho antes de assinar qualquer contrato
Papel em branco não foi feito pra assinar
É pra escrever letra de rap ou autógrafo
Foi o que fiz e escolhi certo parceiro
O meu trabalho toca pra caralho no Brasil inteiro
E quando eu viajo, o hip hop vai no coração
Que quase explode quando eu vejo a roda de break no chão
E outra coisa que eu acho sensacional
É ver a molecada ligada na "Linguagem Cerebral"
e o DJ Fritz nos scratches
Porque hoje em dia eu uso disco, não preciso mais usar cassete
Hoje eu trabalho a nível internacional
Sou um jovem idealista, mas também sou profissional
Depois de anos de batalha sem espaço
Agora eu vivo do que eu gosto e gosto do que faço
E não é fácil chegar até aqui
O Fito está há dez anos nessa luta e não me deixa mentir
Mas nós temos e somos persistentes
Vivemos no hip hop e o hip hop também vive na gente
Somos independentes originais
Sempre mais pra frente, que se foda quem ficou pra trás
E os mesmos palhaços que me disseram "boa sorte"
quando eu tava embaixo
Hoje me desejam boa morte
Porque eu subi bem mais do que eles esperavam
Sem nenhuma ajuda desses falsos miseráveis
Eu sempre fui o homem que eles odiar
Agora eu sei que sou o homem que eles amam odiar
Será que é só por que eu cheguei ao primeiro lugar?
Mas que bobeira, antes de gravar eu já tinha chegado lá
Mas não mudei minha cabeça, a vida continua
E se o sucesso é meu por que você vai mudar a sua?
Você tem mais que respeitar sabe por quê?
Foi o público que me pôs aqui não foi você

PAREDÃO

A BIZZ pediu a algumas figurinhas carimbadas que testassem a cabeça e o pique do Gabriel. No ar, o "Pergunte Ao Pensador"

La fora existe uma grande tendência de fazer rap acompanhado de musicos ao vivo. Você pretende fazer algo assim?
(Roberto Frejat, Barão Vermelho)
Aqui no Brasil algumas pessoas já fazem isso eventualmente, mas continuam trabalhando com DJ. A única experiência que eu tive com banda foi com o Cidade Negra no M2000, em "Retrato De Um Playboy", e gostei. Mas por enquanto, com as pessoas começando a conhecer meu show, eu quero que seja como um hip hop tradicional, pra sentir de onde vem mesmo, como é que é.

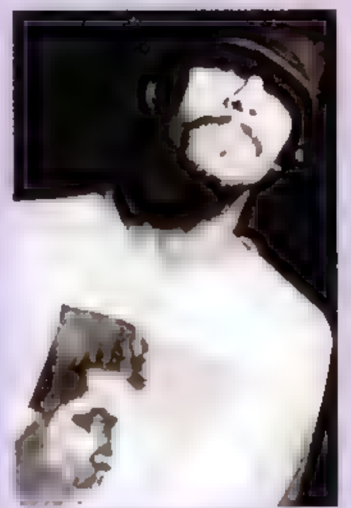
Por que Gabriel, O Pensador? Você é um sábio? *(Bezerra Da Silva, sambista)*
Não, é aquilo que eu digo na musica: "Amado por poucos/ Odiado por outros/ Uns me acham sabio/ Outros me acham louco/ Só sei que eu não sou sabio/ So sei que nada seu Só sei que precisamos aprender/ É isso que eu farei". Pra aprender, precisa pensar. Posso pensar certo ou errado, mas é assim que eu vou aprender

Por que você não vai mais na onda da "Lôraburra", que é engraçada? Você não acha que esse negócio de dar toque é coisa de ginecologista? *(Bussunda, humorista)*
Eu não tento dar toque, só pego os temas e coloco para a pessoa analisar. Em piada já tem muita gente boa. O Bussunda fica com as piadas, eu fico com o lado serio

Você diz que não é funkeiro, mas "funk" aqui no Rio de Janeiro é um termo que engloba rap, *miami bass*, *charm*, Tim Maia, Sandra de Sá, tudo que faz um baile dançar. Será porque funk é som de preto pobre do suburbio? *(Marlboro, DJ)*
Não, porque o rap é som de preto pobre do suburbio e o funk é o som dos donos de equipe que ganham dinheiro vendendo musica de apelo facil pro preto pobre. Esse é o publico que eu quero que ouça a mensagem do rap.

Você como um bom critico sabe que a autocrítica é muito importante para a nossa vida artistica. Se você fosse fazer uma música que te descrevesse, como seria a letra e qual seria o titulo?
(Reginaldo Poltergeist, cantora)
A pergunta é difícil de responder em pouco espaço, mas o trabalho de conhecer a si mesmo é uma coisa que estou tentando fazer. Eu já fiz uma música que falava mais ou menos sobre isso - o nome era "Idealistas" - mas não era uma coisa tão individual assim. Pra fazer uma letra bem pessoal e mais severa, eu precisava de tempo para me entender melhor

Qual é a sua?
(Pivete, Pavilhão 9, Doctors MC's, Sampa Crew)
Expandir o hip hop, que merecia um espaço bem maior do que já estava tendo no Brasil, sem deixar de fazer as coisas da maneira que eu quero, para que possa atingir muita gente.



Gabriel, "o homem que todos amam odiar"

Acho você debochado, sem talento e de inspiração sofrível. Você é assim mesmo ou isso e só um personagem?
(Afanasio Jazadji, jornalista e deputado estadual em Sao Paulo)
Acho que deve ser um personagem de sua própria cabeça, porque eu, modéstia à parte, sou bem talentoso e tenho uma inspiração respeitável. Mas o homem que eles amam odiar é um só, se é isso que você quer saber

Por que todo estilo de musica demora a chegar no Brasil? Você se acha responsavel pela popularização do rap no Brasil?
(Gastão, VJ da MTV e guitarrista da banda RIP Monsters)
O movimento rap já existe aqui há mais de dez anos e já é há muito tempo bem popular para aquele publico mais segmentado

Me acho um dos responsáveis por uma maior divulgação: há pessoas que ouvem meu trabalho e não conheciam rap. Acho isso muito positivo.

Eu vi um show seu onde só tinha playboy e lôraburra. O que você acha de cantar para os tipos que ironiza?
(Rodolfo, vocalista dos Raimundos,
Eu não sei o que você estava fazendo lá. Mas eu acho isso um bom sinal. Se você também pode entrar lá é porque não era tão rígido assim. Eu não sou daqueles que acham que tem de ser underground para passar mensagens de contestação. Quanto mais pessoas ouvirem minhas criticas, mesmo se forem alvo delas, mais elas estarão parando para pensar naquilo de alguma forma.

Por que em vez de ficar reclamando da América, você não reclama de coisas mais próximas como a BIZZ e a MTV, que fazem tanto mal às pessoas?
(Lobão, cantor)
Simples. Porque a América faz mais mal às pessoas que a BIZZ e a MTV juntas

Lôraburra é boa de cama?
(Zeca Camargo, diretor de programação da MTV)
Lôraburra é uma questão de comportamento. Pode ser boa de cama, feia ou virgem. No sexo, ela pode ser de varias formas, o comportamento é que não muda.

Seu grande sonho é casar com uma loura?
Maria Paula, ex-VJ e apresentadora de TV)
Preste atenção na letra, para entender que lôraburra não é uma questão de cor de cabelo. E aí depois você inventa uma pergunta melhor

Por que você fala mal do lugar de onde veio e fica atacando os filhinhos de papai na demagogia? Se quer lutar pelos pobres, por que não faz shows beneficentes em vez de ficar ganhando grana em cima disso? *(Carlos Gracie, professor de jiu-jitsu)*
Show beneficente eu já fiz. E ser playboy também independe de classe social. Eu não quero "ajudar aos pobres", quero ajudar aos brasileiros como um todo. O meu trabalho não é feito para ganhar dinheiro, mas não vou fazer só shows beneficentes porque eu sou um profissional. Eu critico um tipo de jovem sem personalidade que você também devia criticar, porque é o mesmo que tenta banalizar coisas como o reggae e seu próprio esporte.

Você tira o chapéu para dormir?
(Christine Nicklas, VJ da MTV)
É só você ver o clip de "Lôraburra", que passa na própria MTV que você vai ver a resposta

Colaboraram: Giovana Hallack e Thaíde

SE É QUE VOCÊ ME ENTENDE...

DUAS TARDES DE SEXO, REQUEIJÃO & ROCK'N' ROLL COM THUNDERBIRD E SEUS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA - A BANDA MAIS DEPRAVADA DO BRASIL

Por Gabriela Dias
Fotos Rui Mendes

Demorei sete dias para conseguir a entrevista. Meu alvo estava superassediado: acabara de trocar a MTV pela Globo depois de negociações atribuladas. Marquei em uma sexta-feira, quatro da tarde. Acabei passando dois dias entre sanduíches de arenque com requeijão – no pão francês – e sorvete de chocolate. Não ficamos só na música, é claro.

Com vocês, Thunderbird e seus Devotos de Nossa Senhora Aparecida: George (guitarra) e Vitor (bateria).

As Preliminares

Ao abrir a porta que dá pra zoneada sala do "apê" recém-alugado, Luiz Fernando Thunderbird (ele não revela o nome verdadeiro), 32 anos, é todo voz e braços (e óculos, bermudões, topete...)

Pouca gente sabe das suas "atividades paralelas" como dentista, baixista e vocalista dos Devotos *(risos)*. Conta essa história nebulosa.

THUNDERBIRD Eu sou baixista mesmo pra também. Comecei a aprender violão aos seis anos. Estudei piano. Ouvi jazz e MPB. Tive problemas odontológicos. Ouvi muito Beatles, rock progressivo, rockabilly. Até que decidi formar uma banda de psychobilly radical a Aerosol. Durou uns quatro meses. Daí fui dos Neoclássicos, que eram "cabeça".

GEORGE Me odiava atonais, poemas do Paulo Leminski... *(risos)*

THUNDER Aí o George, guitarrista dos Kães Vadius *(falecida banda de rockabilly do ABC)* me disse: "Ei, rapaz! Você está louco? Virou um mod?! Você é um rocker, cara." Encontrei com o Danny Rotten, o Diez e o Baqueta, e formamos o Devotos, voltando as raízes rockabilly. O projeto era soar entre Devo e Stray Cats. Devotos lv! Isso foi em 86.

Você já era dentista?

THUNDER Sim. Eu fui dentista durante cinco anos da minha vida. O George tem umas obturações minhas. Elas ainda estão aí, George?

GEORGE Sim, ótimas obturações! *(risos)*

THUNDER Era uma profissão estável, bem comportada... Me formei com 20 anos. Achei melhor terminar a faculdade e exercer a profissão. Não deu certo, então fiquei administrando os Devotos – o que não dava dinheiro, logico. Daí fiquei três anos como redator publicitário. Net Aquilo.

E como você foi parar na MTV?

THUNDER Fomos no *TV Da Tribo*, um programa de bandas ao vivo, legal pra caralho.

GEORGE O Rogério Gallo, que era o diretor musical, gostou tanto que quis produzir a banda. O Peninha Schmidt também – ele ia lançar nosso disco pela Warner, mas daí pintou o Plano Collor e a gente se fodeu.

THUNDER Rogério foi trabalhar na MTV e me chamou pra ser VJ. Eu já tinha sido ator de comercial. Prometi a mim mesmo ficar notável antes dos 30. Então, aos 29, virei o queridinho do público e da imprensa *(risos)*.

Mas agora a imprensa te bombardeia por causa da mudança para a Globo.

THUNDER Era de se esperar... Coisa do Zeca Camargo, que é homossexual passivo praticante e não conseguiu fazer com que meu pênis funcionasse frente a ele. E eu jogava na sua cara que ele queria dar para o cavalo, mas o cavalo não queria comer. O Zeca é daqueles homossexuais retraídos. Pessimo dançarino do ventre' *(risos)*. Voce não gosta da mudança para a Globo?

As Vias de Fato

Entre biscoitos de chocolate e goles de licor, a coisa começa a esquentar

Eu acho que para a Maria Paula foi ruim...

THUNDER *(enfático)* Mas eu não sou a Maria Paula!

Ainda assim é arriscado.

THUNDER *(metralhadora giratória)* Olha, a Globo sabe que tenho uma banda que se chama Devotos de Nossa Senhora Aparecida e músicas como "Abaixa aí", "Pau No Seu Cu" e "Curra Duca". Ainda assim permitiu o Thunderdog *(personagem-homenagem criado pelo quadrinista Angeli)* no *TV ColOsso*. Eles sabem com quem estão lidando, sabem que não vou deixar barato.

Mas o que você vai fazer lá?

THUNDER Eu vou ter um quadro no Fantástico, pra zoar o barraco, e vou ter um programa de auditório, com bandas ao vivo. Quero que seja um puta passo, não só meu, mas da televisão brasileira.

E a MTV? A separação não foi amigável?

THUNDER Fui tive brigas lá. Tem censura na MTV também, sabe? *O Yo! MTV Raps* por exemplo: eu brigava com o Zeca Camargo para o programa ter, ao menos, um horário mais "plausível" *(o Yo! passa à 1.20h de quinta-feira)*. Mas ele achava que o público da MTV não queria ouvir rap – então, que se fodesse o rap.

O que te levou a entrar lá? E como você subiu tão rapido?

THUNDER Estava desempregado, queria ganhar uma grana. Achei que trabalhar com musica seria legal. Na verdade, até minha estreia, eu não sabia bem o que ia fazer. Acho que foi assim que ganhei credibilidade: falando o que pensava. Só que eu também opinava sobre o que não era legal. Mas não era uma coisa assim de "isso não é bom, não escutem". Era: "Eu não gosto, veja você". Entrei sem bater, com minha cara-de-pau e meu inglês errado.

"A GLOBO SABE QUE EU TENHO UMA BANDA CHAMADA DEVOTOS DE NOSSA SENHORA APARECIDA E MÚSICAS COMO 'ABAIXA AÍ'. OU SEJA, ELES SABEM COM QUEM ESTÃO LIDANDO"

Foi fazendo um monte de coisas...

THUNDER Eu fazia *Top 10*, *Lado B*, *Ponto Zero*, *Rock Blocks*. Sempre fui bem aceito.

Mas como você, sem papas na língua, não foi cortado e, ainda por cima, subiu?

THUNDER Fui cortado! Até perdi dois programas! O *Ponto Zero* lançava os Irmãos Nelson e eu dizia que era uma bosta. Crítica destrutiva mesmo. As gravadoras ficavam mandando cartas para a direção: "Nos não gostamos do tratamento que o Thunder dá a certos artistas." A mesma coisa lá no *Top 10*. O diretor era o Marcelo Machado. Ele me disse: "Ou você toma jeito ou perde os programas." Gravei metendo o pau e, na semana seguinte, o *Top 10* estava com a Cuca. E o *Ponto Zero* com o Gastão.

Ainda assim, você se destacou.

THUNDER Sou muito razoável, bonzinho. Tive dois chefes sensacionais: o Gal e o Titti (*Roberto Civita*). O Titti é sensacional. Fui a Los Angeles e disse: "Me mandaram pra cá e não estou fazendo nada, caralho, bucetal" *(risos)*. E ele: "Vamos fazer alguma coisa, vamos fazer o *Thunder Descobre A America*." Ele bancou aquilo. Foi uma das melhores coisas que já fiz.

E o que aconteceu pra você sair, então?

THUNDER Titti saiu, entrou o Zeca. Se eu ficasse, ia acabar quebrando o pau com ele porque não nos damos muito bem. Tenho uma postura muito "demaquilada", ele tem posições muito firmes conseguidas graças à depuração intelectual que ele teve nos colégios ricos, onde ia de chofer e BMW *(risos)*. Essas coisas de gente rica.

Como a Globo entrou nisso?

THUNDER O Boninho me ligou em dezembro. Depois, começou a ligar direto. Fui lá ver o que ele queria, e foi tipo "toma que a xoxota é sua"; ele topou tudo o que propus. A MTV fez umas contra-propostas sensacionais – aliás, a MTV não, o Titti. O Zeca queria mais é que eu saísse do caminho. Deu um mês pra resolverem os problemas, mas os atritos continuaram. Optei pela Globo onde vou ter uma produção fodida, o triplo do salário e quatro vezes mais audiência. Né? Aquilo...

Depois, um cigarro

Após a tempestade, vem a banda. E então chega a hora dos outros Devotos...

A banda tem sete anos. Por que só foi gravar seu disco agora?
GEORGE Tivemos propostas antes, só que todas indecentes. A Continental oferecia um compacto simples junto com uma banda de pagode. Vai dar o cu pro cavalo!
THUNDER *(risos)* Aí chegou o Mayrton (*Babia, do selo Radical*), que é muito confiável. Nosso contrato é o menos leonino de todos *(risos)*. A gente fez o disco que quena, não teve ninguém metendo o bedelho. São cinco músicas instrumentais!

Todas as músicas desse disco são antigas?
GEORGE Não, mas tem coisas antigas, que precisavam ser registradas. Quem já é fã não se decepcionará.
THUNDER A gente deve entrar em estúdio já em maio pra gravar o segundo.
Tua ida pro Rio vai inviabilizar a banda?
THUNDER Não, de jeito nenhum. Só vou ficar lá três dias por semana.
GEORGE Além disso, já nos acostumamos a ensaiar menos. Quando o Thunder foi para a MTV, ficamos nove meses sem tocar. Hoje a gente se vira, cada um traz suas músicas.
E as letras? Vai tocar no rádio?
VITOR A gente não está preocupado com isso. É "pau no seu cu" mesmo e foda-se!
THUNDER Nossa música é essa rockabilly depravado. E o povo gosta, adora cantar esse tipo de besteira...

CANTE COM O THUNDER

"Pau No Seu Cu"

Pau no seu cu, menina
Você não soube aproveitar
Te dei todas as chances
Pra você me chupar
Agora pau nessa bundinha
Agora é tarde demais
Te dei todas as chances
Você não soube aproveitar
Pau no seu cu/Pau no seu cu
Pau no seu cu/Pau no seu cu

Como foi a gravação?
GEORGE As bases foram feitas a pilo. Depois trabalhamos o resto, aprimoramos, gravamos mais coisa. Rolou um astral ótimo entre a produção (*da banda e de Guilherme Candia*) e a gente.
VITOR Teve uma liberdade que geralmente não rola em primeiro disco. A gente já tinha uma certa experiência: o George era guitarrista dos Kães Vadius, que chegou a gravar três discos independentes, enquanto eu sou músico profissional.

ZECA RESPONDE

Thunderbird correteu muitos erros na sua entrevista para a BIZZ. Por exemplo: ele nunca me perguntou se o público da MTV queria ouvir rap – e nem ouviu de mim algo como "que se foda o rap". Digable Planets ou Snoop Doggy Dog só entraram na MTV brasileira por lobby meu – esforço que ele deve desconhecer. Sem falar da minha preferência por esse gênero de música, atestado até mesmo em artigos nesta revista. Ocupo o cargo de Diretor de Programação há pouco mais de um mês (escrevo em janeiro) e só agora, planejando 94, é que posso decidir horários de programas – portanto, nunca "briguei" com Thunder por causa do *Yo, MTV Raps*. Aposto até em sua reformulação – um dos meus projetos, agora. Também nunca tive tempo de ser chefe dele. Praticamente todas as decisões quanto ao Thunder, nesse tempo de transição, foram tomadas junto com o Tito. Nunca cortei programas dele – ao contrário, devido à proposta da outra emissora, até criei novas opções de colocá-lo no ar. Difícil entender sua colocação de que eu "queria mais é que ele caísse do caminho." Se ele já errou tanto nos ataques à MTV (meu único universo de contato com ele), imagine nos pessoais. *Zeca Camargo*

Lançamento Exclusivo
Stamp overprint
ESTAMPA TOTAL (OVR)
DESENHO FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA
OVR-1 OVR-2 OVR-3 OVR-4 OVR-5 OVR-6 OVR-7 OVR-8 OVR-9 OVR-10

CAMISETA ESPECIAL (TE)
ESTAMPA FRENTE E COSTAS
MANGA CURTA
TE41 TE40 TE39 TE38 TE37 TE36 TE35 TE34 TE33 TE32 TE31 TE30 TE29 TE28 TE27 TE26 TE23 TE22 TE20 TE17 TE15 TE12

CAMISETA
ESTAMPA FRENTE
MANGA CURTA (MC)
MANGA LONGA (ML)
852 851 850 858 856 853 851 850 849 838 840 834 829 826 816 802 576 581 510

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE (011) 299 7478

Stamp Rockwear

MALHA MERCERIZADA
SILK SCREEN DE ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P,M,G

PREÇOS
MANGA CURTA (MC) -CR$ 7.900,00
MANGA LONGA (ML) -CR$ 9.600,00
CAM. ESPECIAL (TE) -CR$ 9.900,00
CAM. OVERPRINT (OVR)-CR$ 12.800,00

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 28/02/94
De 01/03/94 a 15/03/94
aumento de 20%

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

BIZZ 10:

NOME
END
CEP CID EST

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/ STAMP- RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-091 - SÃO PAULO - SP.

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGENCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

Chegou Zap. O caderno mais novo do Estadão, que vai sair toda quinta no lugar do Cola. Só que totalmente diferente. Zap! é um caderno que só vai ter matérias que interessam. Tem Bussunda, da turma do Casseta & Planeta. Tem a coluna "No Real", com mais espaço para você soltar o verbo. Zap! vai continuar falando de vestibular e universidade, vai falar de política e economia sem ser chato (difícil, não é?). Mas você vai ver. Leia Zap! Ele é muito mais do que você está pensando.

Enquanto Brasília escolhia o sabor da pizza
e Los Angeles chacoalhava com mais um prenúncio
do Big One, a galera se alinhou pra ver
as atrações do Hollywood Rock e do M2000,
versões brasileiras dos bem-comportados
festivais dos anos 90

Lambe-lambe

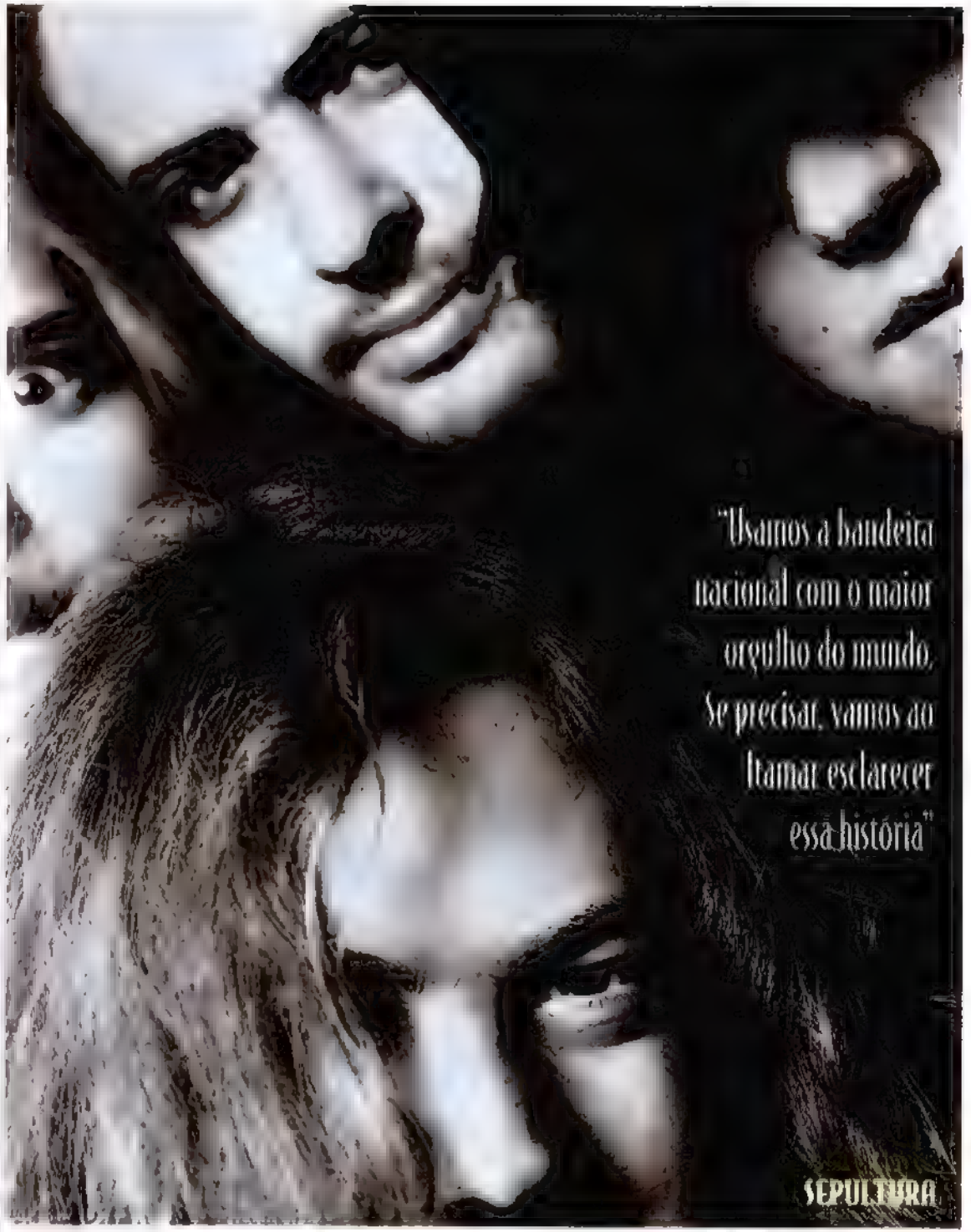
Rock, reggae, rap, soul, mangue beat, samba-funk...
a centrífuga funcionou direitinho
e a BIZZ – que não queria chover no molhado
fez o que ninguém fez: montou uma calçada da fama
sob as luzes do Elisabetsky, um dos mais bem treinados
fotógrafos de estilo do país.
As imagens (e frases) dessa zona estão aqui,
sem retoques, exclusivas como convém,
solenes como esses caras merecem

"Queria entender por que o público brasileiro cospe tanto no palco"

ROBERT PLANT
"Com meus 45 anos, gosto de transar e de cantar. Não gosto de tirar fotos."

SHABBA RANKS
"Shabba Ranks é a prova viva de que todo pode ser alguém na vida"

BRETT MICHAELS (POISON)
"Disseram que nosso show foi com. Na hora, pensei que estivessem gostando"


"Usamos a bandeira nacional com o maior orgulho do mundo. Se precisar, vamos ao Iraque esclarecer essa história"
SEPULTURA

Fotos: Cláudio Elizabetsky Assistentes: Codo Meletti e André Ismael Produção: Robert Halfoun

A maior prova de que o leitor de revista é um excelente consumidor é que ele já começa comprando a revista.
E pela revista que ele compra você consegue saber exatamente quem ele é,

o que ele pensa, do que ele precisa. É por isso que a revista é o meio que permite a melhor segmentação. Anunciando em revista você fala diretamente com o seu consumidor.
Ou seja, aproveita cada centavo

para atingir quem tem potencial para comprar.
E para que anunciar para quem não pode comprar, se o objetivo final da propaganda é vender?

Quem pode comprar revista pode comprar seu produto.

AO VIVO

Carlton Coffey (vocal) comandou o arraso do Inner Circle

M2000 SUMMER CONCERTS
(Santos, 8/1 e Rio, 9/1)

Chico Science, Cidade Negra, three walls down, Gabriel O Pensador, Chaka Demus & Pliers, Fito Paez, Shabba Ranks e Inner Circle

A fórmula do M2000 – shows internacionais "de grátis", na praia, em pleno verão – foi o "ovo de colombo" da temporada. Ela foi tão boa que até as falhas existentes na programação e na organização não pareceram ter a menor importância. E não tiveram.

A primeira etapa foi "maneira" (na escalação) e "pedreira" (nos conflitos do público, particularmente no Rio). Quem sofreu com a qualidade de som, em Santos, foi o impossível Chico Science, mas o maracatu atômico da sua Nação Zumbi colou nos ouvidos de primeira. Mais de uma pessoa associou o peso de seus tambores à dupla de bateristas do Ministry – sem exageros.

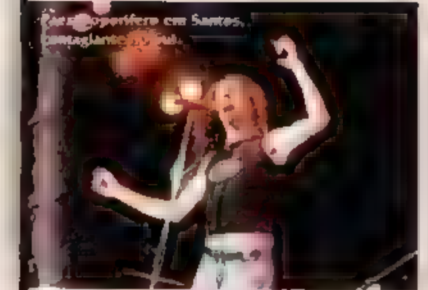
O Cidade Negra, segunda banda em Santos, abriu a noite no Rio, o que pegou bem: deu uma esfriada nos ânimos das galeras, após o atraso de duas horas e tal. Reggae/pop brazuca e simpático. O three walls down, por sua vez, mostrou que é mais do que um *clone* do R.E.M., apesar do timbre enervantemente idêntico do vocalista.

O incendiário Gabriel, que já tinha roubado o show em Santos, quase virou um caso de polícia ao se apresentar na Barra da Tijuca. Brincando com as galeras funk, acabou agitando a moçada um pouco demais, fazendo vista grossa pra correrias e pernadas. Foi a senha para os playboys do jiu-jitsu aplaudirem a intervenção da brigada de choque, que distribuiu boas cacetadas. "Cânaburra".

O argentino Fito Paez foi até bacana, mas se ressentiu do absoluto desconhecimento do público.

Finalmente, uma seleta de subgêneros do reggae pra neguinho

O ragga explícito de Shabba



[illegible] periferia em Santos, contagiante [illegible]

não botar defeito. Chaka Demus & Pliers, pena, decepcionaram um pouco. Sem o auxílio luxuoso dos produtores Sly & Robbie, seu "soul-cum-toast" (aquela mistura de vocais cantados e falados) não decolou.

O dancehall maroto de Shabba Ranks fez o esperado e um pouco mais, com perfeito domínio do público. E, ao contrário dos primeiros, o reggae mais tradicionalista do Inner Circle cresceu na mão – o quinteto deu um show surpreendentemente bom. Pena que o adiantado da hora e a chuva, no Rio, tenham posto o público pra correr logo no comecinho da apresentação.

(Capão da Canoa, 21/1 e Florianópolis, 23/1)

Cidadão Quem, Dr. Sin, Anything Box, Robin S., Deborah Blando, Fito Paez e Helmet

O começo foi meio chato, com o porto-alegrense Cidadão Quem (brega e provinciano pacas) e o hard rock paulista do Dr. Sin, apesar de competentésimo, nascido datado.

O tecnopop do Anything Box, como já escreveu alguém, ficou parecendo o Information Society fazendo cover do New Order. Mas deu para começar a esquentar a "rapeize".

A coisa começou a melhorar com a diva Robin S., que, apesar de ter apresentado seu repertório dance sem banda, cantando sobre bases em *playbacks*, ganhou pelo *feeling* e pelo carisma. Boa presença. Já Deborah Blando convenceu pelo charme. Na verdade, sua carreira internacional sempre foi meio patética.

Mas, aqui no Brasil, com banda e músicas novas, eis que a lourinha supriu a terrível lacuna pátria de cantoras sexy. O repertório tem algumas espertezas, como "Decadence Avec Elegance" (Lobão) e "You Really Got Me" (Kinks) – apesar do arranjo equivocado de "A Maçã" (Raul Seixas).

Com a ampla platéia argentina dos dois balneários, Fito Paez mostrou a que veio. Com um septeto bem afiado, o tipão esquisito, entre Arnaldo Baptista e Gerald Thomas (para quem mistura rock pop e tango, tudo bem), deu os shows mais agitados da etapa. Pode até vir a colar no Brasil.

Já o quarteto nova-iorquino Helmet foi ao mesmo tempo, principal atração e "estranho no ninho". A tempestade metálica dos *riffs* deu um apavoro no público mais família e veraneante, mas pôs os (poucos) *headbangers* presentes para cabecear. O mais engraçado: o descompasso entre a aparência inofensiva deles e o seu peso obsessivo. Mais um acerto, entre vários. ALEX ANTUNES

Helmet, rolo compressor

FICHA TÉCNICA

Público: 80 mil por noite (Santos e Rio), 10 mil (Capão) e 15 mil (Florianópolis)
Som: 200KW; Luz: 600KW, 500 refletores 18 canhões computadorizados e 10 seguidores.

AO VIVO

HOLLYWOOD ROCK

(São Paulo, 14 a 16/1 e Rio, 21 a 23/1)

Titãs, Poison e Aerosmith

Primeiro dia de festival é sempre a mesma coisa: até o circo pegar fogo, demora. Principalmente quando a escalação não é das melhores. No primeiro dia deste Hollywood Rock 94, os Titãs, embora com um repertório só de sucessos ("Polícia", "Clitóris"), sentiu este peso. Enquanto os caras davam o sangue no palco, o pessoal ainda entrava no estádio, sem nem saber o que estava acontecendo. Eles acabaram sendo tirados do palco e impedidos de fazer o bis. Segundo a organização, os Titãs estouraram o tempo – era hora dos outros entrarem.

Os ex-Twins Steven Tyler e Joe Perry, arrebentando

E o que dizer do Poison? Som bom, eles nunca tiveram. Foi sem dúvida o show mais insosso do festival. Parecia que o Morumbi estava dentro de uma enorme geladeira, tamanha a frieza que tomou o lugar. Nem os poucos sucessos (leia-se os da MTV) nem as baladinhas babas lazarentas fizeram o público se mexer.

O destaque da noite, como se esperava, foi mesmo o Aerosmith. Não é à toa que eles estão há vinte anos na estrada. Steven Tyler & Cia. não deram colher de chá: passaram como um rolo compressor sobre a pasmaceira que havia tomado o estádio. Indo de sucessos recentes a velharias do passado, fizeram um show impecável, agitado e com performances incríveis. Steven Tyler, por si só, foi um espetáculo à parte. Outro destaque foi Joe Perry, que deixou a molecada surpresa – sem frescuras ou olimpíadas de notas, ele mostrou que tem o rock na alma.

No Rio, o barco correu do mesmo jeito. Exceções: Titãs e Sepultura juntos em "Polícia" e o viadinho do Brett Michaels (vocal do Poison) com a (eca!) camisa do Flamengo.

O Aerosmith arrasou de novo, provando que, ao vivo, é uma das maiores bandas do mundo.

No Rio, a Sepultura foi ainda mais furiosa

Live, Sepultura, Ugly Kid Joe e Robert Plant

Hollywood Rock com a banda da trilha sonora do anúncio do cigarro ao vivo e a cores: comercialmente era perfeito. O Live não foi bobo nem nada, e abriu sua apresentação com o hit "Pain Lies On The Riverside", do comercial exibido na TV. Resultado: ganhou o público, que, contrariando expectativas, respeitou a apresentação até o final. E eles fazem mais barulho que muita banda de metal por aí.

Por outro lado, alguma dúvida de que a noite era do Sepultura? Tinha adolescente vestido de preto por todo lado. A molecada gritou o nome do grupo até a hora da superprodução da banda ser acionada. Aí foi festa: "Refuse And Resist" a música de abertura, estava sendo gravada em vídeo para o novo clip de *Chaos A.D.* Imagina a agitação dos caras no palco! Apesar de nervosos, eles mandaram ver até a metade do show, quando, entre "Inner Self" e "Arise", o PA inteiro deu *tilt* e só a bateria ficou. Max isolou a guitarra e Igor chutou a bateria. Não adiantou – o clímax já havia sido quebrado. Conclusão: eles acabaram se descontrolando. Não tocaram "Arise" e prosseguiram do jeito que deu. No bis, "Crucificados Pelo Sistema" com a participação do João Gordo (Ratos De Porão) na canja mais rápida da história do rock: um minuto e meio. Fechando a noite, Max foi preso por portar uma bandeira do Brasil com o "S" tribal de Sepultura no meio. Segundo a lei (e promotores babacas), foi desrespeito à pátria "Polícia pra quem precisa de polícia?"

Veio o Ugly Kid Joe: show correto, calcado no carisma do vocalista Whitfield Crane. A coisa só animou nas conhecidas "Cats In The Cradle" e "Everything About You". A surpresa: "Sweet Leaf", do Black Sabbath. Mas não se via a hora de Robert Plant entrar. Eu, cético, só esperava. O cara é a lenda viva do Led Zeppelin, mas seu repertório recente não dá. Mal sabia que estava prestes a ver um dos melhores shows da minha vida. Com uma puta banda – destaque para o baterista e as guitarras –, o que poderia ter um conteúdo farofado ganhou arranjos tipo melhor fase zeppelhana. Para desespero dos fãs, porém, do Led Zeppelin mesmo só "Thank You" e "Whole Lotta Love".

No Rio, Plant foi ainda melhor (os paulistas que me perdoem, mas, em matéria de animação, a galera carioca dá de dez). Mesmo descontando o puta show carioca do Sepultura (que, por causa do lance da bandeira, tinha razões de sobra para querer detonar), o Hollywood Rock na fase carioca foi muito superior. O caso de Plant foi exemplar: ele, que prometera não se basear nos hits do Led Zeppelin, acabou levando "Rock N'Roll".

Ponto para os cariocas.

Skank, Fernanda Abreu, Jorge Ben Jor e Whitney Houston

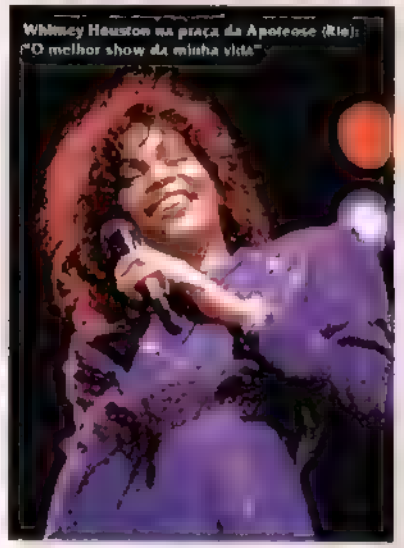
Foi o dia mais "família" do festival. Mauricinhos, teens, papais e até gente comum (que não faz parte de tribo alguma) deram o tom naquela tarde/noite de domingo. Para quem já havia visto Aerosmith e Robert Plant, a sensação era de missão cumprida.

Garoava, mas nem isso impediu que a primeira atração, o mineiro Skank, fizesse o povo pular. Apesar do som rum, "Macaco Prego", "Baía De Guanabara" e "Indignação" (durante a qual Samuel protestou contra a falta das novas bandas da "MpopB" no festival) falaram alto e deram o recado.

A expectativa quanto ao *set* da Fernanda Abreu até que era boa. Mas Fernandinha tocando em São Paulo é como time fora de casa: por mais que jogue bem, não empolga. O bom repertório (pô, faltou "Speed Racer"!), o figurino, a coreografia e a cenografia não foram suficientes para levantar a massa. Explica-se: a carioquice da Fernanda não convence os paulistanos. Até que ela tentou, trocando o refrão de "Rio 40 Graus" pra "São Paulo 40 Graus". O resto do show misturou sucessos recentes como "Jorge Da Capadócia" com as antigas "A Noite" e "Você Pra Mim" (incluindo palhinha de "Back To Life" e "Keep On Movin", do Soul II Soul).

O público já estava quente quando Jorge Ben Jor veio para fazê-lo ferver. E conseguiu, colocando o povo para dançar do começo ao fim do show. Foi de Ben Jor um dos momentos mais emocionantes do festival: na versão reggae de "Chove Chuva", o público começou a cantar tão alto que Jorge se emocionou e não segurou as lágrimas. Movido pelo coração e dando o que o público queria (balanço e refrões fortes), ele acabou fazendo versões enormes: "W/ Brasil" chegou a ter quinze minutos. Depois de "Engenho De Dentro", o rei absoluto da noite foi tirado do palco por estourar o tempo. Sequer teve chance de agradecer.

Quando a Whitney Houston entrou, a dúvida era a seguinte: será que a cantora ia fazer o show inteiro com dois seguranças do lado? Quase fez. Toda vez que ela ia até as passarelas laterais, os macacos iam atrás. A baba tomou conta do estádio – foi um show foi totalmente direcionado aos namoradinhos apaixonados. Eu, que nem sou conservador, fiquei até constrangido com o pega do casalzinho na minha frente. Se ela canta mesmo? Pra caralho. Gosto à parte, a mulher manda muito e é muito carinhosa com o público (principalmente com as bichinhas que lotam o "gargarejo"). Pra quem gosta, até que valeu.



Whitney Houston na praça da Apoteose (Rio): "O melhor show da minha vida"

Na Apoteose, a história foi, mais uma vez, diferente. O Skank enlouquecem os cariocas ainda sob a luz do sol. Fernandinha, em casa, foi outra coisa. Precisa dizer que em "Rio 40 Graus" as arquibancadas vieram abaixo? Jorge Ben Jor, depois da injusta expulsão em SP, fez um show mais enxuto. Cantou "Cidade Maravilhosa" e, invertendo os papéis, conseguiu arrancar lágrimas da galera.

O astral estava lá em cima: nem mesmo a espera de uma hora pela entrada de Whitney Houston tirou o ânimo do pessoal. A apresentação da cantora foi impecável.

Depois de revelar que aquele estava sendo seu melhor show, ela chamou o marido Bobby Brown, que deu uma canja inesquecível na música "It Had To Be You". É, o Rio deu de goleada.

Robert Halfoun

FICHA TÉCNICA

Locais: Estádio do Morumbi (SP) e Praça da Apoteose (RJ). Público: 50 70 e 60 mil (SP); 45, 50 e 50 mil (Rio) Som: 1 500KW. Luz: 2 mil refletores.

ANTENANDO

Os shows da temporada

FEVEREIRO

Orquestra Paulista de Soul, Blue Note, São Paulo/SP, dias 18 e 19 (fone 011/884-9356)
Travelling Blues, Blue Note, São Paulo/SP, dias 25 e 26
Terreno Baldio, Centro Cultural São Paulo, São Paulo/SP, dias 25, 26 e 27 (fone 011/277-3611 r. 270)

MARÇO

Little Quail & The Mad Birds, Columbia, São Paulo/SP, dia 1 (fone 011/282 8086)
DIO, Olympia, São Paulo/SP, e Canecão ou Imperator, Rio/RJ, dias 8, 9 e 10
Joe Satriani, Anhembi, São Paulo/SP, dias 9 e 10 (fone 011/816 6568)
Soul Asylum e INXS, local a definir, São Paulo/SP, dia 10; Estádio da Gávea, Rio/RJ, dia 11; Pedreira Paulo Leminski, Curitiba/PR, dia 12
Fight, Olympia, São Paulo/SP, e Canecão/Imperator, Rio/RJ dias 15, 16 e 17
James Taylor e Sting, locais a definir, São Paulo/SP, dia 18; Rio, dia 19; Curitiba, dia 22 (só Taylor)
Yngwie Malmsteen, locais a definir, São Paulo e Rio, dias 22, 23 e 24

B. B. King

(São Paulo, 14/12/93)

A nova casa noturna Bourbon Street surgiu pra ficar, a julgar por sua primeira atração – nada menos que a terceira temporada brasileira de B. B. King. Em sonorização, iluminação e ambiente, a Bourbon está tão à altura de B. B. quanto os Blues Boys, sua banda de apoio (e por falar em apoio: a brasileira Zydeco abriu a noite com uma inusitada mistura de blues, forró e som de "oktoberfest").

Mas o assunto é B. B. King. Se Paul McCartney é o rei do rock de cabaré, idem B. B. com o "blues de cabaré" (no bom sentido). Ele diverte sem perder o *feeling*: além de ter reunido vários de seus hits ("The Thrill Is Gone", "Rock Me Baby"), mostrou que não vive só da escala pentatônica com várias *jams* instrumentais e uma versão surpresa de "You Are My Sunshine". Talvez a melhor passagem deste "rei" pelo Brasil. *Ayrton Mugnaini Jr.*

B.B. King e sua inseparável Lucille

FICHA TÉCNICA

Local: Bourbon Street Music Club. Abertura: Zydeco. Público: 600. Som e luz: informações indisponíveis.

ARSENAL: B. B. KING

A guitarra "Lucille", de B. B. King, é na verdade uma Gibson modelo 355. Ele usa um amplificador Lab Series modelo L5, fabricado pela Gibson, fora de linha desde 1982 e, acredite se quiser, transistorizado.

The Cramps

(Nova York/EUA, 10/12/93)

CBGB's, noite de sexta. A casa nova-iorquina inicia a comemoração de seus vinte anos de bons serviços ao rock com um show do alucinado psycho-punkabilly dos Cramps. O clima perfeito para a aparição daquelas criaturas dantescas (Lux Interior, vocal, Poison Ivy, guitarra, Slim Chance, baixo e Jim Sclavunos, bateria).

21h: a primeira banda, Chrome Cranks, entra no palco.

O grupo, uma espécie de "Cramps cover" (o vocalista tem todos os maneirismos de Lux), manda um rock-corebilly contagiante. Depois vêm Laughing Hyenas (rock rápido de canções excelentes) e Come.

23h30: clube lotado. O público suado uiva pelo início do show. Os Cramps aparecem e respondem à altura com "Garbageman" e "Love Me" (ambas de *Bad Music For Bad People*). O travestido baixista Slim Chance rouba a cena com distorções psicóticas e Ivy improvisa vocais incríveis num rock pop anos 60 ("papa-u-mama, papa-u-mama"). Lux dá sinais de cansaço em "New Kind Of Kick", um hino dos Cramps. Às duas da manhã, anuncia "Fever", a última da noite. O público – brindado com um vinil raro da banda (da época em que eles se chamavam Frank Furter And The Hot Dogs) – reverencia aquelas figuras soturnas, num final extasiante.

Um show para ficar na história do CBGB's. *Virgínia Guilhon*

FICHA TÉCNICA

Local: CBGB. Público: 350. Abertura: Chrome Cranks, Laughing Hyenas e Come. Som e luz: informações indisponíveis.

John Patitucci

(Rio de Janeiro, 29/12/93)

Dizer o que de uma apresentação que reuniu, às vésperas do Ano Novo, simplesmente um dos melhores baixistas do mundo (Patitucci) junto a uma seleção de músicos nacionais e estrangeiros supercompetentes e profissionais? Reunidos somente para o show e, portanto, sem muito tempo de ensaio, todos tocaram com o auxílio de partituras – sem deixar de lado, porém, o que os jazzistas sabem fazer de melhor: improvisar.

O time bateu um bolão. Eric Marienthal usou e abusou de seu sax e de sua simpatia; Michael Shapiro arrasou com quebradas rítmicas na bateria; Marcos Ariel improvisou horrores no piano elétrico; Ricardo Silveira (brasileiro atualmente radicado nos EUA) mostrou porque é um dos melhores guitarristas do Brasil no gênero, enquanto Kevyn Lettau (vocal) brilhou numa versão cheia de sotaque de "Travessia" (Milton Nascimento).

Mas a grande estrela foi Patitucci que demostrou sua técnica melódica, exuberante e cheia de *feeling*, fazendo um baixo de seis cordas soar como guitarra. Os destaques do repertório – baseado em temas dos próprios músicos – foram "Frevo Pra Lucas" (Ariel), "Afoxé" (Silveira) e "Growing" (Patitucci). Para ficar na memória dos jazzófilos brasileiros. *Fernando Folena*

FICHA TÉCNICA

Local: Mistura Fina. Público: 180. Som: 1 200W. Luz: 30 refletores de 500 e 1 000W.

LANÇAMENTOS

LEGIÃO URBANA

EMI-Odeon

Descobrimento Do Brasil

Renato Russo não é Jorge Ben Jor alguém que se orgulha de nunca ter escrito uma música triste. Às vezes parece ter nascido na época e no cenário errado. Sofre e se indigna como aqueles poetas do século passado ultra-românticos e atormentados como Byron, que tratam a vida como um fardo existencial marcada por desencontros afetivos. *Descobrimento Do Brasil*, sétimo e mais recente disco da Legião Urbana sera a redenção de Renato Russo e seu grupo, reduzido às companhias de Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá. Renato livrou-se do incômodo alcoolismo e construiu, com o grupo, um disco poeticamente menos melancólico e musicalmente muito bem resolvido. *Descobrimento Do Brasil* só não é como imaginou Russo, um disco otimista Com a produção centralizada nos três legionários, o álbum é um sutil inventario de todas as vocações musicais do grupo, a partir do punk rock sujo, com tracks de guitarra que se avolumam furiosamente em canções como "Do Espirito", até chegar a texturas bem mais suaves e melodicas, delineadas por baladas folk Há até uma faixa instrumental de surpreendente lirismo. Renato arrisca tocar uma cítara Dado Villa-Lobos, um bandol m. U'm computad.ur *Macintosh* – atraves de um programa *Pro Tools* – é utilizado para ajustar trases de guitarras equivoca das e eliminar chiados.

O disco tem uma vocação acustica e flerta com o digital Parece um paradoxo. Nao é! A bateria eletrônica, que introduz "Descobrimento Do Brasil" abre espaços para o violao e o bandolim. Renato cria as letras a partir das músicas e grooves que Dado e Marcelo lhe apresentam

O processo de desintoxicação que limpou seu corpo contamina a poesia Russo prega um pais de sangue limpo sem mentiras, roubos ou violências Renato sopra a depressão para longe reerguendo a vida depois dos relacionamentos desfeitos. Recupera as amigas e tenta encontrar a felicidade. Nada, porem, em *Descobrimento Do Brasil* tem a marca da exaltação fácil ou do deslumbramento bobo

Como quem ja chorou muito, Renato amassa o lenço e atira as lágrimas no lixo A dor, mais leve permanece

CELSO FONSECA

Ilustração: Carnevos

DISCOS

MOTÖRHEAD

XYZ

Bastards

O tempo passa e, desde que surgiu o Yellowman, Lemmy Kilmister não é o cara mais feio do universo, tampouco o Motörhead é a banda mais "podrona" do mundo.
Enxotados da Epic, eles assinaram com o selo dance XYZ. Todos esperavam mudanças revigorantes nos ânimos do pessoal, mas eis que, como mágica, o quarteto solta este *Bastards*, a maior "chicherama" que podiam conceber. O álbum anterior, *March Or Die*, apontava novos rumos para o grupo, como no blues imundo "Lost In The Ozone" – que lembrava – que Deus me perdoe! – Joe Cocker.
A abertura do novo disco, "On Your Feet Or On Your Knees", engana bem, como "Born To Raise Hell" e "Don't Let Daddy Kiss Me", mas o resto soa burocrático e enfadonho, nos fazendo pensar como seria diferente se a banda estivesse na faixa dos vinte anos (idade, aliás, em que Lemmy viajava" com o progressivo de Hawkwind). *Ricardo Alexandre*

AFGHAN WHIGS

Warner

Gentlemen

"Sua atenção, por favor", é o que pede o vocalista Greg Dulli logo na segunda faixa de *Gentlemen*.
Um conselho: atenda ao pedido deles e entre no mundo dos Afghan Whigs, um grupo de Cincinnatti saído das fuzeiras da gravadora Sub Pop (manjas Nirvana e Mudhoney?).
O som da banda é denso, feito de guitarras descontroladas, distorcidas, climas sombrios e letras depressivas, a maioria sobre relações amorosas mal resolvidas. Em "Debonair" o grupo deixa escapar a influência da Motown citando o Jackson 5. Mas a melhor é "My Curse", cantada por Marcy Mays. Descreve uma relação sadomaso. "Me machuque, baby/Eu deixo tudo de lado quando você faz isso". Hum... *Sérgio Martins*

HELLHAMMER

Rock Brigade

Apocaliptic Raids

É a trilha sonora do inferno. Tudo bem ignorar o satanismo babaca e até os dez anos de atraso em relação ao lançamento original. Mas Tom Warrior (na época, chamado Satanic Slaughter) & Cia. conteriam atuais, furiosos e sendo influência certa de nove entre dez bandas de death metal (o Sepultura é declaradamente uma delas).
Os *riffs* de guitarra absolutamente crus, a maneira peculiar de cantar os "uhs" da vida (se é que você me entende...) vão ficar na cabeça e no toca-discos de quem aprecia o bom metal. E o melhor de tudo: esta versão brazuca tem duas faixas a mais do que a original gringa.

Além das inesquecíveis "Massacre" e "Triumph Of Death" (uma sinfonia de gemidos), ainda tem "Revolution Of Doom" e "Messiah", que foram retiradas da coletânea *Death Metal*, da gravadora Noise, editada em 85. Informação quente na Europa já rola um álbum no formato *picture disc* com as primeiras demos deles. Fique ligado. *Roberto Hafner*

LEMONHEADS

Come On Feel The Lemonheads

Warner

A essa altura, quando você ler esta resenha, Evan Dando e os seus Lemonheads já terão dado as caras por aqui no festival M2000. E você certamente descobriu que eles fazem muito mais barulho no palco do que em disco.
Dando, um *sex symbol* meio malucão e esculhambado, é arguto letrista, convincente guitarrista e vocalista competente. Não é pouco, pois contam-se nos dedos *rockstars* com tais atributos. Este é o sexto álbum do grupo de Dando, que é o "dono da bola" numa banda com incontáveis formações.
A atual – que traz o baixista Nic Dalton e o baterista David Ryan – pode ser considerada uma das melhores. O novo disco é uma prova de que o grupo americano embarcou definitivamente em sons mais suaves e melodiosos.
Mas este lado aparentemente leve é só uma fachada para as letras um tanto doentias e depressivas de Evan.
Há um certo componente de problemas: Dando foi obrigado a colocar voz em algumas faixas em meio a uma profunda depressão e com problemas vocais.
Tudo isso, contudo, não prejudicou o resultado final. Basta escutar a leveza dos arranjos que musicas como "The Great Big No", "Into Your Arms" e "Big Gay Heart" apresentam. Ou a angústia destilada de "Style", sem falar no suíngue meio *fake* que dá o tom de "Rick James' Style".
Um trabalho que atesta a maturidade de um grupo que já flertou com estilos que vão do punk ("Lick") ao hard rock ("Lovey") e até mesmo ao pop ("It's Shame About Ray").
Vale destacar participações "mais-que-especiais" de Juliana Hatfield (em mais de meia-dúzia de faixas), de Belinda Carlisle (vocais em "I'll Do It Anyway") e o pai do funk punk, Rick James em – óbvio – "Rick James' Style". Uma banda que não confunde classe com frescura. *Jeferson De Sousa*

JESUS AND MARY CHAIN

Warner

The Sound Of Speed

Não mataram os irmãos Reid, como eles imploraram no último álbum. Mas os anos 90 ouviram pouco do Jesus & Mary Chain: foram cinco singles e um álbum.
The Sound Of Speed é o tributo à crise: a segunda coletânea do grupo com três versões de músicas de álbuns, cinco covers e algumas delas que não deram certo.

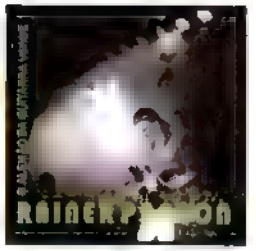
Exceto "Reverberation" – de um tributo a Roky Erickson – líder dos 13th Floor Elevators –, as músicas foram lançadas em singles entre 85 e 93. O último, "Speed", aparece integral. É dele a melhor faixa, "Something I Can't Have", ao estilo de "Happy When It Rains" e de "April Skies". De resto, covers de "Little Red Rooster" (Willie Dixon) e "My Girl" (Robinson e White), ambas feitas pelos Rolling Stones, além da inusitada "Tower Of Song" (Leonard Cohen). Talvez seja o único avanço deste disco revelar um provável futuro blues. E arriscam até um próprio, em "Write Record Release Blues". Será? *Marcel Plaisy*

RAINER PAPPON

Yokosoba

O Alemão Da Guitarra Verde

bons que se supunham colando no filme em preto-e-branco do rock brasileiro revelam-se verdes no primeiro disco do guitarrista



da Central Scrutinizer Band. Gravado com a ajuda de músicos amigos em um estúdio doméstico de oito pistas, Rainer mostra talento e bom humor em sete rocks originais e pesados.
Andamentos alienígenas, misturas perigosas, letras – como a de "O Punheta Da Lupeta" – que setores socialmente atrasados definiram como "depravadas" e solos, muitos solos, sax, violino, gaita, teclados, guitarras (só na faixa instrumental "A Lot Of Buicers" desfilam sete solistas convidados!).
Este é um disco raro entre os chamados independentes, simplesmente porque estamos diante de um artista interessado apenas em tocar boa música.
Esse Pappon é o bicho. *Lu Gomes*

JOHN MELLENCAMP

PolyGram

Human Wheels

O nome John Mellencamp lhe diz algo? John Cougar? Mellencamp? Pois é. Está sendo por aqui o novo disco deste "inquieto" cantor americano. Pouco conhecido por aqui (a gravadora nunca investiu muito nele, apesar do sucesso absoluto que faz nos EUA), o veterano John (quinze anos de carreira) é a voz de uma América à beira rural. Que está repleta de conflitos e vazia de valores.

Desde o primeiro estouro (*American Fool*, 82) ao magnífico *The Lonesome Jubilee* (87), suas canções sempre foram criativas variações sobre esse mesmo tema. A fonte começou a secar em *Whenever We Wanted* (92), onde os rocks energéticos, repletos de folk e de blues, e a melancolia afiada das letras rarearam. Aqui, a coisa degringolou. "When Jesus Left Birmingham" é U2 fase *Zooropa*, "Sweet Evening Breeze", apenas uma balada. Mas ouça "French Shoes" para ter uma idéia do que John já fez. *Gabriela Dias*

MARINA LIMA

EMI-Odeon

O Chamado

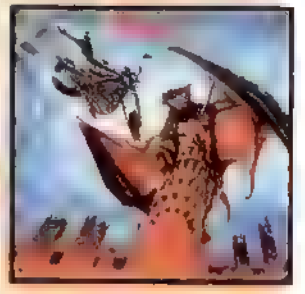
Muita gente ficou reparando na foto da capa desse disco: Marina com o cabelo preso. Mas se esqueceu de reparar na música, que está bem sexta.
Excetuando-se os funkinhos "Eu Vi O Rei" e "Passara II", este é um dos álbuns mais intimistas da cantora, cheio de baladas, com violões e cordas (de verdade, ou então criadas em teclados) além das belas composições dela mesma (vide "It's Not Enough" e "O Chamado"). As covers são adequadas como sempre –

"Carente Profissional" (Cazuza), "Pessoa" (Dalto) e curiosidades como "Stromboli" (de Alvin L.), brincadeira jazzística mais interessante que aquelas perpetradas por Sade Adu que tanta gente levava a sério.
Só falta agora Marina seguir o exemplo de Zizi Possi e dar uma guinada radical para longe do pop comercial. Enquanto esperamos vale a pena atender a este chamado. *Antonio Moreno Jr.*

MEAT LOAF

EMI-Odeon

Bat Out Of Hell II: Back In The Hell



Quem se lembra? Desde 78, *Bat Out Of Hell* vendeu uma média de quinze mil unidades por dia ao total de mais de 25 milhões de cópias, ficando por quinze anos nas paradas de sucesso dos EUA e do Reino Unido. É o terceiro disco mais vendido em toda a história da indústria fonográfica.
Então, após uns quatro álbuns de Meat Loaf nos últimos anos, ele novamente se juntou ao produtor e compositor Jim Steinman para tentar bater novos recordes com esta "continuação". Logo de cara, "I'd Do Anything For Love (But I Won't Do That)" se destaca, hit nas rádios em uma versão reduzida – pois a original tem doze minutos!
Claro que foi uma união armada para dar certo, do lado artístico e financeiro. Nada contra, se isso for feito com profissionalismo, belos arranjos e as mesmas harmonias vocais grandiosas do antecessor.
Vai bater recordes? Não sei. Porém, esteja certo que uns o odiarão e outros o amarão com loucura. Para se ter uma idéia, é bom saber que o disco vende horrores lá fora e os críticos americanos já consideram a tal "balada" como uma das piores coisas de 93. *Leopoldo Rey*

DISCOS

THE POGUES

Warner

Waiting For Herb

"Esperando por erva?" Talvez um bom título para disco de reggae, mas não para um álbum de "bebaços" notórios como a turma dos Pogues. Ainda mais sem os dentes podres e o hálito etílico de Shane MacGowan, vomitando os vocais até a última dose.
Sim, o "manguaceiro-mor" se afastou do grupo há dois anos, por "problemas de saúde". Por algum tempo, o ex-The Clash, Joe Strummer (que produziu o álbum anterior, *Hell's Ditch*, em 90), assumiu a posição.
Depois partiu para outras paradas. Spider Stacy, antes quase um coadjuvante do grupo, fez o vocal principal neste novo disco.
Daí...a surpresa! E não é que o cara se deu bem?
Há casos notórios de bandas descaracterizadas sem seu *lead singer*. Vide The Doors com a voz de Ray Manzarek, o Genesis com Phil Collins à frente, ou as patéticas voltas de Echo And The Bunnymen e The Stranglers. Mas com os Pogues, a coisa foi diferente. Mesmo com Shane, eles já trabalhavam em equipe, com as autorias das canções – e até algumas linhas vocais – sendo divididas. Fiéis às suas progressões instrumentais, que mesclam o pique punk com melodias tradicionais do folk inglês/irlandês, eles vêm com um álbum que traz uma candidata a hit, assinada por Spider, "Tuesday Morning". Mas as canções de Jem Finer ("Pachinko" "Once Upon A Time" e "Small Hours"), são ainda melhores. CELSO PUCCI

SALT'N'PEPA

Sony

Very Necessary

Depois de um período de baixa, o rap volta à cena pop. O impacto é semelhante – ou maior – ao da década de 80 quando surgiu seja pela estrutura musical ou pelos atos violentos que são relacionados a ele (vide Snoop "Doggy" Dog e Tupac Shakur com seus problemas com a polícia). Num universo em que os homens dominam a cena, as mulheres também mandam seu recado, pois nem só de violência vive o rap. Vide *Very Necessary*, do Salt'N'Pepa. As meninas estão na estrada desde os primórdios do "movimento" e, se antes a praia delas era porrada pura, hoje falam dos mesmos assuntos (violência sexo e futilidades em geral) de uma maneira mais soft e melodiosa, como comprovam as quinze faixas deste álbum. CLAUDIA LIMA

LEONI

EMI-Odeon

O encarte já avisa: "Este disco contém música reciclada". Leoni tempera seu funk/pop com um pastiche bem-humorado de tudo o que já ouviu na vida.
Por exemplo, "Wil Robinson" é house espacial, "O Fim De Tudo" ataca de *zydeco* (com direito a sanfona de Dominguinhos) e "Nada Como Eu E Você" lembra aquelas "marchinhas-rock" que Ronnie Von e Caetano Veloso faziam nos anos 60.
O tipo de coisa que "muito brasileiro não gosta, se feita por brasileiro". Se Leoni fosse inglês, os caras iriam elogiar e chamar de releitura sem preconceitos".

Enfim, após a audição deste disco conclui-se que tanto Leoni quanto o Kid Abelha cresceram e se desenvolveram muito longe um do outro (e os Heróis Da Resistência não merecem mais do que esses parênteses). AYRTON MUGNAINI JR

JAMES

PolyGram

Laid

Ninguém mais se lembra que um dia (e olha que não faz tanto tempo assim!) houve uma "onda Manchester". Então tente imaginar se alguém guardou na memória que um dos grandes pivôs daquele – eh... bem, digamos, "movimento" – foi justamente o James.
O grupo, já veterano, teve que esperar dez anos para estourar com o disco *Seven*. Mesmo assim, voltou para a condição de eterno *cult* logo depois. Este novo álbum traz diferenças nítidas em relação aos seus outros trabalhos: um álbum melancólico, com esmerada produção de Brian Eno, que deixou marcas indeléveis no som. Destaque para "Five-O", "Laid" e a belíssima "Out To Get You". Em particular, é bem mais interessante do que *Seven* e merecia o mesmo sucesso. Um disco que só boas bandas com anos de estrada logram fazer. JEFFERSON DE SOUSA

PELVS

Rock It!

Peter Greenaway's Surf

Você nunca ouviu falar em Pelvs? Explico: é uma banda independente carioca com um ano de vida, muitas idéias legais, nenhuma grana e este é seu primeiro disco: uma barulheira inacreditável, tudo no mais puro estilo *loud surf* (o rótulo é deles) do Dinosaur Jr.

Gustavo e Marcos (guitarras) Rafael (baixo) e Dodô (vocal) realmente conseguiram aprontar nesse *Peter Greenaway's Surf*: é puro *do-it-yourself*, com efeitos simples de guitarras (*reverber* e distorção) usados a torto e a direito (também na voz e no baixo), uma bela capa na base da máquina de escrever, do lápis-de-cor e de fotos do arquivo pessoal, sem nenhuma imagem ou identificação dos integrantes.
Gravado e mixado em três dias num estúdio portátil (alugado!) de oito canais (geralmente usado para registrar fitas demo), o disco custou apenas noventa dólares! Independência é isso. GABRIELA DIAS

NURSERY CRIMES

Fun Hurts!

Paradoxx

SCREAMFEEDER

Burn Out Your Name

Paradoxx

Esqueça todo som australiano que você ouviu até agora. E prepare-se para o novo movimento do rock que vem da terra lá de baixo.
A partir de 90, uma nova geração de bandas da ilha ganhou influências das mais variadas possíveis, misturando tudo com o surf que sempre esteve na veia e provando que por ali não são só os cangurus que sabem pular.
Os alucinados psicóticos chamados de Nursery Crimes atestam tudo isso. Numa salada de punk estilo Sex Pistols, metal e pitadas de surf music, os caras não têm o menor escrúpulo de fazer um barulho agitado e divertido. A porrada começa no primeiro e termina no último segundo do disco.
Entre outras, conta com a versão mais podre de "Eleanor Rigby" (dos Beatles) já feita em todos os tempos. Do original, só sobrou o refrão, mesmo assim muito mais agressivo.
Já o Screamfeeder é um bando de cabeludos, descalços e com camisas de flanela.
Em um primeiro momento, parece mais uma banda infuenciada pelo som de Seattle.
Mas para sorte dos caras, as influências praieiras garantiram um estilo todo peculiar e desleixado. O vocal – a princípio, estranho – é fácil de se acostumar. As guitarras "babinhas" e as levadas grunge dão lugar a baixos distorcidos e melodias bastante interessantes. *ROBERT HALFOUN*

STEEL PULSE

BMG Ariola

Rastafari Centennial – Live In Paris

Um veterano do reggae inglês, o Steel Pulse passou quase metade da década de 80 lançando discos sem inspiração. Quem se deleitou com as obras-primas deles, como *Handsworth Revolution* (78) e *Tribute To The Martyrs* (79) não suportou o horroroso *Victims* (91).

Este disco, gravado há dois anos em Paris, redime – ainda que em parte – as pisadas dos caras. Ao vivo, o grupo deixa toda a tralha eletrônica de lado e parte para a porrada. Confira as "descidas de mão" do baterista Steve Nesbitt, um dos maiores nomes que já surgiram no reino de Jah. Ou a voz límpida do líder David Hinds (que muita gente acha que é igual à do Sting). Eles ainda capricham em duas de suas especialidades: a falsa introdução em "Klux Klux Klan" e em "Blues Dance Raid", com a música se desacelerando aos poucos (para quem pensar que o seu aparelho de som está com defeito, o toque está dado). Compre correndo. SERGIO MARTINS

IRON MAIDEN

EMI-Odeon

Live At Donington

Eis mais um exemplar da série "aguardem-nosso-novo-cantor" e, enquanto isso, "fiquem ouvindo outra coletânea de sucessos gravados ao vivo com Bruce Dickinson, que está pulando fora". Esse aqui é o terceiro registro oficial de shows do Iron Maiden.
Um produto que me parece ter sido lançado às pressas e contra a vontade do grupo. Isso porque não faz tanto tempo assim que saiu *Real Dead One* (que pode até ser "queimado" em termos de vendas por este novo álbum.
Do seu lado, *Live At Donington* apresenta tudo aquilo que o disco ao vivo anterior tinha.
Ou até mais, se levarmos em conta a produção mais cuidadosa.
Isso pode ser notado nas músicas mais antigas, como "The Number Of The Beast", "Run To The Hills" e "Running Free".
Porém, as composições mais recentes não ficam para trás.
Na dúvida, ouça as execuções poderosas que o grupo fez para "Be Quick Or Be Dead", "From Here To Eternity", "Wasting Love" e "Fear Of The Dark" (todas elas concebidas com a participação efetiva de Bruce.
Na verdade, o álbum todo não passa de uma "geral" da passagem do ex-vocalista pelo Iron Maiden.
Com certeza, os seus fãs vão se deliciar e ficar imaginando se valeu a pena ele ter saído da banda.
E mais: o que sobrará para quem o substituir? Talvez o cara não vá passar de um *crooner* nas mãos de Steve Harris. [illegible]

INDEX

O QUE ESTÁ CHEGANDO NAS LOJAS

POP/ROCK

ALISON MOYET
Essex
(Sony • vinil/CD/cassete)

AZTEC CAMERA
High Land, Hard Rain
(Warner • vinil/CD/cassete)

CARMEN ELECTRA
Carmen Electra
(Warner • vinil/CD/cassete)

CLAWFINGER
Deaf Dumb Blind
(Warner • vinil/CD/cassete)

DANIEL LANOIS
For The Beauty of Winona
(Warner • vinil/CD/cassete)

DINO SALAH
The Way I Am
(Warner • vinil/CD/cassete)

EROS RAMAZZOTTI
Tutte Stories
(BMG-Ariola • vinil/CD/ cassete)

FOREIGNER
Classic Hits Live
(Warner • vinil/CD/cassete)

FRANKIE GOES TO HOLLYWOOD
Bang!... The Greatest Hits Of Frankie Goes To Hollywood
(Warner • vinil/CD/cassete)

GIOVANNI
Caged Bird
(Warner • vinil/CD/cassete)

GIPSY KINGS
Love & Liberté
(Sony • vinil/CD/cassete)

HELLHAMMER
Apocalyptic Raids
(Rock Brigade • vinil)

IAN GILLAN
The Best Of Ian Gillan
(Warner • vinil/CD/cassete)

JAMES INGRAM
Always You
(Warner • vinil/CD/cassete)

JOHN MELLENCAMP
Human Wheels
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

JORDY
Potion Magique
(Sony • vinil/CD/cassete)

LAURA BRANIGAN
Over My Heart
(Warner • vinil/CD/cassete)

LEMONHEADS
Come On Feel The Lemonheads
(Warner • vinil/CD/cassete)

LEONI
Leoni
(EMI-Odeon • vinil/CD/cassete)

MESHELL NDEGÉOCELLO
Plantation Lullabies
(Warner • vinil/CD/cassete)

MOTORHEAD
Bastards
(PolyGram vinil/CD/cassete)

MUDHONEY
Five Dollar Bob's Mock Cooter Stew
(Warner • vinil/CD/cassete)

OVERDOSE
Progress Of Decadence
(Cogumelo • vinil)

PELVS
Peter Greenaway's Surf Rock It' • vinil/CD)

THE POGUES
Waiting For Herb
(Warner • CD)

PRONG
Cleansing
(Warner • vinil/CD/cassete)

POSTER CHILDREN
Toll Of The Man
(Warner • vinil/CD/cassete)

PROPER GROUNDS
Downtown Circus Gang
(Warner • vinil/CD/cassete)

RAINER PAPPON
O Alemão da Guitarra Verde
(Valisoba • CD)

RESURRECTION
Chemical Disaster
(Cogumelo • vinil)

SALT N'PEPA
Very Necessary
(PolyGram • vinil/CD/cassete)

SISTERS WITH VOICES
It's About Time!
(BMG-Ariola • vinil/CD/cassete)

STEEL PULSE
Rastafari Centennial - Live in Paris
(BMG-Ariola • vinil/CD/cassete)

TEVIN CAMPBELL
I'm Ready
(Warner • vinil/CD/cassete)

THE BLUES BROTHERS
Made In America
(Warner • vinil/CD/cassete)

THE ENDOPARASITES
Iconoclasty Of Flesh
(Cogumelo • vinil)

THE ISLEY BROTHERS
Live!
(Warner • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
Garage 70
(Paradoxx • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
Nova Dance
(Paradoxx • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
Ritmo Da Noite
(Paradoxx • vinil/CD/cassete)

VÁRIOS
DJs Da Cidade Vol. II
(Paradoxx, LP/CD/K7)

WOMACK AND WOMACK
Transformation To The House of Zekkariyas
(Warner • vinil/CD/cassete

ZAPP & ROGER
All The Greatest Hits
(Warner • vinil/CD/cassete)

MPB

BANDA EVA
Banda Eva
(Sony • vinil/CD/cassete)

CHICLETE COM BANANA
13
(BMG-Ariola • vinil/CD/cassete)

DORIVAL CAYMMI
Songbook Volumes 1/2/3/4
(Lumiar • CD)

VÁRIOS
Sambas De Enredo Do Carnaval 94
(BMG-Ariola • vinil/CD/cassete)

VINÍCIUS DE MORAES
Songbook Volumes 1/2/3
(Lumiar • CD)

JAZZ

SPYRO GYRA
Dreams Beyond Control
(BMG-Ariola • vinil/CD/cassete)

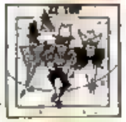
VÁRIOS
Miles Davis Tribute
(Warner • vinil/CD/cassete)

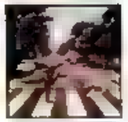
A BIZZ organiza este Index a partir dos lançamentos que chegaram à nossa redação até o dia 10 de cada mês.
Nosso endereço é: Av. Nações Unidas, 5.777 São Paulo (SP), CEP 05479-900.

JÁ NAS BANCAS, LIVRARIAS E PAPELARIAS.

*ÓRGÃO RESERVADO PARA INSPEÇÃO DE ALIMENTOS E MEDICAMENTOS NOS USA.

BOLSA DE DISCOS





Média	Disco										
7,90	PRINCE • *The Hits 1 & 2* • Warner	8	7	8	10	5	6	10	10	8	7
7,11	RAMONES • *Acid Eaters* • EMI-Odeon	3	8	9	7	10	9	8	9	•	1
7,11	SMASHING PUMPKINS • *Siamese Dream* • EMI-Odeon	6	8	10	•	8	8	9	8	6	1
6,37	ZZ TOP • *Antenna* • BMG-Ariola	4	6	7	6	•	8	•	6	8	6
6,22	BOB DYLAN • *World Gone Wrong* • Sony	3	6	•	8	6	8	7	6	9	3
6,12	KATE BUSH • *The Red Shoes* • EMI-Odeon	6	4	7	•	•	7	9	5	7	4
6,11	PAUL McCARTNEY • *Paul Is Live* • EMI-Odeon	6	3	8	6	•	7	6	6	7	6
5,66	PAULINHO MOSKA • *Vontade* • EMI-Odeon	4	•	3	8	•	7	6	6	•	•
5,22	SHABBA RANKS • *Rough And Ready Vol. 2* • Sony	7	0	6	9	•	6	6	2	6	5
3,77	MENINOS DO PELÔ • *Adota Eu* • Sony	7	4	0	3	3	6	•	5	5	1

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

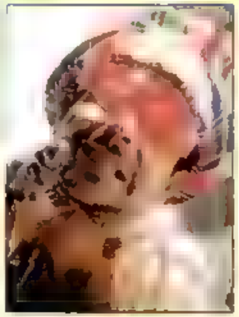
Nem cheguei a ouvir as 23 faixas do disco, mas só com uma orelhada em algumas delas, posso indicá-lo sem medo de errar. *MCMXCIII* é mais que um documento da volta do **VELVET UNDERGROUND**. Gravado ao vivo com a formação original, é a prova cabal de que o grupo estava à frente de sua época, pois muitas bandas "moderninhas" do rock atual (que dizem ter "influências" deles) não chegam aos pés do som que o V.U. ainda consegue tirar. E o melhor, a Warner promete lançar o album por aqui em breve. *C.P.*

PATO BANTON não está nas melhores ondas do reggae e pinta mais no Brasil que Jimmy Cliff (o "coisa-nossa-numero-um-do-tchaca-tchaca"). Mas *Universal Love* (EMI), novo disco do cantor inglês, merece um desconto. A sua *positive reggae music* tem boas melodias que saem do batucum do ragga (que às vezes enche). E festa de reggae não pode ser considerada como tal se não rolar "Go, Pato" e "One World", que fazem parte do album. *S.M.*

Uncle Jam Wants You, do **FUNKADELIC**, há muito fora de catalogo, finalmente foi restaurado em CD (por enquanto, só importado). Nesse clássico do funk está "(Not Just) Knee Deep", talvez a mais visionária musica para festas já gravada. Ouça seus 15 minutos e 21 segundos e descubra onde todo mundo – dos Talking Heads ao Arrested Development – tirou suas ideias sobre o que é funk. *L.G.*

A *Cult Cover Demo* reúne boa parte do "udigrudi" candango – **LOW DREAM, LITTLE QUAIL, DFC, BSB-H** – em versões mostradas de "Baby Can I Hold You" (Tracy Chapman), "Rock N Roll All Night" (Kiss) e outras. Destaque: o LQ com "Stock Car's Theme". Telefone para o Carlos Marcelo – (061) 321 3451 ou (061) 321-2133, ramal 141 – e peça a sua. *G.D.*

ARQUIVO PESSOAL



EDU K (DeFalla)

O vocalista do DeFalla nos abriu a sua discoteca e mostrou que tem ouvidos atentos às novidades do mercado fonográfico. O ecletismo das suas escolhas reflete-se no som de sua banda, que por sinal vem se destacando há vários números na nossa parada independente.

OS DEZ RECENTES

1. WU-TANG CLAN • Enter Da Wu-Tang • RCA
2. DE LA SOUL • Buhloone Mind State • Tommy Boy
3. A TRIBE CALLED QUEST • Midnight Marauders •
4. SOULS OF MISCHIEF • 93 'Til Infinity • Jive
5. CYPRESS HILL • Black Sunday • Sony
6. POOR RIGHTEOUS TEACHERS • Black Business • Profile
7. DAS EFX • Straight Up Sewaside • Eastwest
8. BRAND NUBIAN • In God We Trust • Elektra
9. ICE CUBE • Lethal Injection • Virgin
10. ALKAHOLIKS • 21 And Over • RCA

OS DEZ ETERNOS

1. PUBLIC ENEMY • It Takes A Nation Of Millions • Sony
2. BEASTIE BOYS • Licensed To Ill • Warner
3. N.W.A. • Efil4zaggin • Priority
4. JAMES BROWN • The Payback • Polydor
5. MUTANTES • (todos os discos) • PolyGram
6. THE BEATLES • Please Please Me • EMI
7. JIMI HENDRIX • Are You Experienced? • Polydor
8. JIMI HENDRIX • Axis: Bold As Love • Polydor
9. RITA LEE & TUTTI-FRUTTI • Fruto Proibido • Som Livre
10. THE PRODIGY • Experienced • Elektra

LEITORES

LOJAS

GERAL

INDEPENDENTE

PARADA

EUA

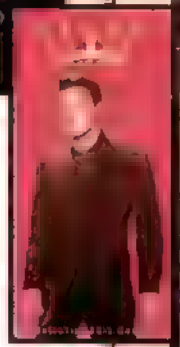
GB Albums

GB Singles

GB Independente

UM PELO DINHEIRO, DOIS PELO SHOW!

Uma caixa importada... e mais dois CDs nacionais apresentam o tesouro precioso do "Rei do rock'n'roll"



O cara que inventou o rock'n'roll reaparece por aqui em momentos clássicos e gravações raras

O notório coronel Tom Parker, talvez o Svengali de **ELVIS PRESLEY**, costumava dizer que o bom do negócio era vender a mesma merda inúmeras vezes. Elvis, que já deixou o edifício, há muito que ultrapassou a marca do bilhão de discos vendidos, graças à velha prática do coronel.

Que continua dando resultados excelentes, em especial nestes tempos modernos. Assim, aproveitando a febre das *boxed sets*, eis que a gravadora RCA segue com o empacotamento digital do acervo do Rei do rock'n'roll.

From Nashville To Memphis – The Essential 60's Masters, Vol. I, a caixa de cinco CDs importada pela filial brasileira da RCA (BMG-Ariola), traz dezesseis sessões de Sua Majestade, que foram gravadas em Nashville e em Memphis. Não estão incluídas aqui trilhas sonoras, nem canções religiosas ou registros ao vivo, reservados para outro pacote.

As 130 faixas da coleção estão sequenciadas na ordem cronológica das gravações e foram remasterizadas a partir dos originais em duas, três, quatro e oito pistas. Um libreto caprichado (com fotos, discografias, *liner notes* e todos os detalhes importantes para os fãs) completa o serviço. Como reforço de vendas – é, a técnica de marketing do coronel não é mais tão boa assim –, algumas raridades (edições integrais, *takes* alternativos) que os devotos muito provavelmente já conhecem. Mas esta coleção é uma obra muito bem realizada, que respeita o trabalho do cara que colocou o trem-bala em movimento. Vale seu preço. *Lu Gomes*

O começo da carreira de Elvis Presley está chegando às lojas do Brasil em dois CDs: **The Sun Sessions** (RCA/BMG-Ariola) e **The Hayride Songs** (Mauricio Produções).

O primeiro traz registros que ele fez em sua primeira gravadora, a Sun, no período de um ano, a partir de julho de 54. Não foi só o início da trajetória de um cantor, mas a verdadeira criação daquilo que todos nós tanto gostamos, ou seja, o rock'n'roll.

Sinta como ele fundiu o country com o blues em "That's All Right, Mama" e acabou em algo totalmente novo. "Good Rockin' Tonight" não era só uma canção, mas um convite a guerra. Elvis nunca esteve tão libidinoso como em "Baby Let's Play House". Não interessa o que dizem sobre ele. Esse disco reafirma que o cara ainda é o maior.

O outro lançamento em CD também é indispensável, apresentando material gravado do programa de rádio *Louisiana Hoyride*, que revelou muitos dos grandes nomes do country e do rockabilly (foi cantando nesses shows que Elvis ganhou projeção). É o Rei atacando com fúria em "Blue Moon Of Kentucky" a mesma em duas músicas que ele nunca tinha gravado em estúdio: "Tweedlee Dee" e "Maybellene" de Chuck Berry. *Paulo Cavalcanti*

TODOS OS LADOS DO RUSH

Atenção, fãs do **RUSH**: agora é festa na floresta! A PolyGram lançou por aqui toda a obra do trio canadense em CD. Os setentistas vão poder abandonar o vinil estalado e curtir em som digital a chamada "fase mais pesada" da banda.

Nessa praia, estão **Rush** (74), **Fly By Night**, **Caress Of Steel** (ambos de 75), **2112** (76), **All The World's A Stage** (ao vivo, de 76), **A Farewell To Kings** (77), **Hemispheres** (78) e **Permanent Waves** (80). Todos relançados pelados. Ou seja, sem encartes.

Moving Pictures (81), traz "Tom Sawyer", "Red Barchetta" e "Limelight". Presentes de novo em **Exit... Stage Left** (disco ao vivo, também de 81), junto a "Spirit Of Radio", "Closer To The Heart" e "Freewill".

Queriam se consagrar... e conseguiram! **Signals** (82), **Grace Under Pressure** (84) e **Power Windows** (85) tinham músicas um pouco menos pesadas, mas com uma evolução musical evidente, que chegou ao seu auge em **Hold Your Fire** (87), amado por quem se identifica com a nova fase e odiado pelos velhos fãs. "Time Stand Still" soa como cântico dos deuses para uns, mas é tudo como hino do demônio para outros.

Na tradição de a cada três discos de estúdio fazer um ao vivo, lançaram **Show Of Hands** (89), reunião do melhor de seus três trabalhos anteriores. O Rush é um trio tipo "8 ou 80" – ou se adora, ou se odeia. Partindo do princípio que toda unanimidade é burra, são uma das maiores bandas do mundo. *Robert Halfoun*

Geddy Lee (foto), considerado um baixista de primeira linha, tanto por fãs do rock progressivo, quanto por quem curte som pesado

REPLAY

ENTENDENDO O REGGAE

Caixa de CDs que conta a história da música jamaicana chega ao Brasil, importada em número limitado pela PolyGram

Tougher Than Tough: The Story Of Jamaican Music não é a primeira nem a última antologia sobre reggae, mas é, seguramente, a mais completa. Nessa caixa de surpresas – lançada originalmente pelo selo Mango e que a PolyGram está importando – está o poder de fogo da gravadora Island, que em vez de se limitar às glórias de lançamentos passados, incluiu todas as canções marcantes na evolução musical/cultural/política da Jamaica, de que selo fossem, em trinta anos de fumaça.

Como toda caixa de CDs, deve ser saboreada em longo mergulho. É sentar, orar o telefone do gancho, apertar o *play* no primeiro disco e seguir lendo as profusas bulas do conhecedor Steve Barrow e seu redator de orelhas, o *dub poet* Linton Kwesi Johnson.

Lee "Scratch" Perry, um dos pais da criança

Há comentários precisos sobre cada música, fotos históricas, reproduções de capas e mais mumunhas que situam você no tempo e no espaço. Pra quem ingressa na "reggaelândia", é uma aula. E mesmo aos que já frequentam o parque há mais tempo, não faltam surpresas: versões digitalizadas – nem sempre perfeitas, é verdade – de clássicos antiquíssimos que só circulavam aqui em discos bolorentos ou fitas copiadas de um ou outro amigo lá do Maranhão.

O primeiro CD, *Forward March*, cobre o período 58/67, auge do ska e do rock steady, em uma Jamaica perdida entre o entusiasmo da independência e a quase guerra civil que era perpetrada pelos *rude boys*.

O CD grande é as cenas se sucedendo: uma turma de rapazes criados nas ruas de Kingston, entre cultos rastafári e ritos de sobrevivência, com amigos de infância que acabaram de sair de um reformatório modelo, onde partituras de jazz são a base do currículo... Nasce "Oh Carolina", dos **FOLKES BROTHERS**, primeira **ska session** a reunir metais e tambores, um elo perdido da evolução do reggae. E por aí vai: **THE SKATALITES** (onipresentes em várias faixas), **DESMOND DEKKER**, **MILLIE** ("My Boy Lollipop", de 64, com sete milhões de cópias vendidas), **BOB ANDY**, **DERRICK MORGAN**, **PRINCE BUSTER**, e mais maiorais da época, muitos ainda na ativa.

O segundo CD chama-se *Reggae Hit The Town* e traz superstars de 68 a 74: **TOOTS AND THE MAYTALS** ("54-46"), **JIMMY CLIFF** ("The Harder They Come"), **DELROY WILSON** ("Better Must Come", hino da vitoriosa campanha socialista, em 72), **MAX ROMEO**, ("Wet Dream", banida da BBC por causa da letra com duplo sentido), **THE MELODIANS** ("Rivers Of Babylon") e **ERIC DONALDSON** ("Cherry Oh Baby", que em 74 entrou no álbum *Black And Blue*, dos Rolling Stones). Dá pra descobrir passagens tipicamente jamaicanas – como a de **NINEY THE OBSERVER**, cantor/produtor que se envolveu em uma treta sobre a autoria da música "Blood And Fire" e só entregou a matriz na prensagem à custa de muitos socos e pontapés, pingando sangue.

O disco seguinte, *Natty Sing Hit Song*, vai de 75 a 81, quando a Jamaica fica pequena para o tamanho do bicho. Entram **BOB MARLEY & THE WAILERS** ("No Woman No Cry"), **BURNING SPEAR** ("Marcus Garvey"), **JUNIOR MURVIN** ("Police And Thieves", produção de **LEE "SCRATCH" PERRY**), **GREGORY ISAACS** ("Number One"), **BLACK UHURU** ("Guess Who's Coming To Dinner") e várias outras faixas impressionantes (Atenção, macaco velho: há muitas versões que são de singles jamaicanos, diferentes das que você tem em casa!).

O último CD, *Dance Hall Good To We*, busca as pistas do dancehall em "Mad Over Me", de **YELLOW MAN**, e "Under My Sleng Teng", com **WAYNE SMITH**, produção de **PRINCE JAMMY** (música que teve mais de quatrocentas versões diferentes e mudou os rumos do reggae em 85).

Entram outros hits xerocados *ad infinitum*, "Wicked In A Bed" (**SHABBA RANKS**) e até mesmo "Boops" (**SUPERCAT**). Pra terminar, a cobra come o próprio rabo: **SHAGGY** retoma "Oh Carolina" (que abre o primeiro CD) e faz o hit de 93.

Vá lá, existem alguns deslizes na seleção: **BUNNY WAILER** e **PETER TOSH**, por exemplo, surgem em apenas uma faixa. É que Chris Blackwell, o *big boss* da Island, tinha um bode desses *original wailers* desde que houve a ascensão de Bob Marley, lá por 73. Como se vê até nesse "esquecimento" se aprende alguma coisa.

OTÁVIO RODRIGUES

O pioneiro Derrick Morgan, ainda cruzando barbas, em uma das muitas fotos de encarte desta caixa

JUKEBOX

RY COODER

Uma lenda, em todas as cordas, com um olho de vidro e seus dedos de bruxo

Além de ser um grande mestre da guitarra, **RY COODER** estende a habilidade de seus dedos com igual desenvoltura em um sem-número de instrumentos de cordas (violão, bandolim, banjo, *slide guitar*, etc).

Devoto do rock n'roll, do rhythm n'blues e do country, também pesquisa com afinco a música étnica, onde incorpora com maestria o som "de raízes – *tex mex*, *cajun*, gospel, jazz tradicional e canções de *vaudeville*.

Natural de Los Angeles, Ryland Cooder começou a tocar aos três anos. Ele ainda era criança, quando teve que colocar um olho-de-vidro, pois acidentalmente furou com uma faca a sua vista esquerda. Começou a tocar folk no início dos anos 60, em uma banda que tinha como cantor Jackie DeShannon. Mais tarde fez o grupo The Rising Sons, junto ao *bluesman* novaiorquino Taj Mahal. Foi um requisitado *session man*, além de tocar no álbum de estréia de Captain Beefheart And The Magic Band (*Safe As Milk*, de 67).

Os Rolling Stones também se renderam a Cooder. Conta-se que ele "deu de bandeja" para o grupo o riff de "Honky Tonky Women", além de esmerilhar no álbum *Let It Bleed* (o solo de bandolim em "Love In Vain" é dele).

Em 70, participou da trilha de *Performance* (filme de Nicholas Roeg, estrelado por Mick Jagger) e em 72 fez *Jamming With Edwards* – uma brincadeira entre membros dos Stones e Ry, que "substituiu" Keith Richards. Foi o início do romance entre Cooder e o cinema, que floresceria durante a década de 80, em *scores* musicais para Walter Hill – *Cavalgada De Proscritos (The Long Riders)*, *Confronto Final (Southern Comfort)*, *A Encruzilhada (Crossroads)* –, Tony Richardson – *Fronteiras Da Violência (The Border)* – e Wim Wenders (*Paris, Texas*, uma das melhores trilhas compostas por Cooder).

Em 92, fez uma banda "estradeira", com o frontman John Hiatt, o baixista Nick Lowe e o baterista Jim Keltner – a Little Village –, para em seguida partir para um trabalho climático com o músico indiano Vishwa Mohan. Mais uma prova cabal do ecletismo e da classe deste verdadeiro mago das cordas.

CELSO PUCCI

DISCOGRAFIA

● **Ry Cooder** (70) ✖ **Jamming With Edward** (com Mick Jagger, Bill Wyman, Charlie Watts e Nicky Hopkins, 70, Rolling Stones) ❶ **Into The Purple Valley** (72) ❶ **Boomer's Story** (72) ❶ **Paradise And Lunch** (com Earl "Fatha" Hynes, 74) ❶ **Chicken Skin Music** (76) ● **Showtime** (ao vivo, 77) ❶ **Jazz** (78) ❶ **Bop 'Till You Drop** (79) ● **The Long Riders** (trilha sonora, 80) ❶ **Borderline** (trilha sonora, 81) ✖ **Southern Comfort** (trilha sonora, 81) ✖ **The Border** (trilha sonora, 82) ❶ **The Slide Area** (82) ❶ **Paris, Texas** (trilha sonora, 84) ✖ **Alamo Bay** (85) ● **Why Don't You Try Me Tonight?** (coletânea, 86) ❶ **Get Rhythm** (87) ● **Blue City** (trilha sonora 87) ● **Crossroads** (trilha sonora, 87) ❶ **Johnny Handsome** (trilha sonora, 89) ● **Little Village** (com John Hiatt, Nick Lowe e Jim Keltner, 92) ❶ **The Rising Sons** (com Taj Mahal, coletânea, 92, Columbia) ❶ **A Meeting By The River** (com Vishwa Mohan, 93, Water Lily Acoustics)

DISPONÍVEL EM CD

❶ EUA/Inglaterra/Alemanha/Japão
● Alemanha/Japão
● Inglaterra, Alemanha
❶ Inglaterra
● Japão
✖ Não editado em CD

■ Todos os discos – exceto os que estão indicados após o ano de lançamento – foram editados pela Warner, ou por sua subsidiária americana, Reprise (desde o álbum de estréia até *Chicken Skin Music*).

■ A trilha de *Paris, Texas* e o álbum homônimo de estréia do Little Village foram os únicos lançados no Brasil, em todos os formatos. *Get Rhythm* e a trilha de *Crossroads* também foram editados por aqui em vinil e cassete, mas atualmente se encontram fora de catálogo.

ZONA FRANCA

HEY, MR. Z

Para os seletos felizardos que acompanham **FRANK ZAPPA**, há dois CDs históricos. **The Yellow Shark** (Rhino) começa com a voz do mestre, em uma das últimas aparições no palco, anunciando o Ensemble Modern: dezoito jovens alemães cultuadores de música contemporânea, que em 91 passaram pelo estúdio de Zappa em North Hollywood, para preparar uma série de concertos pela Europa. Não era música para gente "normal", mas temas complexos, pouco conhecidos até por fãs: "Dog Breath Variations", "Uncle Meat" "Be Bop Tango", "Pound For A Brown". Zappa em "Welcome To The United States" lia a letra" – o questionário entregue aos que entram no país ("Você já esteve ou está agora envolvido em atos de espionagem, sabotagem, atividades terroristas ou genocídio?")

Detalhes importantes, foi o primeiro CD feito em um sistema *surround* digital de seis canais. Herança dos técnicos, orientados por ele. Logo depois, Zappa voltou a Los Angeles com "problemas de saúde". Sua foto na capa é devastadora. O olhar, uma triste despedida.

Um concerto em sua homenagem seria feito em Nova York, quatro meses depois. Em 7/11/91, os zappamaniacos estavam no teatro. Riz mas o mestre não veio. Os filhos Dweezil e Moon Unit, comunicaram que Frank Zappa estava com câncer e não poderia vir ao local. Assim foi gravado **Zappa's Universe** (Verve).

O evento foi uma orgia sonora, com dois grupos vocais (**THE PERSUASIONS, ROCKAPELLA**), uma orquestra "erudita" (**ORCHESTRA OF OUR TIME**), guitarras de **STEVE VAI** e **DWEEZIL ZAPPA**, além da banda com **MIKE KENEALLY** (guitarra) **SCOTT THUNES** (baixo) veteranos em dividir o palco com FZ.

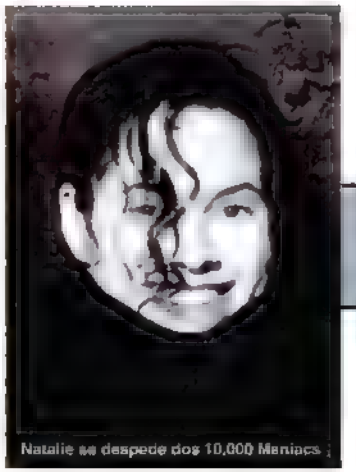
O resultado foi extasiante: com os músicos se aventurando em temas complicadíssimos "Inca Roads", "Echidna's Arf (Of You)" e "Jazz Discharge Party Hats" – e peças "impossíveis para humanos", compostas por Zappa no computador ("Nite School").

The Yellow Shark foi a última obra-prima de FZ com sua participação. *Zappa's Universe* é a primeira sem ele. Seu som ressurge renovado, brilhante, agora que troca ideias com Varèse, Stravinsky e Groucho Marx, numa nuvem de anjos inconformistas. **DAGOMIR MARQUEZI**

TODOS JUNTOS PELAS CAUSAS JUSTAS

A prevenção da Aids e os direitos femininos quanto à liberdade de aborto e aos abusos sexuais ganham duas coletâneas beneficentes. **No Alternative** (Arista) e **Born To Choose** (Rykodisc).

O grande atrativo em ambas é que só reúnem faixas exclusivas, gravadas especialmente para os dois projetos. **PAVEMENT** e **SOUNDGARDEN** estão nas duas, como **BOB MOULD** (solo na primeira e com o **SUGAR** na outra). Há mais: *No Alternative*, traz **PATTI SMITH, SONIC YOUTH, SOUL ASYLUM** e **SMASHING PUMPKINS**, etc. Já *Born To Choose* tem entre os destaques **HELMET, COWBOY JUNKIES** e **R.E.M.** – com **NATALIE MERCHANT**, ex-vocal dos 10.000 Maniacs. C.P.


Natalie se despede dos 10,000 Maniacs

Hoje em dia vale mais a pena pintar numa sessão acústica da MTV do que gravar um clip. Raciocine: quem não gostaria de tocar para convidados, em um clima intimista, de ensaio, mostrando o seu lado mais sensível?

O disco **MTV Unplugged** (Elektra), dos **10,000 MANIACS** é assim, vem até em embalagem ecologicamente correta, de papel reciclável. A sessão ainda rolou num clima de despedida, pois a cantora Natalie Merchant saiu da banda, em seguida.

Quem já ouviu os trabalhos do grupo sabe que som acústico não é novidade para eles. Esse sentem em casa, em versões calminhas. "These Are The Days", "Like The Weather" e "Don't Talk", de *In My Tribe* e *Our Time In Eden*, dois dos melhores álbuns da banda. As cordas impressionam, mais ainda os metais de "Candy Everybody Wants". A voz grave de Merchant faz sonhar com as histórias das letras.

Como todo *Unplugged* que se preza, esse tem a sua versão "Because The Night" (Bruce Springsteen, gravada por Patti Smith). O álbum é bonito, no esquema MTV. Mas com o vocal de Natalie e músicas tão legais, qual o ranheta que vai por areia nesse disco? **SERGIO MARTINS**

DESLIGADOS, COM TODA A ENERGIA

ACORDES DO

Pense em uma mistura de Peter Hammill com Nick Drake. Em letras discursivas, mas guiadas pela paixão, resvalando nas canções de Van Morrison, digamos.

OK, mesmo sem conhecer ninguém acima, pode mergulhar nas raízes do folk britânico – e também contemporâneo – com o CD de **DEAN CARTER, Persistence Of Vision**, editado pela gravadora inglesa Oedipus e agora distribuído no Brasil pela ReR – Cx. Postal 108 455, Fone (021) 712 3714 (Rio de Janeiro).

Gravado em 92, mas editado apenas no ano passado, foi o segundo trabalho do cantor, instrumentista e compositor de rara estirpe.

NOVO FOLK

Em sua estréia – com o álbum *Average Man* ('90) – Carter se fazia acompanhar pela banda The High Commission. Mas aqui ele decidiu fazer um disco semi-acústico, praticamente individual: compôs todas as músicas, além de cantar, tocar violão, guitarra e baixo. E deixou, por conta do seu produtor, Geoff Newbound, algumas poucas intervenções de teclados, de flautas e outros detalhes.

O que resultou em canções envolventes vide "Shipwreck And Storm", "The Cold War" e "Not A Good Time", onde a delicadeza das tramas melódicas é o ponto de contraste para o clima noir dos versos. **CELSO PUCCI**

THE BAND • **Jericho** (Pyramid/Rhino) Dezoito anos após seu "último concerto de rock", os remanescentes do lendário grupo – Rick Danko (baixo), Garth Hudson (teclados) e Levon Helm (bateria) – voltam à carga ◆ **BEAVIS AND BUTT-HEAD** • **The Beavis And Butt-Head Experience** (Geffen) A sensação do desenho-animado nos EUA em disco de sacanagens politicamente incorretas ◆ **COWBOY JUNKIES** • **Pale Sun, Crescent Moon** (RCA) O folk blues dos canadenses retorna em temas mais sofisticados, mas o charme rústico de Margo Timmins (voz) e as canções do seu irmão Michael continuam a brilhar ◆ **MARK LANEGAN** • **Whiskey For The Holy Ghost** (Sub Pop) Como em seu solo de estreia, *The Winding Sheet* ('90), o líder dos Screaming Trees lança outro trabalho acústico, bem diferente das detonações de sua banda ◆ **MEAT PUPPETS** • **Too High To Die** (London) Um novo álbum de country punk do trio de Arkansas ◆ **RICHARD THOMPSON** • **Mirror Blue** (Capitol) Volta do veterano no folk rock britânico ◆ **SHONEN KNIFE** • **Rock Animals** (Virgin) É o sétimo álbum das japas, com o seu mix punk/pop, que aqui conta com uma "mãozinha" de Don Fleming (do Gumball) ◆ **STRAY CATS** • **Original Cool** (Essential) Em selo independente, o trio continua a detonar seu rockabilly com vontade. C.P.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-chefe: Otavio Rodrigues
Edito especial: Celso de Salles Pucci
Editor de arte: Richard Kovacs
Repórter sênior: Ly Gomes
Editor-assistente: Sergio Martins
Editor assistente de arte: Antônio Fernando Mora
Diagramador: Flávio Vianna
Coordenador de produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Adelmir Assumpção, Alex Antunes, Alexandre Rossi, Alvaro Pereira Jr., André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Arthur Veríssimo, Ayrton Mugnaini, Camilo Rocha, Carlos Albuquerque, Carlos Eduardo Miranda, Cecilia Mãe, Celso Fonseca, Claudio Campos, Cláudio Lima, Cristiane Freitas, Dagomir Marquezi, Eduardo Bis, Fábio Massari, Felipe Zobaran, Fred D'Orey, Gabriela Dias, Geraldo Carvalho, Giovani Mallack, Hagamenon Brito, Inaê Riveras, Jer Astié, Jeferson de Souza, Jimi Joe, João Ricardo Lima, Juliana Paradiso, Lucinda C.S. Janex, Marcel Plasse, Marilda Mascarenhas, Paulo Cavalcanti, Robert Halfoun, Rodrigo Leão, Virginia Guzman, Zeca Camargo **Fotos:** André Sader, Antonio Fazzirello, Aracuém Alcântara, Christian Knepper, Cláudio Elisabetsky, Dimarly Kau Deu, Jorge Rosenberg, Luciana de Justa, Marcos Prado, Cida Souza, Rogério Albuquerque, Rose Masaki, Rui Mendes, Sergio Neçal **Arte:** Walkyria Garotti **Ilustrações:** Calvin Carlinhos, Eli Sumida, Matongra, Speto, Fábio Cobiaco

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Guimarães Bastos, Ricardo Santos
Gerente: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Machado Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antônio Pernambuco, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Aniceto C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gulli Romani

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Fruttão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosiane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liege de Lima Diana Caldeli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 103, fevereiro de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 60254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1533/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0213, fax (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total pago antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte deste cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotolito Lido, Psicorgo Artes Gráficas, Grafcolor, Proposta Editorial
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventura e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

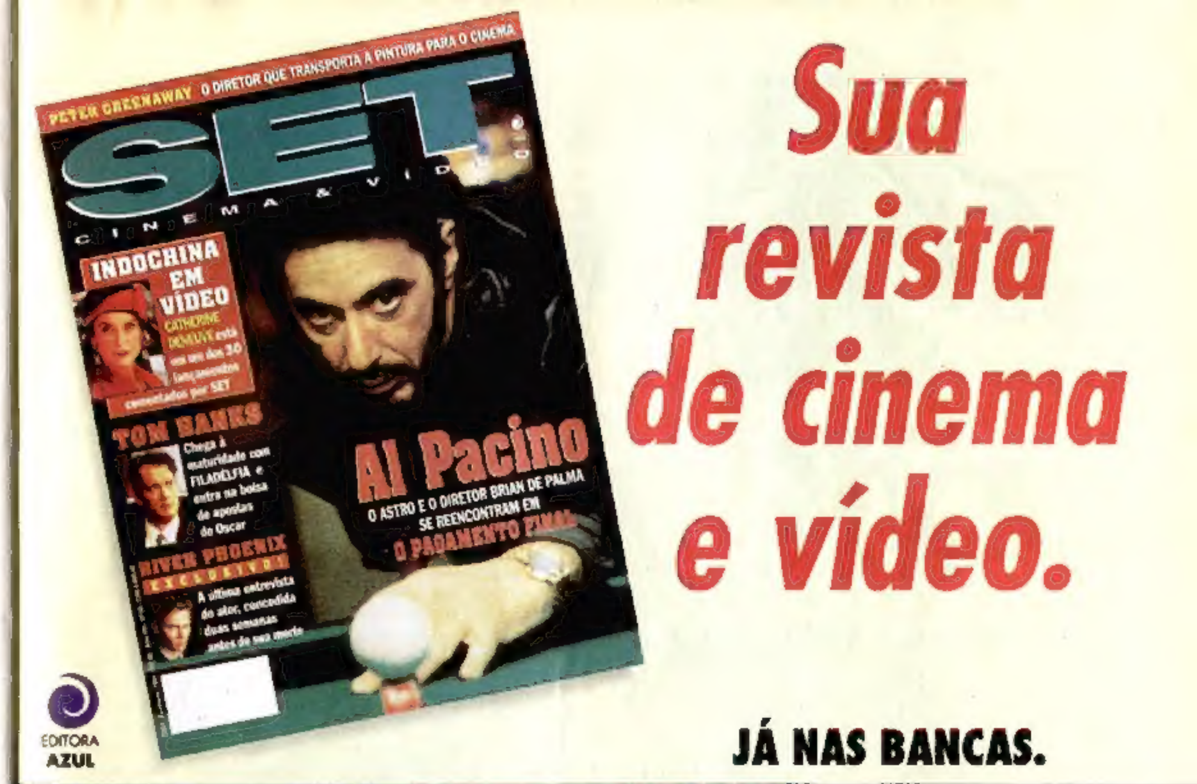
AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7866 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1533/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel. (021) 532-0213 - Fax (021) 532-1468 - CP 4816
Los Angeles (EUA): [illegible] N. Beverly Glen [illegible] - 90077 - Phone (213) 474 7831
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone (001212) 557-5990/5993 - Telex (00) 237670 - Fax (00121 2) 983 0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone (00331) 4266.31.18 - Telex (0042) 66073 - ABRILPA - Fax (00331) 4266 1359

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel. (061) 223 2134 - Fax (061) 225 0649
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32 7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - BH City Center - CEP 30 140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e fax (031) 224 9534
Paraná: M.V.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 252-4040 - Fax (041) 252 2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax (051) 223 9526
Santa Catarina: By Sprinter - Rua Dr. Adriano Daura Jorge, 9 - Cond. Village I - Florianópolis/SC - Tel. (0482) 32 0519



EM VIRTUDE DO GRANDE NÚMERO DE CARTAS RECEBIDAS, PUBLICAREMOS O RESULTADO DA PROMOÇÃO

aiwa

"ESTE SOM PODE SER SEU", NA EDIÇÃO Nº 104 (MARÇO) DA REVISTA

BIZZ

MORTE AO KRIEGER...

A carta de Alex Krieger publicada na BIZZ 100, é contraditória, estranha, típica de quem não sabe sobre o que escreve, não conhece de fato cultura nenhuma – nem a brasileira, e muito menos a de outros países – e ainda ousa compará-las. Nossos escritores e músicos são tão talentosos quanto os de qualquer outra nação. Não enxergar que talento não tem nacionalidade não é motivo para rotular Drummond e Villa-Lobos com adjetivos ("verme", "cemercê") que devem ter sido criados para o próprio Alex.

Ana Cláudia Vargas
São Paulo/SP

Não sou leitora assídua da BIZZ mas, ao ler o exemplar de novembro e me deparar com a carta do sr. Alex Krieger, me vi na obrigação de respondê-la. Os meus olhos simplesmente não puderam acreditar em seu discurso ignorante, reacionário e sem embasamento histórico. É incrível que existam pessoas que pensam daquela forma num país riquíssimo em cultura como o nosso.

Aconselho-o a ler mais, estudar um pouco e conhecer um mínimo da história de seu próprio país – para que também saiba identificar os verdadeiros "vermes" e "dementes" que se empenham em fazer com que nosso país nunca progrida.

Janaína Ravagnani
Curitiba/PR

Irônico! O pombo BIZZ informa que ninguém escreveu em defesa de Alex.

... E AO MARCEL PLASSE TAMBÉM

Confesso que fiquei indignado com a crítica do sr. Marcel Plasse ao Vs. do Pearl Jam. Marcel citou a conturbada "crise pós-mainstream" passada pela banda, além dos "louros" recebidos por eles. Até aí, tudo bem. Comparar as músicas deles a Helmet e Therapy? soa estranho, mas passível. Mas cair na "originalidade" de comparar uma faixa semi-acústica ao Led Zeppelin III. Será que todos que usarem violão serão sempre comparados a esse disco?

Mas quando se lê o que este senhor escreveu sobre "Glorified G" ("... bebe nos Stones funkeados dos anos 80"), ou quanto ao "R.E.M. xerox" – O que é isso? Comparar a seção rítmica de "W.M.A." aos Stone Roses é caso de polícia! O clima tribal (sugerido pela bateria) e a letra nervosa não têm nada em comum com a turma de Manchester! De onde que este cara tirou tamanho absurdo? O que me deixou indignado, enfim, não foi a cotonização do Pearl Jam (afinal, ele tem o direito de não gostar), mas sim o baixíssimo QI usado para exprimir as suas opiniões. A única bola dentro foi citar a grande influência do Led Zeppelin quanto aos riffs (e não quanto aos violões).

Da próxima vez, use argumentos plausíveis. Admiro muito o sr. Plasse, mas desta vez aposto que até mesmo quem odeia Pearl Jam torceu o nariz para a tal crítica.

Anônimo (a)

Marcel Plasse responde: Justo que estou em informação para gostar de Leonardo e Leonardo e odiar os Smiths uma merda. Mas não pretendo a repetição enquanto espero. No mínimo, foram perigosas as ligações entre Pearl Jam, Therapy?, Led Zeppelin, Stone Roses e U2. Mas a crítica está publicada e a repetição é maçante e redundante. Será que precisa ser mais claro?

Ao ridículo então: "Go" é Therapy? Vocês ouvem ao vivo, tenho os três discos e não estou viajando. Chocou a comparação com os Stone Roses? Desenterrem Chegue o baixinho de "Fool's Gold" e "One Love", que não são mixados com "W.M.A.", do Pearl Jam. R.E.M.? Só quem não conhece "Swan Swan H" tem cara de tirar uma. A abertura de "Elderly Woman" é idêntica. A "conexão", quanto ao Led Zeppelin, é boa. Mas o que me pega não é o violão. O terceiro disco deles marca a abordagem folk rock de 71 e define os rifts dos coisas pesados da banda, e isso desde o disco Ten. O Pearl Jam é o do college rock dos anos 80? Isso explica comparações como a de "Tenui" – à U2 – as comparações com Stone Roses, R.E.M., The Cult etc.

MAIS TEXTO!

Fiquei muito feliz quando o exemplar do número 100 da revista finalmente chegou: tinha uma entrevista com Gabriel O Pensador! Li no índice: BIZZ "passa a limpo a história do rap brasileiro". Passa a limpo? Em uma página não se manteve nem a letra de uma das músicas dele! Por que foto enorme e texto pequeno? A maioria das matérias são assim!

Claudiomir Manara
Porto Alegre/RS

TEMPO DE REGGAE

Finalmente, até que enfim, antes tarde do que nunca, etc.: a BIZZ resolveu dedicar uma coluna (Reggae Times) a um dos ritmos que mais cresce e se desenvolve no mundo!

Parabéns por um lado. Protestos por outro: vocês não acham que o reggae merece um espaço maior na revista? Afinal, ele não é só um "ritmo de verão".

Sheila Arandas
Salvador/BA

NOSSA MÁXIMA CULPA...

Com relação à música "Ain't It Fun", do álbum The Spaghetti Incident?, dos Guns N'Roses: ela tem nos vocais Axl Rose e Michael Monroe – e não Duff McKagan – como consta na BIZZ 100.

Fabiana Liz
Florianópolis/SC

FALANDO EM ENGANOS:

BIZZ 100

• Nos critérios usados para os 100 Álbuns Mais Vendidos, leitores reclamaram que best sellers como *The Dark Side Of The Moon* não entraram na lista.

Quem reclamou tinha toda a razão. Listamos mais de cem álbuns, com uma média entre os mais vendidos nos EUA e na Inglaterra. Por um erro na transcrição, o disco do Pink Floyd ficou de fora.

• Na página 12, sob o título *A Hora Do Rush*, dissemos que Phil Collins produziu e tocou teclados em "Power Windows", no disco *Counterparts*, de 93. Não há essa música no disco (*Power Windows* é um álbum de 85). E o produtor de *Counterparts* é Peter Collins – o mesmo de *Power Windows* e de *Hold Your Fire*.

BIZZ 101

• *Showbizz*, pág. 22, na nota sobre os Devotos De Nossa Senhora Aparecida, a foto não é da atual formação. E o crédito da dita cuja é de Rui Mendes.

• Hollywood Rock: devido à nossa data de fechamento, a grade na escalação do festival não incluiu o Sepultura. Pelo mesmo motivo, *Antenando* (pág. 47) não deu a programação correta dos shows. E o primeiro disco do Live é *Mental Jewelry*, não *Mental Jewerly*, como saiu.

• Ainda sobre *Antenando*: os shows de Pravda, O Rappa, Chico Science & Nação Zumbi, Os Raimundos e Pato Fu (SP, 9/12, BH, 12/12) não ocorreram. Idem para Dinosaur Jr., 4 Non Blondes etc. da programação inicial do M2000.

BIZZ 102

• No *Antenando*, de novo (pág. 53): mais uma vez, a escalação do Hollywood saiu errada, pelos mesmos motivos.

• *Index* (pág. 60): a nota do AC/DC remete a um "leia mais sobre o grupo na pág. 65". O mesmo com o Rush. Não havia mais nada sobre eles na revista.

• Pág. 62, *Soma De Discos*: as médias estavam erradas. As notas que alguns críticos não deram para determinados discos foram computadas como zero.

• *Cartas*, pág. 72: foi prometido um "caderno de verão" chamado HOT BIZZ, que não chegou a ser impresso.

• Esclarecimento: a "lenda" sobre o show dos Rolling Stones, em Altamont (69), é incorreta. Meredith Hunter foi morto pelos Hell's Angels ao som de "Under My Thumb", não de "Sympathy For The Devil".

Escrevam: BIZZ, A/C Cartas,
Av. Nações Unidas, 5777,
São Paulo/SP, CEP 05479-900.

O HAVAÍ É AQUI.

SURF É FLUIR.
NAS BANCAS

EDITORA AZUL

D.B

discoteca básica

AEROSMITH
Rocks

PERFORMANCE

Lançamento 1976 Produção Jack Douglas/Aerosmith **Faixas** "Back In the Saddle" • "Last Child" • "Rats In The Cellar" • "Combination" • "Sick As A Dog" • "Nobody's Fault" • "Get The Lead Out" • "Lick And A Promise" • "Home Tonight" **Notas** Na época que *Rocks* saiu, a banda tinha a agenda lotada de shows, já estourando nos EUA após conquistar o circuito Boston/Nova York • O sucesso do álbum – junto ao de seus antecessores – rendeu discos de platina a todos os quatro • Um pouco antes, foi a balada "Dream On" (do álbum de estréia) que alcançou a sexta colocação na *Billboard*, depois de obter apenas um modesto 59º lugar na parada três anos antes, quando foi lançada • Em 77, "Walk This Way" (do álbum *Toys In The Attic*, a primeira associação deles com o produtor Jack Douglas), alcançava o *Top Ten* nos EUA, repetindo a mesma façanha em 86, quando a faixa foi regravada pelo próprio grupo ao lado dos rappers do Run-DMC • Disco disponível em vinil, cassete e CD nos EUA, na Europa, no Japão e – pasmem – também no Brasil!

Serão os Rolling Stones? Ou o Led Zeppelin? Não... as honras aqui pertencem ao Aerosmith

O ano de 76 foi uma divisor de águas no calendário do rock. Os primeiros acordes do punk marcaram a ruptura com o passado de um gênero que evoluiu além de suas medidas. Mas nem todos os grupos que surgiram no início da década ou antes, haviam virado dinossauros ou então trocado a rebeldia por aquelas soníferas progressões sinfônicas.

Herdeiro direto do passado pesado do Led Zeppelin e dos Rolling Stones, o Aerosmith estava disposto a manter viva a tradição, com sua orgia de rock/adrenalina unindo seus amplificadores envenenados a distorções nos últimos limites.

O grupo surgiu em 70, como o trio Chain Reaction, em New Hampshire, EUA. Era composto por Steven Tyler (que na época, era o baterista), Joe Perry (guitarra) e Tom Hamilton (baixo). Com Tyler assumindo os vocais e a adição de Brad Whitford (segunda guitarra) e de Joey Kramer (bateria), eles encontraram a formação definitiva, que foi modelar seu som numa base que unia rock, blues, country, rhythm'n'blues e funk.

A discografia deles começou um tanto tímida com um par de álbuns: *Aerosmith* (72) e *Get Your Wings* (74), ficando promissora com *Toys In The Attic* (75). Mas foi em 76 que eles gravaram o álbum fundamental para seu vôo rumo ao estrelato. Unindo violência com sedução em doses arrebatadoras, *Rocks* produziu um efeito devastador na época de seu lançamento. Um disco pesado, mas bem balançado. O Aerosmith somava ótimas passagens melódicas e um *punch* vindo da música funk à selvageria explícita dos *riffs*.

A faixa de abertura, "Back In The Saddle" (com sua introdução ritualística, culminada pelos relinchos das guitarras), assim como "Sick As A Dog" tornaram-se clássicos.

Impossível apontar uma só música em todo o álbum que não atraísse o ouvinte a uma emboscada sem fuga de rock'n'roll. A voz esganiçada de Steven Tyler sugeria o grito de ordem de um sumo-sacerdote, comandando uma espécie de festival de imolações, angústias e tensões fulminantes.

A entrada macia de "Last Child" ameaçava uma balada, mas o baixo demolidor de Tom Hamilton confiscava a melodia inicial para os domínios do funk rock. Guitarras aceleradas davam a partida para o ritmo de "Rats In The Cellar". A festa seguia quando "Combination" irrompia em uma levada sensual, com vocais à beira do gozo. "Nobody's Fault" entrava com a fúria de um touro no meio da arena e – no clímax – a voz de Tyler cuspia uma seqüência de versos encadeados.

As tensões aquietavam-se no *boogie* de "Get The Lead Out", mas era retomada na floresta elétrica de "Lick And A Promise". Para encerrar, "Home Tonight" era uma última e desesperada tentativa de balada – desta vez bem-sucedida. O que era uma descarga incessante de energia acabava em uma dilacerante canção de amor.

Um disco que celebrava o tempo todo o espírito de rebeldia e diversão juvenis numa voltagem tão intensa não poderia ter outro nome. Com *Rocks*, o Aerosmith conquistou a fama de grande banda e conseguiu a forma definitiva para um som que iria seduzir multidões nos anos seguintes. *Eduardo Bastos*

O Seu Encontro
Com a Natureza
JOCKO'S
street & surf
R. Clodomiro Amazonas, 1168 - Loja 37 - Itaim - SP
CEP 04537-002 - Tel.: (011) 200-4079 - Fax: (011) 820-8608
FOTO: RAPOSO

SETE SETE CINCO
775
BRASIL
KLAUS
LOJAS EXCLUSIVAS